

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

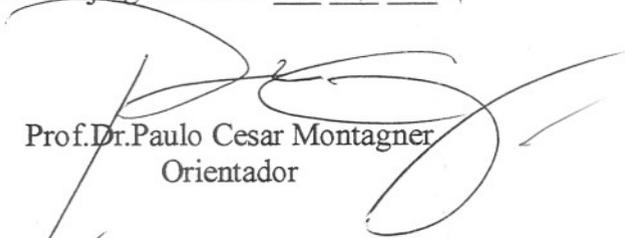
LEANDRO DE MELO BENELI

**BASQUETEBOL MASCULINO PAULISTA:
apropriação das características do esporte
profissional na estrutura organizacional das
categorias de base**

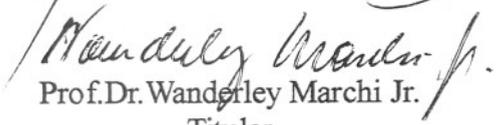
LEANDRO DE MELO BENELI

**BASQUETEBOL MASCULINO PAULISTA:
apropriação das características do esporte
profissional na estrutura organizacional das
categorias de base**

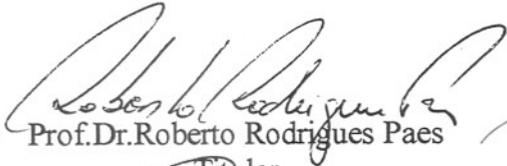
Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação de Mestrado defendida por
Leandro de Melo Beneli e aprovada pela
Comissão julgadora em: 28/09/2007



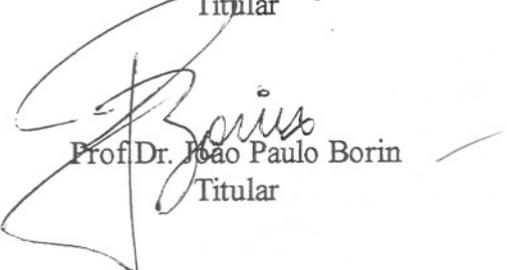
Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner
Orientador



Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr.
Titular



Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes
Titular



Prof. Dr. João Paulo Borin
Titular

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

B435b Beneli, Leandro de Melo.
Basquetebol masculino paulista: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base. / Leandro de Melo Beneli. -- Campinas, SP: [s.n], 2007.

Orientador: Paulo César Montagner.
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Esporte. 2. Basquetebol. 3. Categorias de base. 4. Profissionalismo nos esportes. I. Montagner, Paulo César. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(dilsa/fef)

Título em inglês: São Paulo masculine basketball: the appropriation of the characteristics from professional sport in the organization structure of the base's categories.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Sport; Basketball; Categories of bases; Professionalism in the sports.

Área de Concentração: Ciências do Esporte.

Titulação: Mestrado em Educação Física

Banca Examinadora: Paulo Cesar Montagner. Wanderley Marchi Jr. Roberto Rodrigues Paes.

Data da defesa: 28/09/2007.

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a minha esposa Daniela pelo seu amor e companheirismo nos momentos de alegria e nos momentos difíceis de nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

...primeiramente a Deus;

...aos meus pais, Beneli e Delma, e ao meu irmão Luciano e a Livian, que me permitiram ter um ótimo ambiente familiar;

...a minha esposa, Daniela, com quem convivi durante a elaboração desse estudo, e que sempre me apoiou nos momentos mais difíceis;

...ao meu orientador professor Paulo César Montagner, sem dúvida uma das pessoas mais importante que conheci na faculdade desde a época da graduação, sua ajuda, seus conselhos, foram imprescindíveis na escolha do tema e no desenvolvimento do estudo, e também pela sua amizade dentro e fora da faculdade;

...ao professor Roberto Rodrigues Paes, pelos seus conhecimentos, que tanto me ajudaram, e por ser além de um grande amigo, uma pessoa a quem procuro espelhar, uma referência não só para mim, mas para a grande maioria dos profissionais da Educação Física;

...ao professor Wanderley Marchi Jr, pelas suas contribuições através de seus estudos, que me influenciou na escolha do tema, e por se mostrar uma pessoa bastante conhecedora do assunto, e dessa forma auxiliar significativamente no desenvolvimento dessa dissertação;

...a Federação Paulista de Basketball (FPB), onde pude realizar a pesquisa documental que foi fundamental para a elaboração desse estudo;

...ao Sr. Enyo Correia presidente da Associação Regional de Basquetebol que fez a intermediação para que pudesse ser atendido na visita realizada a FPB;

...ao Sr. Leandro do Departamento de Registros da FPB pela sua paciência e prontidão para ajudar na busca por informações.

...aos meus grandes amigos, Chinês, Marcelinho, Marcelo Ferro, Flávio Mococa, Leandro Teixeira, Rogério Trinca, por ter tido a oportunidade de trabalhar com vocês, e que sempre me ajudaram nesta passagem da minha vida.

...aos meus amigos e amigas com quem convivi durante esses anos na pós-graduação, e que ajudaram no amadurecimento e na formação pessoal, Dú Fantato, João Nunes, Léo, Juca, Pedro, Fabiano, Fernanda Carone, Cássia, Jéferson, além de outros alunos da FEF com quem convivi durante esses anos.

...a todos os funcionários da Sociedade Hípica de Campinas, que de algum modo me ajudaram na construção desse estudo;

...a todas as pessoas que fizeram parte das equipes basquetebol que participei, aos atletas, aos meus técnicos, alunos, ex-alunos, que contribuíram com experiências, permitindo a produção desse material.

...aos meus grandes e eternos amigos, que foram extremamente importantes durante a minha vida, BH, Tulu, Paulinho, Trunfo, Fabiano e Daniel.

A todos vocês, muito obrigado.

BENELI, Leandro de Melo. **BASQUETEBOL MASCULINO PAULISTA: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

O esporte moderno passou por profundas transformações (mercantilização, profissionalização e espetacularização), sobretudo através do modelo capitalista, que modificaram suas estruturas buscando atender à demanda ávida pelo consumo deste fenômeno. Diante desse fato, observa-se a introdução de características do profissionalismo na organização institucional do basquetebol masculino brasileiro nas diversas áreas que abrangem a modalidade. Dessa forma, o objetivo geral desse estudo é discutir sobre a apropriação das características do esporte profissional nas categorias de base do basquetebol masculino paulista. Como objetivos específicos esse estudo buscará contextualizar a origem e o desenvolvimento do esporte moderno, referenciar a trajetória institucional de organização do basquetebol masculino brasileiro, e analisar a estrutura organizacional das categorias de base do basquetebol masculino paulista. Baseado na classificação metodológica realizada por Gil (2002) no tocante aos objetivos e aos procedimentos técnicos, este estudo optou pela pesquisa exploratória e pelos procedimentos: bibliográfico e documental. Este estudo contribui para a área das ciências do esporte, na medida em que propõe explorar o material bibliográfico em torno do tema, visando compreender esse fenômeno complexo, e organizar um estudo que promova a discussão destes questionamentos. No capítulo 1 será contextualizado o processo histórico, especificadamente, a formação e o desenvolvimento da “sociedade burguesa”, responsável por mudanças sociais que se refletiram nas práticas esportivas. Em seguida, serão discutidas as práticas esportivas iniciais e a forma como estas se organizaram em duas instâncias, na Europa (Inglaterra) e nos Estados Unidos (EUA). No terceiro tópico, o desenvolvimento do esporte moderno ao longo do século XX, permeando questões como a profissionalização e a espetacularização de algumas modalidades, inseridas na sociedade de massa e na sociedade de consumo. E por fim, apresentará o modelo da lógica capitalista de Jean Marie Brohm sobre o processo de transformação do esporte moderno. O capítulo 2 buscará contextualizar o desenvolvimento do basquetebol masculino no Brasil, abordando: a origem, a forma como a modalidade se institucionalizou no país e a trajetória da prática amadora para uma prática profissionalizada. Após a compreensão das transformações do esporte moderno e da organização do basquetebol masculino no Brasil, no capítulo 3 será elaborada uma discussão a respeito das categorias de base masculina do Estado de São Paulo, buscando entender como as relações estruturais e as mudanças na organização se estabeleceram neste cenário. Diante da discussão, percebe-se nessas categorias a presença de características da profissionalização do esporte, de maneira semelhante à categoria adulta: na organização do calendário anual, na maneira como se estruturam as equipes em relação às condições de treinamento e preparação para as competições, e principalmente, na forma de financiamento das equipes, dos atletas e dos profissionais envolvidos com a modalidade.

Palavras-Chave: Esporte; Basquetebol; Categorias de base; Profissionalismo no esporte.

ABSTRACT

The modern sport passed to an intense transformations (mercantilization, professionalization and espetacularization), through the capitalist model, modified their structures looking for attending the avid demand for the consumption of this phenomenon. Buy the way, it's observed in the institutional organization of basketball the introduction of characteristics of the professionalism. So, the general aim is to discuss the appropriation of the characteristics of professional sport in the male's base basketball categories from São Paulo. As specifics aims this study will be looking for contextualize the origin and the development of the modern sport, understand the institutional trajectory of male's Brazilian Basketball organization, and analyze the organizational structure of the male's base basketball categories from Sao Paulo. Based on the methodological classification accomplished by Gil (2002) about the objectives and to the technical procedures, this study opted for the exploratory research and for the bibliographical and documental procedures. This study contributes to the area of the sports sciences, since it intends to explore the bibliographical material around the theme, aiming to understand that complex phenomenon, and to organize a study that promotes a discussion of these subjects. In the first chapter it will be contextualized the historical process, the formation and the development of the "bourgeois society", responsible for social changes that reflected in the sporting practices. Afterwards, the practices sporting initials and the form as these were organized will be discussed in two instances, in Europe (England) and in the United States (USA). In the third topic, the development of the modern sport along the twentieth century, discussing linked subjects as a professionalization and espetacularization of some modalities, including into the mass society and consumed society. Finally, will be present the model of capitalism logic by Jean Marie Brohm about the process of the modern sport transformation. In the second chapter will be looking for contextualize the development of the male's basketball in Brazil, like: the origin, the form as the modality was institutionalized in the country and the trajectory of the amateur practice for a professionalized practice. After understanding this, in the third chapter will be elaborated a discussion about the base's categories in the State of Sao Paulo, reaching understand as the structural relationships and the changes in the organization established in this scenery.

Key-Words: Sport; Basketball; Categories of bases; Professionalism in sport.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organização e compreensão do planejamento da pesquisa.....	30
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultados nos Campeonatos Mundiais.....	97
Gráfico 2 - Resultados nos Jogos Olímpicos.....	97
Gráfico 3 - Títulos Estaduais (1960 – 2005).....	117
Gráfico 4 - Títulos Estaduais (1999 – 2005).....	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Equipes participantes do Campeonato Paulista de Basquetebol da divisão Especial	95
Quadro 2 - Início dos Campeonatos.....	109
Quadro 3 - Equipes participantes do Campeonato Estadual de 2007.....	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de Títulos nos Campeonatos Estaduais.....	111
Tabela 2 - Número de Equipes participantes nos Campeonatos da FPB.....	112
Tabela 3 - Comparação do número de Títulos Estaduais (Categoria Juvenil e Especial).....	117

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ACM:** Associação Cristã de Moços
- CBB:** Confederação Brasileira de Basketball
- CEF:** Caixa Econômica Federal
- CLT:** Consolidação das Leis Trabalhistas
- COB:** Comitê Olímpico Brasileiro
- COI:** Comitê Olímpico Internacional
- CSD:** Conselho Superior do Desporto
- EUA:** Estados Unidos da América do Norte
- FGV:** Fundação Getúlio Vargas
- FPB:** Federação Paulista de Basketball
- GSP:** Grande São Paulo
- NBA:** National Basketball Association
- NLB:** Nossa Liga de Basquetebol
- ONG's:** Organizações Não Governamentais
- PIB:** Produto Interno Bruto
- UNICAMP:** Universidade Estadual de Campinas
- URSS:** União das Repúblicas Socialistas Soviética

SUMÁRIO

Apresentação.....	15
Introdução.....	19
Pressupostos Introdutórios sobre Objeto de Pesquisa.....	20
Delimitação do Estudo.....	22
Metodologia do Estudo.....	23
Abordagem Sociológica.....	24
Pesquisa e Métodos.....	31
Referencial Teórico para a Construção do Estudo.....	34
 CAPÍTULO 1 - TRANSFORMAÇÕES DO ESPORTE MODERNO: DA ORIGEM À ATUALIDADE.....	 37
1.1 Desenvolvimento da Sociedade Burguesa.....	38
1.2 Contextualização do Esporte na Inglaterra e nos Estados Unidos.....	44
1.3 Esporte Moderno no Século XX: do profissionalismo à Espetacularização.....	52
1.4 Pressupostos Teóricos sobre o Modelo de Jean-Marie Brohm.....	68
 CAPÍTULO 2 - ORGANIZAÇÃO DO BASQUETEBOL MASCULINO.....	 77
2.1 Origem e Evolução do Basquetebol.....	78
Período do Amadorismo.....	79
2.2 Trajetória Institucional do Basquetebol Masculino Brasileiro.....	81
Período de Transição.....	82
Período do Profissionalismo.....	91
 CAPÍTULO 3 - ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DAS CATEGORIAS DE BASE DO BASQUETEBOL MASCULINO PAULISTA.....	 107
3.1 Organização das Categorias de Base no Estado de São Paulo.....	108
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 123
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 131
 ANEXOS.....	 137

APRESENTAÇÃO

Os primeiros contatos com o basquetebol foram realizados precocemente em Franca, Estado de São Paulo, cidade onde nasci e fui criado. Ainda quando criança, meu pai, que assim como a grande maioria dos francanos adorava essa modalidade, sempre me levava para assistir aos jogos da equipe adulta. Já aos oito anos de idade iniciei a prática sistemática em uma escolinha de basquetebol e aos 12 participei do meu primeiro campeonato organizado pela Federação Paulista de Basketball (FPB) na categoria Pré-mini. Nesse momento iniciava uma história que influenciaria demasiadamente a minha vida, no modo ser, nos valores e nas escolhas do meu futuro.

Ao longo dessa trajetória esportiva, participei intensamente de todas as categorias do basquetebol e até o final do ano de 2006 ainda jogava na equipe principal do Clube Campineiro de Regatas e Natação na cidade de Campinas, onde moro desde 1999, participando do Campeonato Paulista, perfazendo um total de 17 anos ininterruptos de prática da modalidade.

Essa proximidade com o esporte certamente influenciou na busca por estudar esta área que tanto me fascinava e motivava a busca pelo entendimento e compreensão do basquetebol em diversas frentes. Com a entrada no curso de Educação Física no ano de 1999 e pela passagem por essas categoriais mencionadas anteriormente, no segundo ano de Faculdade comecei a ensinar (estágio) basquetebol nas escolinhas do Tênis Clube de Campinas. No ano seguinte me transferi para outro clube da cidade, Sociedade Hípica de Campinas, primeiramente como estagiário e em seguida 2003 fui contratado pelo clube. Hoje sou coordenador de basquetebol nesse mesmo clube, e já trabalhei como técnico, assistente técnico e preparador físico de todas as categoriais da modalidade. Além da experiência com o basquetebol masculino, também trabalhei como assistente técnico e preparador físico na categoria adulta do basquetebol feminino no campeonato paulista durante duas temporadas.

Ao longo de seis anos de vida acadêmica, (quatro anos na graduação e dois anos no mestrado) como aluno do curso de Educação Física, compreendi a necessidade da pesquisa científica e do trabalho acadêmico, para o desenvolvimento do conhecimento e da sociedade.

A partir dessas experiências com a modalidade em que sempre estive presente, seja como atleta, como técnico, além de espectador e torcedor, surgiram inúmeras inquietações a respeito desta modalidade, sobre a sua origem, a forma como se desenvolveu, sua estrutura e organização, e recentemente, sobre as transformações ocorridas no esporte profissional.

Essa ampla experiência me motivou, já na graduação, a estudar de maneira mais profunda esse tema, para que pudesse entender a organização do basquetebol masculino no Estado de São Paulo. Não obstante, surgiram diversas dificuldades nesta trajetória de formação, mas destaco duas principais.

A primeira consiste no aprendizado científico do pesquisador, ou seja, na pessoa que está escrevendo, pois existiu certa ansiedade em “elaborar” um estudo que conseguisse suprir tanto as necessidades pessoais como as exigências acadêmicas, porém a complexidade de pensar de forma científica e o amadurecimento teórico no primeiro momento aumentaram a distância deste caminho a ser percorrido. Neste sentido, inúmeras questões e reflexões relativas ao tema, a priori, não puderam ser respondidas.

Em segundo lugar, a bibliografia escassa em torno de estudos sistematizados com reflexões mais profundas relacionados à organização do basquetebol no Brasil e, sobretudo no Estado de São Paulo, que levassem o leitor a um entendimento e compreensão das relações estabelecidas pela modalidade ao longo dos anos, por um lado dificultou a elaboração da pesquisa, mas por outro, motivou e incentivou-me na busca por estudar esse tema de forma concisa e organizar um estudo com essas características.

No decorrer dos anos, a intensa participação em campeonatos no Estado de São Paulo, a entrada em 2004 no programa da pós-graduação na Faculdade de Educação Física e o processo de formação acadêmica permitiram algumas reflexões mais consistentes sobre o tema. Além disso, destaco também as experiências no campo de trabalho, sobretudo, através de conversas, observações e discussões com outros profissionais (técnicos, preparadores físicos, dirigentes, atletas entre outros) que sem dúvida contribuíram para desenvolver o conhecimento de forma mais abrangente em torno do basquetebol. Desta forma, este estudo, além de promover um debate sobre questões ligadas ao basquetebol brasileiro e suas transformações ocorridas ao longo dos anos contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento científico, é principalmente uma realização pessoal, uma busca pessoal por certos entendimentos e compreensões.

Há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa. Podem, no entanto, ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática. As primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer. As últimas decorrem do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente e eficaz (GIL, 2002, p. 17).

Optei por inserir esse relato histórico na apresentação desse estudo, sem nenhuma pretensão de grandeza ou auto-afirmação, mas sim, para demonstrar o amor que tenho pela modalidade e principalmente a alegria que possuo em trabalhar nessa área. Sou uma pessoa muito otimista e quero contribuir com essa modalidade que tanto contribuiu e influenciou a minha vida. Sendo assim, essa realização pessoal que mencionei anteriormente passa pelo desejo de conhecer “mais e melhor” a modalidade. As dificuldades encontradas para a realização deste estudo fizeram com que ele se tornasse mais prazeroso, pois me motivou a tentar desenvolver de forma científica este tema, e também se “auto-desenvolver”, na busca por possíveis “respostas” ou “explicações” para estas inquietações.

INTRODUÇÃO

Pressupostos Introdutórios sobre Objeto de Pesquisa

Para entender o mundo esportivo atual e as suas relações estabelecidas ao longo do tempo, faz-se necessário uma compreensão em torno da origem e do desenvolvimento do esporte. Existem inúmeras definições de vários autores em relação ao “esporte”. Este estudo não se prenderá a definição restrita, tampouco, a uma discussão longa a respeito desse termo, mas buscará construir no decorrer do projeto uma base teórica para sustentar a discussão em torno do mesmo. Por uma questão metodológica, será utilizado o conceito de “esporte moderno” que se aproximará da definição elaborada por Marchi Jr (2001), entendida como uma prática esportiva em constante desenvolvimento, que se originou principalmente no século XIX, construída e determinada conforme uma orientação sociocultural e em franco processo de mercantilização, profissionalização e espetacularização.

Dessa maneira, o esporte moderno é entendido como uma instituição social que se originou a partir da revolução industrial na Inglaterra, passou por transformações, na medida em que a sociedade se transformou, tornou-se um espetáculo, através da mercantilização e da profissionalização de suas estruturas e dos aspectos que envolvem este fenômeno. O basquetebol, o objeto de estudo nessa pesquisa, possui suas peculiaridades em relação à origem e desenvolvimento da modalidade, e também se inseriu neste processo de profissionalização diante das transformações sócio-culturais ao longo do século passado.

Se por um lado, o processo de mercantilização, profissionalização e espetacularização, sobretudo através do modelo capitalista, transformaram o esporte moderno e modificou suas estruturas, ampliando as possibilidades nos diversos campos de atuação e buscando atender uma demanda ávida pelo consumo deste fenômeno, por outro lado, observa-se a introdução de características do esporte profissionalizado nas categorias de base¹ do basquetebol masculino paulista praticado de forma oficial². Essa assimilação das características do profissionalismo

¹ Existem sete categorias no basquetebol masculino no Estado de São Paulo, que antecede a categoria adulta ou principal, e utilizam como critério para esta divisão a idade cronológica, sendo elas, Pré-mini (12 anos), Mini (13 anos), Mirim (14 anos), Infantil (15 anos), Infanto-juvenil (16 anos), Cadete (17 anos) e Juvenil (18 e 19 anos). Para esse estudo adotou-se o termo “categorias de base”, também utilizado pela Federação Paulista de Basquetebol (FPB) e pelas Associações Regionais de Basquetebol (ARB), entidades responsáveis pelo basquetebol no Estado de São Paulo, referindo-se à fase ou etapa cronológica em que estes atletas encontram-se, em oposição à categoria principal, ou seja, todas as categorias anteriores à categoria adulta.

² Esse termo refere-se aos participantes das competições organizadas pela FPB ou pelas Ligas e Associações Regionais do Interior do Estado de São Paulo.

pelos categoriais de base dessa modalidade se torna cada vez mais presente, na medida em que sua estrutura organizacional também se insere nesse contexto social esportivo, e dessa forma se apropria dessas características.

De acordo com Gil (2002, p. 23) “toda pesquisa se inicia com algum tipo de problema ou indagação”. O autor ainda complementa que o problema ou indagação é, sem dúvida, um dos aspectos motivadores para a elaboração do estudo. Através de pesquisas durante a formação acadêmica e da experiência prática com a modalidade, surgiram algumas indagações a respeito da organização nas categorias de base do basquetebol paulista, a partir da inserção de características do esporte-profissional. Gil (2002) alerta ainda que existem problemas cuja resposta é importante para subsidiar determinada ação.

Diante dessa perspectiva, o problema para esse estudo é compreender como essas transformações do esporte moderno se processaram na modalidade (amadorismo para o profissionalismo, financiamento das equipes, mudanças e conseqüências advindas a partir desse contexto), ou seja, relacionar essas transformações, sobretudo o profissionalismo, à trajetória institucional de organização do basquetebol masculino. Portanto, parafraseando com Gil (2002), essa compreensão mais ampla em torno da organização da modalidade no Brasil torna-se importante, pois subsidiará e permitirá posteriormente, identificar características do esporte-profissional presentes na organização das categorias de base do basquetebol paulista. Dessa forma, o objetivo geral do presente estudo é:

- discutir sobre a apropriação das características do esporte-profissional nas categorias de base do basquetebol masculino paulista.

Por se tratar de um estudo exploratório e, sobretudo pela escassez de trabalhos científicos relacionados ao desenvolvimento e a estruturação do basquetebol brasileiro, pois os trabalhos, em sua maioria, não possuem a densidade necessária para uma reflexão mais consistente³, este estudo possuirá como objetivos específicos:

³ As referencias bibliográficas referentes ao basquetebol possuem algumas características. 1 – Característica tecnicista que se utiliza de exemplos de exercícios e situações de jogo para ensinar a modalidade; 2 – Bibliografia a partir de fatos (relatos) históricos ou experiências vividas sobre o basquetebol; 3 – Relacionadas à metodologia

- contextualizar a origem e o desenvolvimento do esporte moderno
- referenciar teoricamente a trajetória institucional de organização esportiva do basquetebol masculino no Brasil;
- analisar a estrutura organizacional das categorias de base do basquetebol masculino paulista, a partir do processo de profissionalização da modalidade.

Este estudo contribui para a área das ciências do esporte, na medida em que propõe a discussão da trajetória institucional do basquetebol masculino brasileiro, e da estrutura organizacional das categoriais de base do basquetebol paulista. Existem dados, entrevistas, documentos, artigos, dissertações, teses, livros e relatos históricos sobre o basquetebol, porém os estudos nessa área de atuação, ou seja, sobre a organização institucional da modalidade, apenas apresentam os fatos históricos, e não se preocupam em utilizar de forma sistematizada estes referenciais bibliográficos existentes, sendo assim, não possuem uma reflexão e compreensão teórica no corpo do trabalho.

Questões como essas constam nas inquietações desse estudo, dispendo a profundidade do tema, que não se restringe aos apontamentos, mas amplia-se a discussão profunda sobre a organização esportiva do basquetebol masculino no Brasil. Desta forma, este estudo buscará explorar esse material bibliográfico em torno desta temática, visando, sobretudo à compreensão deste fenômeno complexo e promover a discussão desses objetivos.

Delimitação do Estudo

Delimitou-se o Estado de São Paulo por ser o Estado em que o autor do estudo participou ativamente dos campeonatos oficiais e continua atuando de forma intensa no basquetebol e, dessa forma, poderá contribuir com seu conhecimento empírico referente ao tema. O basquetebol Paulista foi escolhido também porque de acordo com Vidal (1991) há muitos anos é o grande centro do basquetebol brasileiro, formando a maioria dos atletas que têm defendido a seleção

nacional nas categorias de base. Esse autor aponta algumas considerações sobre o basquetebol brasileiro e a sua prática no Estado de São Paulo:

A situação do basquetebol brasileiro é numa palavra trágica. Num país de dimensões tão grande como o nosso essa atividade praticamente se restringe a um Estado. São Paulo que, na realidade, é a própria razão de ser do basquetebol brasileiro. A prática desse esporte em São Paulo é grande, se comparada à outros estados, mas é pequeno tendo em vista a potencialidade desse estado, sem dúvida o mais desenvolvido e o mais populoso do país. Nos outros, a situação é bem pior, inexistindo basquetebol em diversos deles ou então sua prática é tão reduzida que sua presença não se faz sentir. Aí está a razão pela qual todas as seleções nacionais, desde as infantis e juvenis até adultas, tanto masculinas como femininas, são formadas por atletas de São Paulo, [...] (VIDAL, 1991, p. 17-18).

De acordo com Vidal (1991) o basquetebol paulista pode ser considerado uma referência da modalidade em nível nacional, e dessa maneira permite a realização de uma discussão relevante em torno das categorias de base. Após 16 anos percebe-se que no cenário do basquetebol brasileiro, o Estado de São Paulo ainda mantém a hegemonia da modalidade, em relação à organização, estrutura e resultados. A título de exemplo e para comprovar essa representatividade do basquetebol paulista atualmente, observa-se que os campeonatos de seleções estaduais organizados pela Confederação Brasileira de Basketball (CBB) em sua maioria são conquistados pela seleção paulista, tanto na categoria Infanto-juvenil como na categoria Juvenil masculino. Do ano de 2000 até o ano de 2006, todos os títulos brasileiros de seleções foram conquistados pela seleção paulista, em ambas as categorias, com exceção do ano de 2001 na categoria infanto-juvenil, que a seleção paulista terminou em 3º lugar⁴.

Metodologia do Estudo

Esse tópico de apresentação da metodologia será dividido a partir de dois princípios norteadores. Na primeira parte, serão discutidos aspectos ligados à abordagem sociológica na tentativa de esclarecer alguns pressupostos sobre este campo teórico e articular com objeto de estudo, buscando proporcionar condições para sustentar as discussões e alcançar o objetivo proposto para o estudo. Essa abordagem sociológica torna-se importante, pois a origem e o desenvolvimento do esporte possuem estreitas relações com a sociedade. Sendo assim, a

⁴ Estas informações estão disponíveis em: <http://www.cbb.com.br/competicoes.asp>. Acesso em: 05 mai. 2007.

discussão dessas relações permitirá o entendimento das transformações ocorridas no esporte-moderno e de suas características atuais.

Na segunda parte serão discutidos aspectos referentes à metodologia para o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, a classificação de acordo com os objetivos propostos, além dos procedimentos técnicos e métodos utilizados para a realização deste estudo. A classificação da pesquisa e a apresentação dos métodos e procedimentos técnicos utilizados neste estudo permitem esclarecer o planejamento da pesquisa e execução do trabalho.

Abordagem Sociológica

Na busca pela contextualização da trajetória histórica do basquetebol masculino brasileiro, este estudo utilizará uma abordagem sociológica, qual seja a sociologia política de Jean Marie Brohm, que permite compreender as relações entre o esporte, mais precisamente o basquetebol, com o desenvolvimento da sociedade.

Para Betti (1991) o Esporte é, sem dúvida, um campo propício para empregar estratégias de pesquisas aplicadas, críticas e avaliativas. As estruturas de poder e exploração no esporte precisam ser estudadas, e não há razão para que os sociólogos do esporte não atuem como críticos, desmistificadores e conscientizadores.

Lakatos e Marconi (1982, p. 28) comentam sobre os objetivos da sociologia política e abordam sobre algumas possibilidades de estudos nesse campo:

Estuda a organização política de diversos tipos de sociedade, as implicações sociais das várias espécies de movimentos políticos e de ideologias; origem, desenvolvimento e funções do Estado em seus aspectos teóricos e práticos de organização; as inter-relações entre Estado e Direito, Política, Economia, com especial destaque das relações de dominação e subordinação, liberdade e coação.

Brohm (1976) apresenta seu trabalho como um “ensaio da sociologia política do esporte”, e diante disso, surge a principal dificuldade metodológica presente na possibilidade de estabelecer um trabalho científico que conseguisse respeitar os critérios gerais da ciência, pois essa tem a pretensão de ser neutra, imparcial, objetiva e universal, enquanto que a política tem sempre um caráter axiológico determinado por um sistema de valores e “valências” ideológicas e

culturais e, portanto, é parcial, comprometida, subjetiva e às vezes limitada a interesses de grupos e de poder.

Entretanto, de acordo com o autor, nas ciências humanas o sujeito e objeto de investigação estão dialeticamente unidos e são parcialmente idênticos. “As ciências humanas não observam formigas ou abelhas, senão homens que vivem em uma comunidade social da qual faz parte o investigador. Existe, pois, unidade entre o objeto e o sujeito da investigação” (BROHM, 1976, p. 9). Essa é a razão pela qual essa equação pessoal (objeto – investigador) possui um papel significativo nas ciências humanas, expressando um caráter de intersubjetividade entre os dois elementos, e assim, o investigador a partir de suas inquietações, indagações e de seus valores, possui papel fundamental para o desenvolvimento desse campo teórico.

Torna-se importante mencionar a leitura da obra de Vasconcellos (2005), “Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência”, que traz relevantes contribuições para o desenvolvimento da epistemologia, além de uma visão diferenciada sobre o pensamento científico, não como utilização de uma teoria metodológica no estudo, mas como uma forma de “pensar”, que de maneira significativa, influenciou a observação do pesquisador em torno do fenômeno estudado e, conseqüentemente, no modo como esse entendimento se desenvolveu e se transferiu para o presente estudo. A autora propõe pensar uma ciência pós-moderna ou como ela denomina a “ciência novo-paradigmática emergente” baseada em três pressupostos: complexidade, instabilidade e intersubjetividade. Vasconcellos (2005) coloca que no pressuposto da intersubjetividade o pesquisador reconhece que não existe uma realidade independente de um observador e que o conhecimento científico do mundo é uma construção social em espaços consensuais, por diferentes sujeitos/observadores, ou seja, a realidade é ou pode ser diferente para cada observador. Como conseqüência, o cientista coloca a subjetividade ou como a autora expõe a “objetividade entre parênteses”, e trabalha admitindo múltiplas versões da realidade, em diferentes domínios lingüísticos de explicações.

A experiência do investigador com o basquetebol ao longo destes anos, através da prática e da vivência com outros técnicos, jogadores, atletas, professores, alunos e amigos, além da formação acadêmica, tornam-se relevante na medida em que permite o crescimento intelectual e sem dúvida proporciona a inclusão destas experiências e destes dados empíricos no interior do

estudo. Entretanto, Romanelli (1986, p. 16) explica que a mera descrição dos fatos não tem sentido “se eles não receberem um esforço de compreensão que evidencie seus significados”.

Brohm (1976, p. 9) coloca que contrariamente a ciências positivistas, o objeto social e humano é “eminente histórico e transitório”, ou seja, é dinâmico, e sofre constantes modificações. Diante disso, não deve se limitar a simples constatação de um dado ou fato histórico (positivista). Sempre devem ser analisadas as tendências contraditórias da evolução que implica em possibilidades sobre o tipo de desenvolvimento que se almeja estudar, dessa forma, ampliar o foco de estudo em torno do fenômeno observado. “A categoria da possibilidade objetiva é uma categoria central das ciências humanas, e não só se analisam os dados positivos, senão também um horizonte aberto de possibilidades indeterminadas” (BROHM, 1976, p. 10).

É evidente que não se estuda da mesma forma uma sociedade primitiva, que nos encontramos relativamente desligados, que a própria sociedade industrial capitalista que estamos cotidianamente imersos e cujo futuro é determinante para a investigação prevista. Por conseguinte, o destino desta sociedade nos interessa. Estas considerações nos levam a pensar que não é a política uma calamidade para a investigação científica objetiva, que são, por uma parte, a “politização” abusiva, e por outra, a inconsciência sobre a política própria (BROHM, 1976, p. 10).

Em sua obra, Brohm (1976) parte de um ponto de vista político em seu sentido mais amplo, não se situando em um ponto de vista do “positivismo reinante de ordem estabelecida” que segundo o autor, se contenta em fazer apologia ao sistema, tratando o esporte do ponto de vista da “crítica” ou da “utopia negativa”. E acrescenta ainda baseando-se em Marx que “o estágio superior indica a via dos estágios inferiores e lhes dão significados” (BROHM, 1976, p. 10). Dessa forma, o autor busca no movimento de contestação do esporte os seus significados, o que permite esboçar uma interpretação científica do conjunto.

Brohm apesar de ser um autor que fundamenta sua obra no marxismo aponta críticas em relação alguns autores, que admitem a partir de uma concepção tipicamente ideológica, o esporte “como uma entidade neutra, acima dos conflitos de classes, dos interesses políticos, acima da sociedade e da história” (BROHM, 1976, p. 61). Para a maioria desses autores, incluindo os marxistas, o esporte é visto como um subsistema autônomo do sistema capitalista, ainda que mesmo profundamente corrompido por ele (chauvinismo e mercantilismo), pode ser salvo por uma política distinta a serviço da cultura. “Basta instaurar uma democracia avançada que abra a

via do socialismo, para ver a instituição esportiva (capitalista) totalmente metamorfoseada pelas virtudes purificadoras do programa comum” (BROHM, 1976, p. 60).

Incluí-se o autor J. Le Floch que acredita em uma temporalidade linear e descreve a gênese do esporte através das épocas, sendo as formas esportivas modernas, produtos diretos das formas da antiguidade. O historiador Bernard Gillet concorda com a tese de Floch e acredita que o esporte aparece em sua forma mais pura dos tempos gregos. Pressupõe o caráter histórico e transitório do esporte como a religião ou o Estado (BROHM, 1976).

Ainda incluem-se os ideólogos do Partido Comunista Francês (PCF), que admitem uma história do esporte de maneira linear, e se esforçam para negar toda a “profundidade da raiz de classe”. Para eles o esporte é uma necessidade humana ancestral, e se desenvolvem sem nenhuma ruptura fundamental, sem respeitar as rupturas dos diferentes modos de produção estabelecidos ao longo dos tempos. Em contrapartida, Brohm (1976) apresenta em seu trabalho, autores que se apóiam no “marxismo revolucionário” e entendem que a burguesia utiliza o esporte para seus próprios fins, e esses denunciam a “utilização” e a “confiscação” do esporte como instrumento de dominação de classes (BROHM, 1976).

A conclusão das teses desses autores mencionados anteriormente, contempla “um desvio do esporte neutro por uma classe social com fins políticos partidários”, ou seja, o esporte havia sido confiscado, pervertido, degradado por toda classe de abusos e excessos. Brohm (1976, p. 62-63) explica que se fosse dessa forma, “bastaria arrancá-lo pela via revolucionária das mãos da burguesia dominante ou reformá-lo democraticamente desde seu interior para devolver sua pureza original”.

Brohm (1976) acredita que não se pode dissociar o esporte das relações sócias, pois o esporte insere nessas relações sociais e as relações sócias determinam o esporte. Dessa forma, o autor busca mostrar a relação consubstancial do sistema esportivo com o modo de produção capitalista e com o aparato do Estado atual. “O esporte é uma fonte superestrutural essencial dessa sociedade e é impossível conceber uma ilha de cultura ‘neutra’ em um oceano capitalista”.

Na busca por construir uma teoria geral do esporte, Brohm trata o esporte nos países capitalistas da mesma maneira que nos países socialistas. “Para nós, o esporte socialista é estritamente idêntico ao esporte capitalista” (BROHM, 1976, p. 13). A justificativa do autor é que as sociedades socialistas são *sociedades capitalistas de Estados totalitários*. As superestruturas

políticas são basicamente as mesmas, diferem no monolitismo do partido único, e sendo assim as conclusões são válidas para os dois sistemas. Para o autor todas as formações sociais tendem a se locomover para o mesmo tipo de sistema esportivo, pois apesar das diferenças políticas, possuem as mesmas relações de produção.

Apesar desse aspecto ser no mínimo questionável, ao relacionar o referencial teórico de Brohm ao tema deste presente estudo, qual seja o basquetebol masculino brasileiro, percebe-se que o Brasil é um país essencialmente capitalista, diante do seu processo de colonização (Europa Ocidental - Portugal) e pela forte influência sócio-cultural e política da sociedade Norteamericana. Sendo assim, o modelo de Brohm está condizente com as características institucionais do Brasil e, portanto, aplicável as suas estruturas e funcionamentos.

O objeto do trabalho de Brohm é essencialmente o de compreender as estruturas e o funcionamento interno da instituição esportiva como “feito social total” Dessa forma, o autor aponta três problemas. O primeiro é que o esporte possui uma direção unidimensional, ou seja, “marcha sempre adiante” e sua história estabelece progressos continuamente sendo renovados.

A segunda dificuldade de acordo com Brohm, é analisar a partir da sociologia política do esporte o motivo pela qual todas as formas sociais avançadas ou em desenvolvimento, sem se importar com suas relações internas, adota princípios similares nas superestruturas do sistema esportivo⁵, baseado na produção de campeões e na maximização do rendimento. A respeito desta inquietação, a principal hipótese de Brohm (1976, p. 63) é que:

O sistema esportivo em vias de mundialização é o reflexo da universalização e da extensão para todas as formas sociais do globo o modo de produção capitalista, porque as categorias mercantis correspondentes a esse modo de produção determinam as leis de funcionamento do sistema esportivo.

E por último, analisar em detalhes as contradições que atravessam de parte a parte a instituição esportiva. Essas contradições podem ser institucionais, que influenciam no funcionamento do sistema esportivo, que não é homogêneo e está imbricado por todos os tipos de conflitos como: entre os clubes, clubes e federações, clubes e empresários (patrocinadores) e,

⁵ Como exemplos podem ser citados o associativismo para a formação dos clubes, associações de clubes formando as federações, a associação das federações formando as confederações, ou seja, as estruturas vão formando as superestruturas na busca por atingir seus objetivos.

sobretudo, “esportistas de base e as autoridades esportivas, especialmente no esporte profissional, em que essas relações são verdadeiras relações de classe entre assalariados e empresários” BROHM, 1976, p. 64).

Outras contradições apresentadas por Brohm são: contradições políticas, para o autor a instituição esportiva é “totalmente política”, contradições de funcionamento como incoerências e conflitos (sindicalismo, contestação, coalizão de jogadores rebeldes, brutalidade) e contradições intrínsecas da própria atividade esportiva (limites da competição e uso do doping). Até esse momento torna-se importante a apresentação de alguns pressupostos da abordagem sociológica baseada na sociologia política de Jean-Marie Brohm, não obstante, esse modelo da lógica capitalista será discutido posteriormente e relacionado ao desenvolvimento institucional do basquetebol masculino.

Para a compreensão da organização das categorias de base do basquetebol masculino, existe a necessidade de entender o contexto em que esta se desenvolveu e as relações estabelecidas ao longo de sua história. Torna-se impossível estudar de forma mais profunda as categoriais de base através de uma mera simplificação de suas relações ou ainda, desprezar suas interligações com outros fenômenos. Propõe-se a contextualização de um fenômeno buscando a ampliação do foco de pesquisa, ou seja, o pesquisador deve observar as circunstâncias em que os fenômenos ocorrem e as relações estabelecidas entre eles. Não deve observar, portanto, mais um único fenômeno, mas sim uma teia de fenômenos interligados, e terá diante de si a complexidade do sistema.

A proposta para o estudo será contextualizar o esporte moderno desde sua origem na Inglaterra até o momento atual com suas transformações ao longo dos anos, a partir desse referencial sociológico que permita entender o desenvolvimento e a complexidade das relações sociais estabelecidas para a sua organização. A compreensão da formação da “sociedade burguesa” é necessária para entender a origem do esporte, suas necessidades e a forma como este se institucionalizou. Da mesma forma, a discussão sobre a formação da “sociedade de massa”, da “sociedade de consumo” e da globalização, torna-se necessária para entender o desenvolvimento do esporte moderno, baseado no conceito de Marchi Jr. (2001), ou seja, em franco processo de mercantilização, profissionalização e espetacularização. Ao distinguir o dinamismo das relações

presentes no sistema esportivo, o pesquisador observará um processo em curso, um fenômeno em constante mudança, assumindo assim a instabilidade do sistema.

Para estudar a organização das categorias de base, portanto, torna-se necessário remeter ao contexto anterior, buscando compreender o processo de evolução do esporte e das características presentes nesta modalidade. A figura 1 a seguir demonstra a visão do planejamento da pesquisa para a compreensão da organização do basquetebol masculino paulista, bem como suas relações com estas esferas abordadas anteriormente.

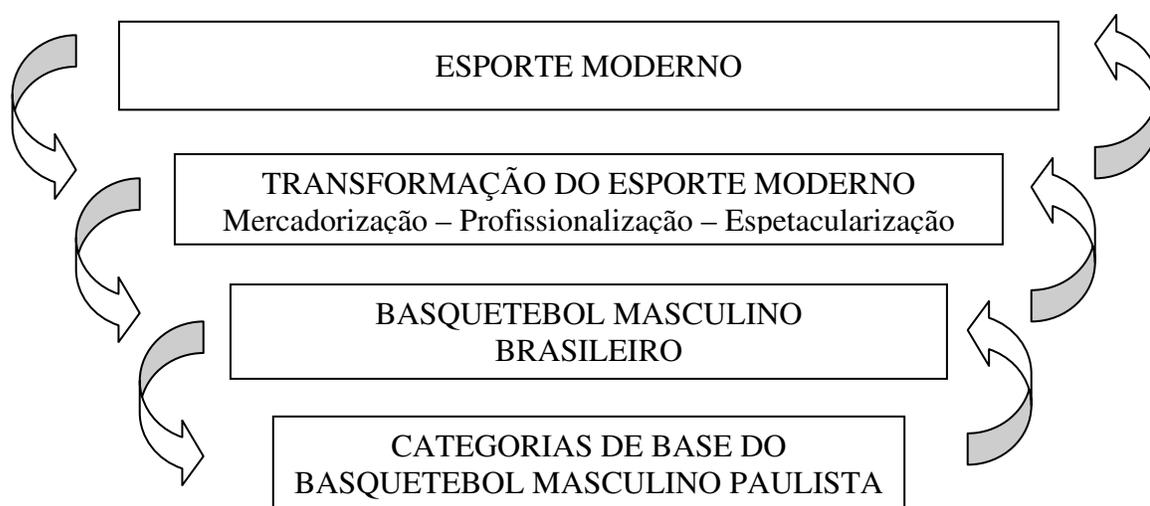


Figura 1 – Organização e compreensão do planejamento da pesquisa

Desse modo, esse estudo “tratará” o sistema esportivo a partir de três referenciais: contextual, em oposição à simplificação; processual, dado as constantes modificações e instabilidade do sistema; e ainda, relacional, pois está necessariamente relacionado ao investigador/pesquisador que interage com os fenômenos para a elaboração da pesquisa. Ao reconhecer sua própria participação na constituição da realidade, o pesquisador se inclui verdadeiramente no sistema, com o qual passa a estabelecer uma relação de intersubjetividade do fenômeno com que trabalha.

Pesquisa e Métodos

Nesse tópico serão discutidos aspectos relativos à pesquisa e apresentados os procedimentos metodológicos para a sua realização. Existem diversos autores que discutem a metodologia do trabalho científico, possuem diferentes classificações, diferentes abordagens e diferentes terminologias para o mesmo elemento. Este estudo utilizará Gil (2002) como referencial teórico para a sua construção metodológica. De acordo com esse autor a pesquisa pode ser definida como um procedimento racional e sistemático que objetiva proporcionar respostas a problemas propostos. Essa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para solucionar os problemas, ou a informação se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Gil (2002) classifica a pesquisa de duas formas, com base nos seus objetivos e com base nos procedimentos técnicos. Com relação aos objetivos da pesquisa este autor apresenta três tipos: pesquisa exploratória, pesquisa descritiva e pesquisa explicativa. Sobre a pesquisa exploratória e seus objetivos Gil (2002, p. 41) explica que:

Estas pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. [...] Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Desta forma, os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema e, apesar de aparentemente simples, não eliminam os cuidados rigorosos no tratamento científico dado pelo pesquisador na realização da pesquisa (TRIVINOS, 1992). Cervo e Bervian (2002, p. 69) relatam ainda que “a pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma”.

Conforme apontado anteriormente o objetivo geral é discutir sobre a apropriação das características do esporte-profissional nas categorias de base do basquetebol paulista. Observa-se que na busca pela ordenação das informações pertinentes ao objetivo proposto, há a necessidade de explorar de maneira racional e sistemática este campo teórico, cujas informações não estão disponibilizadas sistematicamente, ao ponto de elaborar uma discussão efetiva e consistente sobre

a trajetória de organização da modalidade, que proporcione subsídios para esclarecer essa temática.

Diante disso, esse estudo, de acordo com a classificação de Gil (2002) relacionada aos objetivos da pesquisa, possui características da pesquisa exploratória. A classificação da pesquisa é útil para estabelecer o seu marco teórico e possibilitar uma aproximação conceitual, desta forma, facilitar o entendimento por parte do leitor através do esclarecimento relacionado às etapas da pesquisa.

Dentre os procedimentos técnicos para a realização da pesquisa Gil (2002) apresenta a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, escolhidas para este estudo. Mattar (2001) inclui o levantamento bibliográfico e o levantamento documental como métodos utilizados pela pesquisa exploratória e acrescenta que este tipo de pesquisa possui procedimentos que são bastante amplos e versáteis. Sobre a pesquisa bibliográfica e suas finalidades Lakatos e Marconi (1995, p. 183) explicam que:

A pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que já foi escrito, dito, e filmado, para que este possa resolver, não somente problemas já conhecidos, como explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente. Desta forma este tipo de pesquisa não é uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame e análise de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

A pesquisa bibliográfica terá importância significativa como técnica metodológica para o desenvolvimento da pesquisa e solução dos problemas apresentados neste estudo. Haverá a necessidade de realizar uma contextualização sobre o processo histórico, desde a origem do esporte moderno até a organização atual do sistema esportivo, transferindo essa discussão para a trajetória de organização do basquetebol masculino no Brasil. Gil (2002, p. 44-45) esclarece sobre formas de utilização da pesquisa bibliográfica relacionadas aos fatos históricos.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituídos principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida com pesquisas bibliográficas.

E a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos

Além da pesquisa bibliográfica, será realizada também a pesquisa documental com a intenção de obter dados relacionados às categorias de base do basquetebol masculino paulista. Segundo Gil (2002, p. 45) a pesquisa bibliográfica assemelha-se muito à pesquisa documental. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes, enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com o objetivo da pesquisa.

Alguns autores como Cervo e Bervian (2002), Ruiz (2002), Alvarenga e Rosa (2001), entre outros, não fazem nenhuma distinção entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental e consideram livros, dissertações, teses, documentos impressos, documentos pessoais, cartas, revistas, jornais, como fontes bibliográficas. Lakatos e Marconi (1995) classificam ainda estes dois procedimentos técnicos, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, dentro da técnica da documentação indireta. Essa técnica consiste no levantamento de dados, de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas.

Gil (2002) explica que a análise dos dados na pesquisa documental deve ser feita em observância aos objetivos e ao plano da pesquisa. O autor ainda acrescenta que a pesquisa documental possui objetivo mais específico, e a pesquisa bibliográfica, diferentemente, costuma ser desenvolvida como parte de uma pesquisa mais ampla. Este fato justifica a utilização da pesquisa bibliográfica, buscando contextualizar os fenômenos em torno do esporte, e também a utilização da pesquisa documental para a obtenção de dados mais específicos sobre as categoriais de base do basquetebol masculino paulista.

Dessa forma, como parte do plano de pesquisa, será realizada uma pesquisa documental na base de acervos da FPB, buscando dados sobre as categorias de base do basquetebol masculino. Em seguida, as informações obtidas serão relacionadas ao referencial teórico deste estudo, para posteriormente, proporcionar uma reflexão sobre as transformações ocorridas no esporte moderno, e discutir sobre a apropriação das características do esporte-profissional na organização das categorias de base do basquetebol paulista.

Referencial Teórico e Apresentação dos Capítulos

Nesse tópico serão apresentados os referenciais teóricos utilizados para a elaboração deste estudo, além da forma como os capítulos foram organizados.

O capítulo 1 discutirá as práticas esportivas iniciais e a forma como estas se organizaram em dois países, na Inglaterra (Europa) e nos Estados Unidos da América do Norte (EUA). Torna-se importante perceber a forma como ocorreu o processo de desenvolvimento do esporte nestes dois países, suas diferenças e peculiaridades, além dos locais e instituições que propiciaram o surgimento de algumas modalidades. Porém, para subsidiar esta discussão, primeiramente será contextualizado o processo histórico, especificamente, a formação e o desenvolvimento da “sociedade burguesa”, responsável por mudanças sociais que se refletiram nas práticas esportivas. Em seguida, ainda no primeiro capítulo, apresentar-se-á uma discussão sobre o esporte moderno ao longo do século XX, abordando questões ligadas a organização da sociedade de massa que proporcionou, devido a estas transformações sociais, a profissionalização de algumas modalidades já no início do século XX, culminando com o processo de espetacularização do esporte. Este referencial histórico sobre a origem e o desenvolvimento do esporte moderno torna-se importante na medida em que aproxima o leitor e permite que este compreenda o processo ocorrido e relacione com os acontecimentos atuais.

Para tanto, serão utilizados como referencial teórico os autores Eric Hobsbawm que faz uma reflexão histórica sobre as transformações na sociedade e a origem do esporte, e Marcelo Weishaupt Proni que em sua tese de doutorado intitulada “Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa” desenvolve uma discussão a cerca da origem do esporte moderno e do surgimento do Esporte-Espetáculo. Para a discussão sobre a origem do esporte na Europa, Proni (1998a) se baseia no cientista social Christian Pociello, e para o estudo sobre o desenvolvimento do esporte nos EUA, o autor se fundamenta no historiador e crítico social Christopher Lasch. Não obstante, outros autores também serão reverenciados na busca da contextualização do processo histórico em torno da origem e do desenvolvimento do esporte.

Após essa explanação histórica, será apresentada no final do capítulo 1 a principal obra do sociólogo Jean Marie Brohm, “Sociologia Política do Esporte” publicada em 1976, que aborda aspectos referentes ao processo de transformação do esporte moderno como: a mercadorização do esporte, a utilização ideológica, as demandas advindas do profissionalismo e suas relações com a

lógica capitalista burguesa. A compreensão destas transformações ocorridas no esporte moderno e das características da profissionalização advindas a partir desse fenômeno é imprescindível para atingir o objetivo proposto para esta pesquisa.

No capítulo 2, a partir desse referencial sociológico será discutida a trajetória institucional de organização do basquetebol no Brasil abordando aspectos relacionados à origem, à forma como a modalidade se institucionalizou no país e o desenvolvimento da prática amadora para uma prática profissionalizada. Como forma metodológica para apresentar e discutir essa temática estabeleceu-se a divisão de três períodos distintos baseando-se em Marchi Jr. (2001) e Proni (2000), que propõem indicadores sobre o processo de transição do esporte amador para o profissionalismo no Brasil.

Dessa forma, a primeira etapa, até o início da década de 70, foi denominada de “período do amadorismo” cujas práticas esportivas não possuíam sistematização, e eram vistas como entretenimento para uma classe delimitada de praticantes.

Em seguida, da década de 70 até o final da década de 80, estabeleceu-se o “período de transição”, devido à configuração apresentada pela modalidade, que apesar de apresentar tentativas em busca de organizar a estrutura do basquetebol, inserindo algumas características do profissionalismo como a existência de salários (em muitos casos não havia vínculos formais ou institucionalizados e predominavam-se os acordos verbais) e da progressiva ampliação da sistematização do treinamento (intensificação das exigências físicas, técnicas e táticas dos atletas), ainda demonstrava traços predominantes do período do amadorismo. Este período foi denominado coloquialmente de “amadorismo marrom”. Inclusive Brohm (1976, p. 160) em sua obra utilizou essa expressão “marrom” referindo-se ao esporte de aficionados que segundo o autor está totalmente contaminado pelos organismos financeiros e os grupos sociais, e dessa maneira, essa afeição é uma afeição marrom. Essa expressão era utilizada coloquialmente no ambiente dos dirigentes e atletas do basquetebol no Brasil, como sendo um profissionalismo-disfarçado ou um amadorismo-profissional.

E uma última etapa mais atual denominada de “período do profissionalismo”, que evidenciava objetivos relacionados à profissionalização na organização da modalidade. Não obstante, ainda estavam presentes inúmeras características do amadorismo inseridas na estrutura esportiva. Para esse momento, buscou-se apenas apresentar esses períodos que serão

contextualizados e discutidos com intensidade no capítulo 2. Para ilustrar a divisão desses períodos estabelecidos no basquetebol brasileiro foi elaborada a figura 2.

Evidentemente, essa divisão não se baseou apenas em etapas cronológicas, mas sim a partir do contexto e principalmente das relações estabelecidas ao longo da trajetória institucional da modalidade percebida através de pesquisas do autor do presente estudo. Apesar da divisão em períodos estanques, essa estratégia metodológica busca facilitar o entendimento por parte do leitor e, sobretudo, evidenciar etapas distintas através de determinadas características presentes na modalidade, porém essas etapas também possuem continuidades.

Essa contextualização permitirá refletir sobre as transformações ocorridas no basquetebol masculino brasileiro e proporcionar uma discussão mais profunda no capítulo 3 a respeito das categorias de base no Estado de São Paulo, buscando entender como as relações estruturais e as mudanças na organização se estabeleceram nesse cenário.

CAPÍTULO 1

TRANSFORMAÇÕES DO ESPORTE MODERNO: DA ORIGEM À ATUALIDADE

1.1 Desenvolvimento da Sociedade Burguesa

Segundo Proni (1998a) para compreender a origem e as mudanças ocorridas no esporte é necessário entender as transformações gerais ocorrida na sociedade ocidental, em especial as revoluções processadas na mentalidade dos indivíduos, nos modos de produção e apropriação das riquezas sociais, nos costumes e práticas culturais das diferentes classes sociais. A “sociedade burguesa” proporcionou significativas mudanças estruturais na sociedade inglesa e modificou as práticas culturais, conseqüentemente, as práticas esportivas, configurando o que se denominou de esporte moderno. Proni (1998a, p. 45) esclarece que:

Normalmente, associa-se a conformação plena da sociedade burguesa a dois processos que abalaram profundamente as estruturas do mundo ocidental: a Revolução Industrial (1780-1830) e a Revolução Francesa (1789). A primeira transformou completamente a base econômica da Inglaterra; a segunda implicou uma súbita ruptura na vida política e institucional da França. Ambas, certamente, tiveram conseqüências profundas nas vidas das pessoas, e resultaram em mudanças socioculturais que não se limitaram àqueles espaços nacionais, pois com o tempo seus efeitos se espalharam por outras nações, inaugurando uma nova era para as sociedades ditas civilizadas.

O autor ressalta ainda que uma definição genérica de “sociedade burguesa” é capaz de simplificar o entendimento de estruturas sociais que podem ser muito distintas e que foram se alterando perceptivelmente ao longo do século XIX.

No final do século XVIII, a burguesia industrial inglesa lutava para sobrepor seus interesses econômicos aos dos setores agrícola e mercantil. A maior parte da população ainda vivia no campo, a classe operária ainda estava em formação e a possibilidade de ascensão social ou de um melhor padrão de vida estava reservada a uma restrita parcela da população (PRONI, 1998a).

Somente em meados do século XIX a sociedade burguesa se consolidou como sociedade urbano-industrial, com o crescimento das cidades, o aumento das indústrias e, em conseqüência destas mudanças, as classes sociais foram ganhando características próprias.

Hobsbawm destaca três aspectos que definiram esta sociedade burguesa em ascensão, descritas por ele como a sociedade inglesa no auge do capitalismo liberal e da livre-concorrência. O primeiro diz respeito a quem eram os “burgueses” ou a “classe média”

[...] economicamente, a quintessência do burguês era um “capitalista” (isto é, o possuidor do capital, ou aquele que recebia renda derivada de tal fonte, ou um empresário em busca do lucro, ou todas estas coisas juntas). E, de fato, o “burguês” característico ou o membro da classe média de nosso período incluía poucas pessoas que não entrassem numa destas categorias [...]

Socialmente as definições não eram tão claras, embora a “classe média” incluísse todos os grupos acima descritos, desde que fossem abastados e bem estabelecidos: os homens de negócios, o proprietários, profissionais liberais e os escalões mais altos da administração que eram, evidentemente, um grupo numericamente bem pequeno fora das cidades principais (HOBSBAWM, 1982, p. 252-253).

O segundo aspecto é a constituição de uma nova ética social, uma “moral burguesa” que justificava o seu comportamento econômico na ostentação de um *status* diferenciado. Um exemplo dessa ostentação e sinal de riqueza e *status* era percebido no “lar burguês” através dos materiais e objetos como quadros com molduras rebuscadas, cadeiras com tecidos de proteção, peças de madeira talhadas com torno mecânico.

Essa dualidade entre a solidez e beleza expressava uma grande divisão entre o material e o ideal, o corpóreo e o espiritual, muito típica do mundo burguês, já que espírito e idéia dependiam da matéria e podiam ser expressos somente através da matéria, ou pelo menos através do dinheiro que pudesse comprá-la (HOBSBAWM, 1982, p. 243).

A música era uma forma característica de espiritualidade na época, e essa espiritualidade era expressa através do piano (material), rebuscado e caro, além de um aparato excessivamente grande. Dessa forma, nenhum “lar burguês” estava completo sem a presença desse instrumento musical, que na verdade, além de expressar a espiritualidade, sobretudo expressava o *status* diferenciado da classe social burguesa. Os burgueses não viviam mais em uma economia familiar de escassez, e tinham alcançado um nível social próximo das “tentações da alta sociedade”. Para demonstrar seu *status*, os bem-sucedidos burgueses se preocupavam mais em gastar e consumir bens sofisticados do que em economizar, assumindo uma atitude que “inevitavelmente fazia com que seu estilo de vida se parecesse mais próximo ao da aristocracia não-puritana” (HOBSBAWM, 1982, p. 247).

O terceiro aspecto refere-se à ideologia liberal que balizava as práticas sociais da burguesia inglesa, ou seja, à mentalidade dominante naquela sociedade rigidamente em classes. Para Hobsbawm, o liberalismo é a ideologia da burguesia:

Apoiava-se em pressupostos comuns, credos comuns, formas de ação comuns. A burguesia de nosso período era esmagadoramente “liberal” não necessariamente num sentido partidário [...], mas num sentido ideológico. Acreditava no capitalismo, empresa privada competitiva, tecnologia, ciência e razão. Acreditava no progresso, numa certa forma de governo representativo, numa certa quantidade de liberdades e direitos civis, desde que fossem compatíveis com a regra da lei e com o tipo de ordem que mantivessem os pobres em seu lugar. Acreditava mais na cultura que na religião, em casos extremos substituindo a ida à igreja pela ida à ópera, teatro e concertos. Acreditava na carreira aberta ao empreendimento e talento e as próprias vidas de seus membros provavam estes méritos [...]

Mas, antes de qualquer outra coisa, [ser burguês] significava superioridade. O burguês não era apenas independente, um homem a que ninguém (exceto o Estado ou Deus) dava ordens, mas que determinava-as a si mesmo. Não era apenas um empregador, empresário ou capitalista, mas socialmente um “senhor”, um *lord* (fabrikherr), um *patron* ou *chef* (HOBSBAWM, 1982, p. 255-256).

Como característica principal a classe burguesa consistia em um corpo de pessoas com poder e influência. Para pertencer a essa classe, “um homem tinha que ser ‘alguém’; uma pessoa que contasse como *indivíduo*, por causa da sua riqueza, capacidade de comandar outros homens, ou de influenciá-los de alguma forma” (HOBSBAWM, 1982, 254).

A partir dessa contextualização percebe-se, resumidamente, que na sociedade britânica do século XVIII, em que a aristocracia detinha o poder de forma soberana, ocorreram algumas transformações, traduzidas na ampliação da sociedade urbano-industrial, proporcionando o surgimento de uma classe social distinta, qual seja a sociedade burguesa. Essa se desenvolveu e se fortaleceu durante o século XIX, através da consolidação de sua estrutura político-econômica, e socialmente buscaram afirmar um *status* social próprio, baseada na ideologia liberal.

Mas na última metade do século XIX, esses critérios de diferenciação de classes não eram mais suficientes para identificar a burguesia econômica e social frente a crescente e considerável classe média da época, devido ao declínio das hierarquias tradicionais e, sobretudo, através desse credo liberal burguês, que permitia essa mobilidade social em comum perante tanta heterogeneidade e, conseqüentemente, proporcionou o aumento significativo do número de pretendentes que almejavam o status de tal classe (burguesa). “Se a linha entre a burguesia e aristocracia era imprecisa, os limites entre a burguesia e seus inferiores estavam também longe de ser claros” (HOBSBAWM, 1988, p. 241).

[...] tornava-se claro que aumentava rapidamente o número de novos candidatos à classe média, ou de aspirantes ao *status* de classe média, o que propunha problemas práticos de demarcação e definição, dificultados ainda pela incerteza dos critérios teóricos relativos a essas definições. Aquilo que constituía ‘a burguesia’ sempre foi mais difícil de determinar do que aquilo que, em teoria, definia a nobreza (por exemplo, nascimento, títulos, hereditários, propriedade de terras) ou a classe operária (por exemplo, o salário e o trabalho manual) (HOBSBAWM, 1988, p. 242).

Os critérios antes fixos, que determinavam a diferenciação (separação) entre a elite autêntica (aristocracia) e a classe média alta, já estavam desgastados, e a descendência, parentesco, casamentos, redes locais de negócios, sociabilidade particular e a política já não representavam critérios seguros. Da mesma maneira, havia a necessidade de diferenciação entre a classe média (burguesia) e as classes inferiores ou mesmo a “pequena burguesia” que conquistavam espaços e buscavam ascensão social (HOBSBAWM; RANGER, 1984).

Era imperativo para os membros da classe média burguesa estabelecer critérios a fim de determinar o pertencimento do estrato social, uma proposta moral e ideológica reveladora de um novo conjunto de práticas culturais, assegurando benefícios sociais para consigo e para seus familiares. Hobsbawm (1988, p. 245) apresenta três critérios para identificar o pertencimento dos membros da classe média, expondo da seguinte forma:

Três modos de estabelecer esse pertencimento adquiriram grande importância no período – pelo menos em países em que já surgia alguma incerteza em relação à “quem era quem”. Todos exigiam que se preenchessem duas condições: deviam distinguir claramente os membros da classe média dos da classe operária, dos camponeses e de outros ocupados em trabalhos manuais, e deviam apresentar uma hierarquia de exclusividades, sem afastar a possibilidade do candidato galgar os degraus da escadaria social. Um estilo de vida e uma cultura de classe média era um destes critérios; uma atividade ociosa e especialmente a nova invenção, o esporte, era outro; mas o principal indicador o pertencimento de classes crescentes veio a ser, e ficou sendo, a educação.

A partir do esclarecimento de Hobsbawm, percebe-se que as práticas culturais expandiram suas fronteiras abarcando novas condutas que vão dos locais de moradia (lar burguês) ao sistema educacional. Entretanto, a educação formal deteve importância prioritária para a identificação das classes sociais, paralelamente dentro deste contexto, o estilo de vida e a cultura da classe, completavam tal função.

Com a dinâmica da sociedade urbano-industrial, outra característica relevante que iria determinar a configuração desta sociedade era a emergência de novas práticas culturais, de uma nova moral, que seria constituída na medida em que o processo histórico exigisse da burguesia, com o intuito de manter sua posição social hegemônica. Sobre esta questão Proni (1998a, p. 47-48) destaca:

Uma das maneiras que a burguesia inglesa elegeu para traduzir (e reproduzir) a sua posição social hegemônica foi adentrando no sistema educacional. E foi no sistema educacional que os novos esportes ganharam mais impulso. Precisamos examinar a hipótese de que, tendo em mente o valor atribuído ao desenvolvimento de qualidades “nobres” do caráter através da adesão a determinadas práticas corporais civilizadas, seja possível considerar a difusão dos chamados ‘esportes burgueses’ da perspectiva da afirmação de uma certa superioridade moral.
[...] as exigências econômicas e sociais para praticar as novas modalidades esportivas, fora do âmbito escolar, reforçariam ainda mais a conotação de que essa prática cultural se afirmava como um signo de distinção social. E nesse sentido específico que certos esportes aparecem como um elemento de diferenciação do estilo de vida burguês.

A sociedade burguesa, a partir do acesso à educação e às práticas esportivas, manifestava o seu poder simbólico, e com o passar do tempo, a sociedade britânica passou a absorver as manifestações culturais desta classe dominante. Como foi discutido anteriormente, a segregação residencial e o acesso à educação constituíram-se em duas formas de estruturar e diferenciar essas massas endinheiradas como grupamento social. De acordo com Hobsbawm (1988, p. 255) “ambos (lar burguês e educação) conjugavam-se numa prática que se institucionalizou, essencialmente, durante o último quartel do velho século (XIX): o esporte”.

De fato, a extraordinária rapidez com que todas as formas de esporte organizado conquistaram a sociedade burguesa, entre 1870 e os primeiros anos de 1900, sugere que o esporte preenchia uma necessidade social consideravelmente maior que a dos exercícios ao ar livre. Paradoxalmente, pelo menos na Inglaterra, um proletariado industrial e uma nova burguesia, ou classe média, emergiram ao mesmo tempo como grupos autoconscientes, que se definiam um contra o outro por meio de maneiras e estilos de vida e ação coletiva. O esporte, criação da classe média transformada em duas alas com óbvia identificação de classe, constituía um dos modos mais importantes de realizar aquela definição (HOBBSAWM, 1988, p. 257-258).

Nas duas últimas décadas do século XIX e os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, segundo Hobsbawm (1988), foram períodos de profundas mudanças econômicas, políticas e sociais, talvez tão profundas quanto às ocorridas na passagem do século XVIII para o século XIX. Proni (1998a, p. 55) coloca que esse período tem sido associado a uma “Segunda Revolução Industrial”, e tem sido denominado como a “Era dos Impérios” (Hobsbawm).

Verificou-se nesse período uma grande revolução nos transportes e nas comunicações, tornando os países mais integrados e mudando a face das sociedades mais abastadas (ponto de vista tecnológico). Intensificou-se a disputa pelo domínio dos mercados e pelo controle político das áreas de influência entre as nações economicamente mais desenvolvidas (Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos) (ponto de vista da concorrência internacional). Sobre o ponto de vista sociocultural, Proni (1998a, p. 55) aborda sobre dois movimentos que influenciaram na dinâmica da sociedade:

[...] de um lado, o consumo de ‘bens de luxo’, antes restrito à nobreza e à alta classe burguesa, estendeu-se para o conjunto da classe média, difundindo um estilo de vida ostensivamente consumista; de outro, foi se constituindo uma ‘cultura operária’, que se opunha ao característico modo de vida da burguesia, ao mesmo tempo em que reivindicava reduções na jornada de trabalho e ampliação do tempo de lazer.

No final do século XIX e início do século XX, o panorama geral era de separação da sociedade entre um mundo burguês e um mundo operário, com progressiva perda da importância da aristocracia, e o mundo esportivo da mesma forma encontrava-se dividido em dois pólos excludentes: de um lado, práticas corporais elitizadas, portadora de atributos do caráter humano, de outro, práticas esportivas em rápida popularização, permeadas pelos valores ‘mundanos’ de uma sociedade mercantil (PRONI, 1998a). Essa polaridade espelhava-se na contraposição entre modalidades enfaticamente tendiam para o amadorismo (*cricket*, tênis e remo) e modalidades que se voltavam mais para a profissionalização⁶ (beisebol, boxe e futebol inglês) do esporte.

⁶ Além do profissionalismo essas modalidades se prestavam para os espetáculos populares destinadas a uma classe operária capaz de pagar para assistir a uma apresentação – no caso competição esportiva (PRONI, 1998, p.55).

Neste momento importa entender o contexto histórico em que se desenvolveu a sociedade burguesa, na medida em que esta modificou uma série de relações no âmbito econômico, político e ideológico, manifestando estas transformações na sociedade a partir dos seus hábitos e valores socioculturais, na busca de consolidar uma classe distinta burguesa.

No próximo tópico as questões ligadas à origem e o desenvolvimento do esporte serão discutidos com maior profundidade. O entendimento da contextualização do processo histórico em que se organizou a sociedade burguesa permitirá a compreensão do tema na seqüência deste estudo, buscando discutir o desenvolvimento da profissionalização do esporte.

1.2 Contextualização do Esporte na Inglaterra e nos Estados Unidos

O cientista social Christian Pociello buscou analisar o processo histórico no qual se conformaram as demandas sociais por atividades esportivas, particularmente no que se refere à adoção de novos hábitos e estilos de vida que iriam operar uma reviravolta nos costumes das sociedades européias do século XIX (PRONI, 1998a).

Pociello estabelece quatro etapas de apropriação das práticas esportivas (processo de esportivização dos jogos) e busca identificar seus diferentes “usos sociais” elencados a seguir:

- fase de encorajamento de práticas esportivas populares através do patrocínio e da organização de corridas ou de combates assistidos pelos nobres e *gentleman* (a partir de 1760);
- fase de apropriação de algumas dessas práticas pelos alunos internos, o que representou a ‘invenção’ de esportes individuais e coletivos específicos nas diferentes escolas secundárias inglesas (1820 a 1860);
- fase de regulamentação dos esportes e formação dos *clubs*, decorrência dos confrontos entre os estabelecimentos escolares, o que se tornou possível graças à rede ferroviária que instaurou novas proximidades geográficas (1850 a 1870);
- fase preliminar de divulgação restrita dos esportes coletivos para as classes populares, principalmente no norte e no País de Gales (1880 a 1890).

Essas etapas descritas anteriormente serão discutidas a seguir de forma sucinta. Segundo Pociello, inicialmente ocorreu o que ele chamou de “esporte por procuração” em que a aristocracia, acostumada com os negócios comerciais e com os empreendimentos marítimos, promovia apostas e patrocinava corridas de cavalos e combates entre cães. Mais tarde incentivaram e organizaram desafios (lutas e corridas a pé) envolvendo seus próprios empregados, o exemplo mais significativo é o *boxing*.

Esta modalidade oferecia aos aristocratas não apenas a diversão, mas a oportunidade de afirmar seu poder através do financiamento deste combates populares. Esses combates ocorreram primeiramente nos “clubs fechados”, espaço reservado à aristocracia, com a finalidade de desenvolver estas práticas culturais, representando esse domínio simbólico de uma classe que detinha o poder econômico e político na Inglaterra e assim, confirmando sua hegemonia cultural.

Mas, a organização desses desafios introduziria uma descontinuidade em relação às festas e a espontaneidade cultural popular, diante da contratação e treinamento de boxeadores (e depois de corredores) dando um caráter autônomo a essas competições, constituindo assim uma categoria particular de competidores: os atletas profissionais.

Com o tempo, tais confrontos “esportivos” foram se popularizando; a prática de apostas deixou de ser exclusividade dos “clubes fechados” e se estendeu para as tavernas populares. Mas, manteve-se a delimitação estrita das diferenças de classe social. A aristocracia soube guardar um seguro distanciamento em relação à plebe (PRONI, 1998a, p. 43).

O processo de esportivização das práticas populares ocorreu de forma gradual e lenta. No primeiro momento a burguesia necessitava de ascender seu poder, nesse sentido, buscou experimentar novos modelos culturais e educacionais e, com a impossibilidade de adentrarem nos espaços urbanos da aristocracia, foi instigada a inventar e adaptar essas novas práticas culturais, manifestando no esporte o seu estilo de vida distinto.

Em seu início [do esporte], sua forma foi associada especialmente à classe média e não necessariamente à classe alta. Os jovens aristocratas poderiam experimentar, como na Inglaterra, qualquer forma de proeza física, mas o campo em que especializavam era dos exercícios ligados à equitação, e à matança, ou pelo menos ao ataque aos animais e às pessoas: a caça, o tiro, a pesca, as corridas de cavalos, a esgrima e coisas semelhantes. Efetivamente, na Inglaterra, a palavra “esporte” era originalmente restrita a tais atividades, sendo os jogos e competições físicas (hoje chamados esporte) classificados como “passatempo”. A burguesia, como sempre, não apenas adotou como transformou os modos de vidas dos nobres (HOBSBAWM, 1988, p. 256).

Somente, por volta de 1830, de acordo com Pociello (apud PRONI, 1998a), a burguesia, que coincidentemente aumentava sua participação no sistema político inglês, obteve êxito na tentativa de concretizar seu domínio a partir do acesso ao sistema educacional. Em consequência desta ascensão à educação, a burguesia conseguiu consolidar a esportivização de algumas práticas no meio urbano, sobretudo no interior das escolas reservadas às elites inglesas (*public school*). “Este foi o período de afirmação dos esportes tipicamente burgueses” (PRONI, 1998a, p. 44).

Durante a primeira metade do século XIX, estas práticas esportivas eram sistematicamente desaprovadas pelos educadores e diretores e se desenvolveram graças às iniciativas dos próprios alunos. Nas *public schools* mais distintas e tradicionais predominavam os esportes individuais ou de origem aristocrática (esgrima e o críquete), enquanto naquelas menos conservadoras os esportes coletivos (jogos de bola) se difundiam mais rapidamente. “Essa distinção entre tipos preferidos de atividade física talvez estivesse de algum modo relacionado a diferentes posições na estrutura social, ou ainda, a diferentes hábitos e valorações culturais” (PRONI, 1998a, p. 44).

Por volta de 1860, um fator determinante para o desenvolvimento do esporte na Inglaterra, foi a mudança de postura dos professores e das *public schools* que progressivamente abandonaram sua “postura hostil ou indiferente” em relação à atividade esportiva e assumiram uma posição de estímulo e incentivo a prática de esportes pelos alunos dessa instituição.

Hobsbawm (1988) esclarece como as práticas esportivas tornaram-se indicativo de pertencimento social, pois certas modalidades esportivas (remo e o tênis) estavam condicionadas às instituições de ensino ou à participação em associações esportivas (*clubs*), ao passo que outras (futebol e boxe) vinham alcançando uma maior difusão social.

Na medida em que era absorvido pelas camadas sociais mais baixas, o esporte passava a expressar, não só os valores distintivos de uma sociedade, mas também as contradições de uma sociedade dividida em classes. Nesse sentido, os movimentos operários e as lutas de classes contribuíram para introjetar aspectos determinantes na evolução do esporte moderno. Essa contradição se manifestou mais visivelmente no embate entre o amadorismo *versus* profissionalismo.

Os novos esportes abriram caminho até a classe operária, e, mesmo antes de 1914, alguns deles eram entusiasticamente praticados por operários – havia na Inglaterra, talvez um milhão de jogadores de futebol – e eram observados e seguidos com grandes multidões. Este fato incorporou ao esporte um critério de classe próprio, o amadorismo, ou antes, a proibição ou estrita segregação da casta dos “profissionais”. Nenhum amador poderia distinguir-se de modo genuíno dos esportes, a não ser que pudesse dedicar a ele mais tempo do que os operários dispunham, exceto se fossem pagos. Os esportes que se tornaram mais característicos das classes médias, como o tênis, o *rugby*, o futebol americano [...] ou os ainda não desenvolvidos esportes de inverno, todos eles obstinadamente rejeitaram o profissionalismo (HOBSBAWM, 1988, p. 256).

A prática de algumas modalidades que possuía este significado de pertencimento a uma determinada classe social e permitia maior coesão entre os seus membros, influenciou no surgimento de certas tensões sociais entre proprietários e proletários e conseqüentemente, surgiu também este vetor ideológico de diferenciação social na estruturação do esporte.

Que o esporte era considerado elemento importante na formação da nova classe governante, segundo o modelo do *gentleman* britânico burguês treinado em escola pública, é evidente, pelo papel das escolas ao introduzi-lo no continente (os futuros clubes profissionais de futebol eram, frequentemente, times de firmas inglesas expatriadas e de seus funcionários.). Que o esporte apresentava um aspecto patriótico e até militar é igualmente claro. Mas serviu também para criar novos padrões de vida e de coesão da classe média (HOBSBAWM, 1988, p. 257).

Percebe-se que o esporte neste momento constituía-se em um mecanismo que ocupava uma posição de destaque na dinâmica social da época. Esse fenômeno combinava dois elementos da invenção das tradições: o político e social. Por um lado representava uma tentativa consciente de formar uma elite dominante baseada no modelo britânico (formação do caráter e estímulo ao patriotismo). Por outro lado, representava uma tentativa mais espontânea de delimitação das

massas populares, principalmente na ênfase sistemática no amadorismo como critério de pertencimento da classe média e alta. Todavia representava também uma tentativa de desenvolver concomitantemente um novo e específico “padrão burguês”. (HOBSBAWM; RANGER, 1984)

Neste sentido, novas modalidades esportivas surgiram buscando responder às demandas sociais emergentes da classe burguesa por essas práticas, como exemplo pode ser citado o tênis.

O tênis inventado em 1873, rapidamente tornou-se um jogo perfeito dos subúrbios da classe média, em grande parte por ser bissexual e, por conseguinte oferecer um meio para os “filhos e filhas da grande classe média” encontrarem parceiros não apresentados pela família, mas certamente de posição social compatível à deles (HOBSBAWM, 1988, p. 257)

Conclui-se que a burguesia Inglesa no século XIX conseguiu “reinventar” o esporte a partir da consolidação de uma sociedade urbano-industrial dando características próprias e assumindo um papel relevante nas transformações culturais das sociedades e levando para outras nações da Europa e da América essa prática esportiva nova e civilizada. Sobre o esporte e sua expansão Hobsbawm (1988, p. 255) coloca que “formalizado em torno desta época na Inglaterra, que lhe ofereceu o modelo e o vocabulário, alastrou-se como um incêndio aos demais países”.

Neste sentido torna-se relevante para este estudo discutir também a origem e o desenvolvimento do esporte moderno na sociedade norte-americana, pois sem dúvida, trará mais subsídios para a reflexão consistente das transformações do esporte moderno, e também por ser o “berço” do basquetebol, objeto de estudo dessa pesquisa.

O processo histórico de desenvolvimento da sociedade burguesa nos EUA ocorreu de forma diferente do processo ocorrido na Europa, pois neste país, não havia uma nobreza ou algo parecido a um estilo de vida aristocrático (PRONI, 1998a).

De acordo com Christopher Lasch (apud PRONI, 1998a), a burguesia norte-americana se baseava na ética protestante, condenava a ociosidade e as atividades fúteis, além de possuir uma vida racional e regrada, dedicando-se fundamentalmente à família e ao trabalho.

A história recente dos esportes é a história de sua submissão regular às demandas da realidade cotidiana. A burguesia do século dezenove reprimiu os esportes e festivais populares como parte de sua campanha para estabelecer o reino da sobriedade. As feiras e o futebol, o esporte de aqular cães contra touros, as brigas de peixe e o boxe ofendiam os reformistas da classe média, devido a sua crueldade e porque bloqueavam as vias públicas, interrompiam a rotina diária dos negócios, distraíam o povo de seu trabalho, encorajavam hábitos de preguiça, de extravagância e de insubordinação, e dava origem à licenciosidade e ao deboche. Em nome do prazer racional e do espírito do desenvolvimento, estes reformistas exortavam o homem que trabalhava a renunciar a seus esportes e passeios públicos desordeiros, e a permanecer ao pé da lareira, no respeitável conforto do círculo doméstico. Quando faltou a exortação, recorreram à ação política. [...] Nos Estados Unidos a campanha contra as diversões populares, intimamente associadas à cruzada contra o álcool e ao movimento para uma observação mais estrita do seu dia de descanso, assumiu um caráter de um conflito, tanto ético como de classes. [...]

O espírito da primitiva sociedade burguesa era profundamente antitético quanto ao jogo. Não só os jogos em nada contribuían para a acumulação de capital, não só encorajavam a jogatina e os gastos estouvados, como continham um importante elemento de fingimento, ilusão, mimetismo e faz de conta (LASCH, 1983, p. 144-146 apud PRONI, 1998a, p. 50).

Apesar de utilizar a palavra esporte, Lasch refere-se às práticas esportivas como jogos e diversões populares gratuitas e mesmo as competições esportivas⁷, que a sociedade norte-americana desaprovava e fundamentava-se nos preceitos da religião protestante, cuja versão mais radical (puritana) condenava o desperdício de tempo e energia com atividades lúdicas ou não produtivas.

Além do protestantismo, outro fator britânico relevante que proporcionou significativas transformações na cultura norte-americana e favoreceu a competição e a introjeção de hábitos esportivos nesta sociedade foi o “ideal liberal” presente na sociedade burguesa. Esse “credo liberal”, cuja influência ultrapassava o âmbito político e econômico, baseava-se na livre-concorrência, tornando-se assim, um elemento básico da democracia e dos mercados, mas também das relações sociais e da liberdade individual (PRONI, 1998a).

Na primeira metade do século XIX, a sociedade norte-americana, já demonstrava elementos característicos da “sociedade burguesa liberal”. Sendo que os Estados do Norte eram bem mais liberais, em comparação aos do Sul, e dessa forma os esportes burgueses encontraram mais prosperidade para o seu desenvolvimento nas cidades mais industrializadas nessa região, como Nova York. Por outro lado, “a invenção de esportes racionalmente organizados (com regras escritas e universais), serviu para adaptar a população rural a vida urbana moderna” (PRONI,

⁷ A classe dominante nos EUA condenava essas formas civilizadas de competição como as que ocorriam na Inglaterra, pois dessa forma manifestavam no esporte um estilo de vida da aristocracia européia, que a elite norte-americana se opunha veementemente (PRONI, 1998).

1998a, p. 51). Como exemplo pode ser citado o *baseball*, criado em 1839 que se transformou em um dos esportes mais populares do país.

De acordo com o sociólogo Gregory Stone, as competições esportivas e os jogos de aposta tiveram maior interesse somente ao final da Guerra Civil (1861-1865). Entretanto, a prática esportiva era ainda uma exclusividade de poucas camadas da sociedade.

[...] é claro que no século XIX o esporte foi única e exclusivamente privilégio de uma classe ociosa de gente refinada, e não ocupação de uma massa ociosa. Ainda que então muitos americanos, sobretudo nas zonas rurais, jogassem durante o trabalho, este jogo se justificou sempre dizendo que facilitava o trabalho e que não era um fim em si mesmo. A ética protestante excluiu do jogo, como fonte de fama e prestígio pessoal, a muitos americanos no século XIX (STONE, 1979, p. 118).

Na metade do século XIX muitos filhos da elite norte-americana já freqüentavam os principais *colleges* (Harvard e Yale) e assim, tomavam contato com as práticas esportivas presentes nessas instituições, diferentemente dos filhos da classe operária que não podiam dedicar a essas atividades. Proni (1998a) explica que o esporte se desenvolveu neste país apoiado em dois movimentos nitidamente elitistas: surgimento de equipes competitivas universitárias e a formação de clubes e associações atléticas, para a organização de algumas modalidades como o *football* e o *baseball*.

Nesse sentido, a antiga desconfiança e reprovação da sociedade, baseada no credo protestante, encontrou nos exercícios físicos disciplinados e no esporte organizado a possibilidade de enquadrar o tempo individual em um modelo de “atividade contínua” combatendo, assim, a ociosidade e a desocupação. A idéia de que era preciso reformar a sociedade, purificando e fortalecendo os corpos, inculcada na doutrina puritana, influenciou na formação de hábitos e valores esportivos na sociedade norte-americana. Sobre a importância da doutrina puritana na formação dos hábitos e valores esportivos na sociedade norte – americana, Courtine (1995, p. 92-93) argumenta que:

Que as crenças religiosas vêm, deste modo, investir no terreno esportivo, comprova a precocidade e a velocidade de sua secularização. Tudo isso sublinha as origens religiosas da cultura esportiva de massa nos Estados Unidos. O pensamento puritano não se contentava em acompanhar a transformação dos modos de vida: assim, alistando a ginástica no serviço de Deus, ou pelo menos a uma educação moral, ele favorecia os hábitos de ordem, de exatidão, de disciplina, essenciais ao bom funcionamento de uma sociedade industrial e burocrática. O pensamento puritano desempenhava um papel central na construção dessa sociedade. Ele contribuiu para incluir o cuidado com o corpo entre as obrigações morais, à maneira de um dever cristão. Ele estabeleceu os fundamentos psicológicos dessa obsessão esportiva que se mantém como um dos traços da mentalidade americana.

O esporte emergiu nessa sociedade a partir de uma ética puritana do trabalho que se infiltrou na atividade esportiva, condicionando a utilidade social do esporte a uma organização racional e a uma ordem moral estrita. Como exemplo deste processo ocorrido nos EUA, pode ser citada a *Young Men's Christian Association* (Associação Cristã de Moços) que possuiu um reconhecido papel na promoção e invenção de várias modalidades esportivas neste país, inclusive o basquetebol.

Percebe-se que a trajetória do esporte nos EUA percorreu, de certa forma, um caminho distinto em relação à Inglaterra, mas acabou introjetando valores extremamente semelhantes. As modalidades inventadas ou remodeladas na segunda metade do século XIX foram produtos das transformações da sociedade burguesa, manifestando seu *status* social, e não só absorveu estas práticas esportivas, como as revestiu de novos significados, introduzindo modificações através de uma mentalidade utilitarista e competitiva baseada na livre-concorrência.

Entretanto, a “ideologia liberal” marcante dessa sociedade e presente no desenvolvimento do esporte, por outro lado, proporcionou certas tensões devido às contradições e disputas de variadas ordens. Esse credo liberal “facilitou a conformação de práticas esportivas crescentemente mercadorizadas”, ou seja, à medida que se propagava o princípio liberal, manifestava-se também, a profissionalização das competições esportivas (principalmente na Inglaterra e nos EUA). E são essas contradições que melhor exprimem a nova configuração que o esporte moderno assumiu nas sociedades burguesas no final do século XIX e início do século XX (PRONI, 1998a).

1.3 Esporte Moderno no Século XX: do Profissionalismo à Espetacularização

A discussão estabelecida anteriormente sobre a formação da sociedade burguesa, além da origem e do desenvolvimento do esporte na Inglaterra e nos Estados Unidos da América do Norte, torna-se importante para adentrar nos aspectos que nortearam o desenvolvimento do esporte moderno no século XX, sobretudo relacionados à profissionalização e à espetacularização. Hobsbawm e Ranger (1984, p. 306) sintetizam essa “história social do esporte” nesse período:

Em primeiro lugar, que as últimas três décadas do século XIX assinalam uma transformação decisiva na difusão de velhos esportes, na invenção de novos e na institucionalização da maioria, em escala nacional e até internacional. Em segundo lugar, tal institucionalização constituiu uma vitrina de exposição para o esporte, que se pode comparar à moda dos edifícios públicos e estátuas na política, e também um mecanismo para ampliar as atividades até então confinadas à aristocracia e à burguesia endinheirada capaz de assimilar o estilo de vida aristocrático, de modo a abranger uma fatia cada vez maior das “classes médias”. Em terceiro lugar, a institucionalização constituiu um mecanismo de reunião de pessoas de *status* social equivalente, embora sem vínculos orgânicos sociais ou econômicos, e talvez, acima de tudo, de atribuição de um novo papel às *mulheres* burguesas.

No início do século XX, o mundo esportivo estava dividido em dois pólos excludentes, de um lado havia as práticas corporais elitizadas, permitidas a uma restrita parcela da população, e de outro as práticas esportivas em rápida popularização. Esta polaridade era percebida no confronto entre algumas modalidades essencialmente amadoras como o *cricket*, o tênis e o remo, com as modalidades voltadas para o espetáculo popular como o beisebol, o boxe e o futebol inglês. Neste contexto de separação da sociedade entre um “mundo burguês” e um “mundo operário”, com progressiva perda de importância da aristocracia, como se observou no tópico anterior deve ser compreendido as Primeiras Olimpíadas da era moderna.

O ideal do amadorismo, que apresentava a vantagem adicional de reunir classe média e nobreza, foi entesourado nos Jogos Olímpicos, uma nova instituição (1886), nascida no cérebro de um francês admirador do sistema inglês de escolas públicas, que havia sido construído em torno dos seus campos de jogos (HOBBSAWM, 1988, p. 256).

Para Pierre de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos, representava uma forma de resgatar os nobres valores de uma época pré-moderna, um momento de exaltação do culto da prática atlética no mais puro espírito do verdadeiro esporte, e nessa condição um evento cultural destinado às elites. Young (1984, p. 57 apud PRONI, 1998a, p. 56)⁸ referindo-se ao pensamento de Coubertin cita:

Jogos para a elite: uma elite de competidores, pequeno número, mas abrangendo os atletas campeões do mundo; para uma elite de espectadores, pessoas sofisticadas, diplomatas, professores, generais, membros do instituto. Para estas pessoas, que poderiam ser mais refinadas, muito mais belas que o jardim de festas de Dampierre.

Coubertin defendia o amadorismo, a partir de um ideal aristocrático, procurando conservar o esporte a um universo cultural diferenciado e associar a prática esportiva a um modelo burguês de educação. Isso é facilmente comprovado, quando se observa as modalidades escolhidas nos Primeiros Jogos, tais como: atletismo, ciclismo, esgrima, ginástica, levantamento de peso, luta, natação, tênis de campo e tiro.

Na Europa, segundo Proni (1998a, p. 56), “o amadorismo levava nítida vantagem sobre o profissionalismo”. O autor argumenta sobre o surgimento das federações internacionais que, em sua maioria, eram essencialmente amadoras, mesmo sendo oferecidos pagamentos e premiações aos atletas em algumas modalidades. Como exemplos podem ser citados, a de tiro em 1887, as de remo e de patinação em 1892, a de ciclismo em 1900, a de futebol em 1904, a de natação em 1908, a de atletismo em 1912 e a de esgrima em 1913.

Apesar do êxito dos Primeiros Jogos Olímpicos terem sido o principal impulso para a internacionalização do esporte moderno, também houve uma reconfiguração e ampliação do mundo esportivo na Europa e na América, devido ao deslocamento das rivalidades políticas para o campo das práticas esportivas, e que acirrou o seu caráter competitivo, ou seja, a vitória passou a ser mais importante do que apenas a participação do país na competição. Já no início do século XX e principalmente após a 1ª Guerra Mundial, esse fato proporcionou tensões de ordem política

⁸ Essa obra foi reproduzida em VALENTE, E. **O Movimento Olímpico e a Desescolarização da Educação Física**. Tese de Doutorado: FEF/UNICAMP, 1996, mimeo. Nessa tese encontra-se uma análise do ideário olímpico e dos percalços do Movimento Olímpico Internacional.

expressa no confronto ideológico e adentrou nas relações políticas dos países envolvidos⁹ (PRONI, 1998a).

Retornando a discussão sobre a configuração do mundo esportivo no início do século XX, para entender a trajetória da profissionalização no esporte, faz-se necessário contextualizar o desenvolvimento das práticas esportivas que possuíram rápida popularização. Será utilizado com exemplo o futebol inglês, para ilustrar essa trajetória inicial. Na Inglaterra no final do século XIX, conforme indica Hobsbawm e Ranger (1984, p. 297) o embate entre o amadorismo e o profissionalismo era à questão central no esporte britânico, e sobre esse aspecto esses autores explicam que:

A princípio desenvolvido como um esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular, foi rapidamente (1885) proletarizado e portanto profissionalizado; o momento decisivo simbólico – reconhecido como um confronto de classes – foi a derrota dos Olds Etonians pelo Bolton Olympic na final do campeonato de 1883. Com a profissionalização, a maior parte das figuras filantrópicas e moralizadoras da elite nacional afastou-se, deixando a administração dos clubes nas mãos de negociantes e outros dignatários locais, que sustentaram uma curiosa caricatura das relações entre classes do capitalismo industrial, como empregadores de uma força de trabalho predominantemente operária, atraída para as indústrias pelos altos salários, pela oportunidade de ganhos extras antes da aposentadoria (partidas beneficentes), mas, acima de tudo, pela oportunidade de adquirir prestígio.

Um aspecto determinante para o desenvolvimento e posterior profissionalização do futebol na Inglaterra é que a modalidade desde cedo (1885) tornou-se um espetáculo para um público predominantemente masculino¹⁰. Esse fato conferia um contraste entre dois segmentos da sociedade e conseqüentemente, na luta pelos seus interesses nas diversas ordens. De um lado havia os jogadores, que almejavam salários e a profissionalização do esporte, de outro, os *Lords* da *Football Association* que se opunham ao profissionalismo e ao pagamento de salários aos atletas.

⁹ A afirmação da superioridade atlética de um povo ou país, a glorificação dos campeões olímpicos ou mundiais e a influência de governantes na organização dos torneios têm marcado as competições esportivas desde o final da 1ª Grande Guerra (PRONI, 1998, p. 57).

¹⁰ No final do século XIX, os jogos de futebol já eram capazes de atrair milhares de pessoas dispostas a pagar para presenciar esses confrontos esportivos. Em 1872, no primeiro confronto internacional entre Inglaterra e Escócia cobrou-se ingresso ao preço de 1 *shilling*. Além disso, em 1892, houve a adesão das equipes do sul da Inglaterra e a introdução de divisões inferiores no futebol, características da profissionalização do esporte (PRONI, 1998, p. 139-140).

A partir desse contexto de rivalidade entre as partes, as equipes do norte, onde a maioria dos jogadores vinham da classe operária, e necessitavam dessa remuneração, ameaçaram se retirar do campeonato e fundar uma liga independente. Diante desse fato, “estava em jogo não apenas a preservação dos princípios éticos do esporte amador, mas o próprio controle da modalidade pelos *lords* ingleses” (PRONI, 1998a, p. 140).

Para resolver essa questão, adotou-se “um meio termo”, os atletas poderiam receber os salários (remuneração), entretanto, os dirigentes permaneceriam amadores, sendo assim, os princípios morais e éticos da aristocracia estariam “preservados”, e os valores pragmáticos dos homens de negócio passariam a atuar na organização dos clubes. A socióloga Janet Lever (1983, p. 61-62) descreveu essa passagem que será significativa para a continuidade do presente estudo:

As classes privilegiadas consideravam que o pagamento era uma afronta às tradições do esporte amador; mas os jogadores das classes trabalhadoras precisavam do dinheiro. [...] Chegou-se a um acordo em 1985, quando a Football Association aceitou os profissionais, mas proibiu-os de servirem em qualquer comitê ou comparecerem as reuniões da associação. Ou seja, a compensação para a presença de profissionais no campo era o controle administrativo do futebol por amadores.

Os aristocratas da Football Association providenciaram para que esse controle paternalista se estendesse também aos clubes. Assim, os clubes ingleses foram organizados como companhias de responsabilidade limitada, vendendo ações ao público e dirigidos por um presidente e um conselho de administração. A associação inglesa de futebol proibiu os diretores de receberem qualquer remuneração por seus serviços e limitaram os dividendos dos acionistas a 7,5 por cento. A idéia era manter à distância os especuladores e garantir a permanência no controle dos desportistas que amavam o jogo.

Os amadores que dirigiam a Associação eram das elites inglesas (uma situação que, em grande parte, se mantém até hoje). Os amadores que assumiram a responsabilidade pelos clubes eram da ascendente classe média e elementos dos *nouveau riche*. Foi a comunidade dos industriais, empresários e comerciantes bem-sucedidos que se instituiu como benfeitora do esporte [...].

Conforme descreveu a autora, pode ser entendido que a adoção do profissionalismo nesse momento não significou a plena incorporação dos princípios do liberalismo na organização e estrutura do futebol, pelo contrário, a presença da elite aristocrática no controle da modalidade limitava as ações dos clubes e restringiam a inserção de uma lógica mercantil no futebol. Ao jogador ficava vetada qualquer interferência na administração do esporte, ficando reservado a esses o papel de “mão-de-obra”.

De acordo com Proni (1998a, p. 145) “foi na década de 30 que o profissionalismo se consolidou e se tornou o regime dominante no futebol internacional”. A proibição da participação de atletas profissionais nas Olimpíadas de 24 e 28 foi preponderante para estimular a organização de um torneio que contasse com as melhores equipes do futebol internacional. Dessa forma, em 1930, no Uruguai foi realizada a primeira Copa do Mundo de Futebol, permitindo a participação de atletas profissionais da modalidade¹¹.

A partir desses acontecimentos a profissionalização no futebol tornou-se efetiva e um fator decisivo para derrubar as últimas barreiras relativas à resistência ao profissionalismo na modalidade foi “a iniciativa de alguns clubes europeus de contratar atletas de países onde ainda imperava o amadorismo” (PRONI, 1998a, p. 145)

No Brasil a trajetória do profissionalismo no futebol aconteceu de forma semelhante. No início, houve a criação de uma liga como forma de manter um distanciamento entre as equipes de elite e as outras equipes que surgiam constituídas pelos operários, e até o final da década de 10, esse modelo elitista conseguiu se manter. Entretanto, com a necessidade de aumentar as receitas de bilheterias, e para isso era imperativo contar com jogadores das classes inferiores, através do pagamento de forma não explícita (amadorismo marrom), os pilares do amadorismo foram se desmoronando. Com a vitória e a conquista de títulos por parte de clubes¹² que contavam com esses jogadores, os clubes de elite tiveram que ceder e adotar o profissionalismo dos atletas. A profissionalização dos atletas de futebol no Brasil ocorreu em 1933, entretanto da mesma maneira como aconteceu na Europa, os dirigentes e organizadores da modalidade permaneceram no amadorismo. (PRONI, 1998a).

¹¹ Nota-se que os ingleses não se interessaram em participar da competição, em virtude da presença de atletas profissionais do futebol, ao passo que as demais federações europeias que já haviam adotado o profissionalismo (Áustria – 1924, Tchecoslováquia – 1925, Hungria – 1926, Espanha e Itália – 1929) também acabaram desistindo, entretanto, devido ao tempo excessivo que o torneio tomaria (15 dias para ir, 20 dias de disputa e 15 dias para voltar) o que representaria perda de dinheiro.

¹² Em 1923, a equipe do Vasco da Gama composta por negros e brancos semi-analfabetos conquistou o campeonato carioca, fato que voltou a ocorrer em 1929. Em 1926, a equipe do São Cristóvão formada por negros e mestiços ganhou também o campeonato carioca (PRONI, 1998, p. 187-188).

O modelo inglês de organização do futebol, que determinava a profissionalização dos atletas e o amadorismo para os dirigentes de clubes e federações, foi o que predominou nos países em que prevalecia a economia de mercado¹³. Já na década de 60, esse fato impediu que as leis do capitalismo dirigissem as atividades do futebol e ditassem as regras nas relações entre clubes e jogadores, clubes e federação e dos clubes entre si. “A estrutura dos clubes de futebol nos anos sessenta era praticamente a mesma de quando se adotou o profissionalismo” (PRONI, 1998a, p. 151). Até a década de 60 a mentalidade amadora dos dirigentes esportivos europeus ainda era antagônica à idéia de atletas olímpicos serem pagos para exibir uma marca comercial em seus equipamentos e vestimentas esportivas. Ao longo da década de 70 essa proibição seria implicitamente esquecida, inicialmente por adesão dos próprios atletas (SIMPSON; JENNINGS, 1992, p. 42).

Por outro lado, na configuração do mundo esportivo no início do século XX havia também as práticas esportivas restritas a uma pequena parcela da população, a elite. Dessa forma, a rápida popularização de algumas modalidades, como o ciclismo e o futebol, as Olimpíadas e a internacionalização das competições esportivas não foram os únicos elementos novos nas transformações do esporte moderno.

Proni (1998a) inclui também o aparecimento de novas modalidades esportivas, como o basquetebol e o voleibol, a esportivização de exercícios corporais modernos, como a ginástica olímpica, o surgimento de novas modalidades destinadas à elite, como o automobilismo, e a incipiente participação das mulheres em competições oficiais, como alguns exemplos desta nova configuração e ampliação ocorrida no mundo esportivo.

Podemos considerar que o crescimento do número de modalidades, a inclusão de novos segmentos sociais e a universalização dessas práticas “racionalizadas” e “civilizadas”, em distintos continentes, são indicativos da expansão e do dinamismo do mundo esportivo, nesse período de prosperidade econômica e importantes mudanças sociais (PRONI, 1998a, p. 57).

¹³ Por outro lado, em países com regime político socialista, a prática esportiva era formalmente definida como atividade amadora e controlada direta ou indiretamente pela burocracia governamental, o que conferia uma condição particular para os clubes e jogadores de futebol na Europa Oriental. Não estando submetido ao profissionalismo e às flutuações econômicas, o futebol nesses países desenvolveu-se para mostrar a força esportiva do Estado por serem amadoras, as seleções socialistas obtiveram muitas medalhas nos Jogos Olímpicos (nos quais a participação de profissionais foi impedida até a década de oitenta), mas não obtiveram sucesso nas Copas do Mundo (PRONI, 1998, p. 149).

Para o autor, estas competições esportivas desenvolveram-se e difundiram-se predominantemente por meio de ligas ou associações amadoras. Neste contexto, pode ser incluído o Basquetebol, que surgiu a partir de uma elite que manifestava através do esporte seu poder simbólico e, portanto, possuíam interesse em manter estas práticas de forma amadora. Por outro lado, como foi abordado anteriormente, as competições profissionais de futebol, de boxe e de beisebol, além do turfe, já estavam consolidadas no cotidiano das grandes cidades e se popularizavam a cada dia.

Destaca-se o desenvolvimento de certas modalidades praticadas pela elite a partir das instituições escolares. Ao perceberem que o Basquetebol e Voleibol representavam determinado perfil formativo social, as autoridades americanas não tardaram em incluir essas modalidades nos programas escolares, além de incentivar a sua prática em outras instâncias públicas. Esse poder simbólico do basquetebol na escolarização americana difere, por exemplo, da representação do futebol nas escolas secundárias das elites estudantis inglesas ou *public schools*. Pode-se inferir que o basquetebol e o voleibol nasceram respeitando os anseios de uma burguesia capitalista emergente (nova classe média), enquanto o futebol foi balizado no refinamento de uma prática desportivizada escolar para os filhos da aristocracia inglesa (MARCHI JR., 2001).

Marchi Jr. (2001) aponta a partir dessa discussão anterior uma nova via de criação esportiva diferente da via Eurocêntrica, para modalidades como o Voleibol e o Basquetebol, devido à forma como foram inseridas no mundo esportivo. Entretanto, a discussão sobre aspectos relativos à origem do basquetebol será realizada de forma mais efetiva no capítulo posterior. Todavia, as modalidades surgidas nos Estados Unidos da América do Norte também passaram por transformações e dessa forma, torna-se importante entender o contexto dessa sociedade contemporânea durante o século XX.

De acordo com Proni (1998a, p. 59) houve uma mudança qualitativa na estruturação e na divulgação do esporte no mundo contemporâneo, devido a dois movimentos: “à progressiva mercantilização da cultura (que avança desde o século XIX, mas se intensifica na segunda metade do século XX); e uma visível transformação das estruturas sociais e econômicas, particularmente depois da Segunda Guerra Mundial”.

Para Proni (1998a) a mercantilização e a espetacularização do esporte, processos que iniciaram na sociedade burguesa, foram elevados à máxima potência na “sociedade de massa”. A compreensão das características da sociedade de massa proporciona uma sólida posição para o entendimento do papel primordial conferido ao esporte neste novo contexto na sociedade contemporânea, impregnadas pela lógica do mercado, e como este influenciou nas práticas esportivas, transformando-as em verdadeiros espetáculos.

A mercantilização da cultura baseada na produção e no consumo de massa da sociedade se configurou primeiramente nos EUA. Já nos anos vinte, houve significativo aumento da produtividade no trabalho, além do barateamento dos bens produzidos em série, que gerou uma elevação real dos salários médios. Neste período, grande parcela da população urbana passou a desfrutar de um padrão de vida superior, adentrando em um universo do bem-estar (*Welfare State*), do consumo e do lazer moderno, antes privilégio da burguesia. Esta sociedade de massa está relacionada ao lazer de massa, devido à paulatina redução da jornada de trabalho e um correspondente aumento do tempo livre da classe trabalhadora¹⁴.

Essas profundas transformações na economia capitalista, principalmente nos Estados Unidos, proporcionaram a emergência de uma nova classe média que foi fundamental para as mudanças sociais e éticas na vida privada dos norte-americanos. Sobre essa questão Wright Mills¹⁵ (1979, p. 253-254) coloca que:

Somente nos últimos cinquenta anos (primeira metade do século XX) as massas fatigadas da grande cidade tiveram acesso ao lazer. Além disso, o ócio só existia para a maioria dos socialmente preparados para utiliza-lo e desfrutá-lo; a ralé ficava num nível mais baixo e inexpressivo de sensibilidade, gosto e opinião. Depois, á medida que uma proporção cada vez maior do povo tinha acesso ao lazer, as técnicas de produção em massa passaram a ser aplicadas às diversões, como antes já tinha sido usadas na esfera do trabalho. O aspecto mais ostensivo da vida americana de hoje, e também um dos mais frenéticos, são as atividades de massa do tempo de lazer. [...]

A importância psicológica dessa passagem para o lazer de massa é que a moral do trabalho da antiga classe média – o evangelho do trabalho – foi substituída na sociedade dos empregos por uma ética do lazer; essa substituição provocou uma ruptura profunda e quase absoluta entre trabalho e lazer.

¹⁴ Não obstante, foi apenas na década de 50 que se generalizou definitivamente à posse dos bens que distinguiram o padrão de vida norte-americano, através da aquisição da casa própria, do automóvel e dos eletrodomésticos (PRONI, 1998a).

¹⁵ Na verdade, o trabalho clássico de Wright Mills, intitulado “A Nova Classe Média” foi publicado originalmente em 1951.

Na visão de Wright Mills (1979), essa ruptura entre trabalho e lazer contribuiu não só para alterar o valor subjetivo do trabalho, mas também para redirecionar os objetivos e os anseios da população, impulsionadas pela ação da mídia e pela lógica mercantil. Mas a emergência de uma nova classe média e a difusão dessa cultura do lazer, segundo Proni (1998a, p. 61) “só podem ser plenamente compreendida” diante da observação das profundas transformações na economia capitalista.

Assim como na Inglaterra no século anterior (XIX) havia difundido não apenas um novo padrão de acumulação, mas uma nova ideologia (o liberalismo burguês), no século atual (XX) foram os EUA que exerceram uma posição de hegemonia e se tornaram o bastião das regras da concorrência econômica e social. Mais precisamente, foram os norte-americanos que difundiram um novo padrão produtivo e um novo padrão de consumo, relacionados entre si, que exacerbaram o individualismo da vida privada através de uma propalada mobilidade ocupacional e social, e ampliaram o império da competição no campo profissional e do *status* social (PRONI, 1998a, p. 61).

A partir do esclarecimento de Proni, percebe-se que, principalmente após a 2ª Guerra Mundial e as crises da primeira metade do século XX (reconstrução do pós-guerra), os Estados Unidos não apenas manifestou essas características sociais e culturais, como também difundiu para outros continentes (hemisfério ocidental). Modalidades como o tênis não apenas se converteram ao profissionalismo como também se transformaram em produtos bastante valorizados pela indústria esportiva e pela mídia especializada. Na Europa Ocidental ocorreu uma intensa absorção dos “padrões capitalistas” de produção e consumo norte-americanos, reproduzindo os elementos constitutivos de uma sociedade de massa¹⁶. Hobsbawm (1995, p. 300-301) demonstra mudanças processadas na estrutura social e no estilo de vida europeu.

Na maioria dos aspectos, essa consciente coesão operária atingiu o auge, nos países desenvolvidos mais antigos, no fim da Segunda Guerra Mundial. Durante as décadas de ouro quase todos os seus elementos foram minados. A combinação de *boom* secular, pleno emprego e uma sociedade de autêntico consumo de massa transformou totalmente a vida dos operários nos países desenvolvidos, e continuou transformando-a. Pelos padrões de seus pais, e na verdade, se suficientemente velhos, pelas suas próprias lembranças, já não eram pobres. Vidas imensuravelmente mais prósperas que qualquer não-americano ou não-australiano jamais tinha esperado eram privatizadas pela tecnologia do dinheiro e a lógica do mercado: a televisão tornava desnecessário ir ao jogo de futebol, do mesmo modo como TV e vídeo tornaram-se desnecessário ir ao cinema, ou os telefones

¹⁶ A influência cultural norte-americana sobre as nações do Ocidente, inclusive, tem levado alguns autores a falarem em um processo de “americanização” do esporte europeu (PRONI, 1998b, p. 83).

substituíram as fofocas com amigos na praça ou na feira. [...] Entre o topo e a base dos mercados de luxo de alta tecnologia que agora se desenvolviam [...] a diferença era apenas de grau. De qualquer modo, a começar pela televisão, diversões até então só disponível como serviço particular a milionários estavam agora nas mais modestas salas de visitas.

Nas décadas de cinquenta e sessenta essas transformações de acordo com Hobsbawm trouxeram grandes mudanças culturais evidenciadas na vida do operariado. Trata-se de uma transformação profunda no modo de vida das pessoas e que “teve conseqüências políticas importantes e que deslocou do debate ideológico a discussão em torno da dominação burguesa e da luta contra o capitalismo” (PRONI, 1998a, p. 62). Neste contexto sócio-político, o mundo passou a ter uma nova ordem mundial, deixando de ser predominantemente “eurocêntrica” para uma bipolarização do planeta, ou seja, o mundo passou a ser dividido em dois blocos distintos principalmente após a Segunda Guerra Mundial, sendo capitalista liderado pelos Estados Unidos da América do Norte e outro bloco socialista, representado pela ex-URSS.

Nas nações ditas como “civilizadas” esses princípios do sistema econômico foram fundamentais para nortear a organização social e a própria dinâmica cultural conforme descreve Proni (1998a, p. 62):

Se, de um lado, o desenvolvimento tecnológico alavancado pela acumulação de capital favoreceu as bases objetivas pra a constituição de uma sociedade de consumo de massa, de outro, o crescimento estável dos mercados e a afluência dessas sociedades só foi possível porque se desenvolveram mecanismos públicos de regulação econômica e porque se garantiram mecanismos institucionalizados de redistribuição de renda e de participação democrática. Nesse sentido, a constituição de uma sociedade de massa implicou certo grau de participação do conjunto da população nos frutos do progresso material e cultural alcançados.

Tal sociedade de massa a rigor necessitava como premissa de uma cultura fomentadora para sua sobrevivência mercadológica, a qual moldaria o pensamento consumista e permitiria uma contínua e incessante produção e consumo de seu mercado alvo, uma cultura de massa. O autor Morin (1990) em seu livro “Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo” descreve que o pensamento de uma cultura de massa leva modelos culturais a todos os domínios, permeia as relações amorosas, o conceito de beleza, o vestuário, o erotismo, as mais variadas facetas do viver e da origem àquilo que o autor chama de “modelos afetivos e práticos de

personalidade”. Proni (1998a, p. 63) descreve sobre o pensamento da cultura de massa defendida por Morin:

É inquestionável que tais modelos sociais, para Morin, decorrem da necessidade do sistema econômico de ampliação contínua dos mercados de bens e serviços, por um lado, e da poderosa ação dos meios de comunicação de massa, por outro. E é nesse sentido que a cultura de massa, enquanto portadora de valores tais como o individualismo, imediatismo e consumismo, requer a substituição recorrente dos produtos e dos próprios modelos, criando um mercado cultural onde os bens são necessariamente efêmeros, pois tudo se substitui muito depressa.

Não há dúvida de que essas inovações tecnológicas colocadas anteriormente e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa proporcionaram condições para o aparecimento ou a difusão de novos campos de trabalho, relacionados ao tempo imediatista e consumista referidos por Morin, como por exemplos podem ser citados o marketing e a publicidade. Não obstante, fica claro pela análise do trecho acima que neste momento histórico o ato de consumir passa a ser incorporado na sociedade de massa, entretanto, com peculiaridades distintas da sociedade burguesa do século XIX.

A sociedade de massa esta ligada a uma cultura de massa, porém, mais do que isso, corresponde a um consumo “simbólico”, baseada em vetores “psicológicos”. Para uma parcela crescente da população o ato de consumir certos bens portadores de signos passou a ser imprescindível para desempenhar papéis sociais e não apenas pela satisfação de necessidades objetivas, e dessa maneira, partilhar do universo simbólico de um determinado grupo social. O consumo na sociedade de massa não tinha, como na sociedade burguesa, a função explícita de diferenciação social, era um comportamento introjetado, talvez até de forma menos consciente, mas também uma forma dos indivíduos se relacionarem e se avaliarem, quase que de maneira “natural” (PRONI, 1998a).

Não se tratavam apenas da posse de objetos funcionais para o seu possuidor, mas de uma linguagem social, baseada no valor-de-uso (funcionalidade prática) e no valor-de-troca (intercâmbio econômico) como discriminantes sociais (positivos ou negativos) a partir de determinado modelo (GIOVANNI, G. Di, 1995). Proni (1998a) a partir desse raciocínio considera que nas modernas economias de mercado alguns indivíduos para diferenciarem da

massa, procuraram expressar sua individualidade através da sua capacidade e de sua propalada “liberdade” de consumo.

Segundo Proni (1998a, p. 64-65) na busca por ampliar essa discussão, outros atores como o cientista social Mike Featherstone, preferiram utilizar o termo “cultura do consumo” a partir de uma “sociedade do consumo” tendo em vista que a “massificação dos mercados foi sobreposta por uma ampla diversificação dos bens ofertados e das preferências dos consumidores”. De qualquer forma, as interpretações de Wright Mills (1979) continuam sendo válidas: a ética fundada na valorização do trabalho foi cedendo espaço a uma ética fundada no consumismo. É o consumo que universaliza e, ao mesmo tempo, personifica.

Sem perder de vista a relativa autonomia da história do esporte, torna-se importante entender o desenvolvimento histórico dessas sociedades discutidas anteriormente para compreender as relações entre essas duas instancias. De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu (1983, p. 137) “A historia do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da historia econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica”.

Evidentemente, torna-se extremamente difícil explicar de forma pormenorizada o desenvolvimento das relações sociais desde o século XIX até o século XX, passando pela organização dessas sociedades, seus interesses e a forma como estas se estruturaram. Entretanto, para esclarecer as diferenças e singularidades entre a sociedade burguesa do século XIX, a sociedade de massa e a sociedade do consumo das últimas décadas do século XX, Proni (1998a, p. 65) descreve uma passagem buscando clarificar esses contextos.

Primeiro, embora a sociedade de massa tenha suas raízes na glorificação do consumo guiado pela moda, pelo estilo de vida, devemos lembrar que ela só se materializa com a produção seriada, com a disponibilidade de tempo e renda, com a expansão do crediário, com os meios de comunicação de massa e o marketing. Por outro lado, essa cultura de consumo contemporânea tende a restaurar a mentalidade liberal do século passado (século XIX), porque se funda nas liberdades de escolha, nas diferenças e nos méritos individuais. Assim, embora o velho liberalismo burguês tenha se dissolvido, verificou-se nas últimas décadas um fortalecimento de valores *neoliberais*, uma exacerbação do individualismo e da competição social. Podemos então dizer que, nessa transição de uma sociedade burguesa para uma sociedade de massa, existem rupturas indiscutíveis, mas existem também continuidades fundamentais.

A partir do entendimento das relações sociais e do contexto histórico na organização da sociedade no século XX, podem ser compreendidas as transformações ocorridas no esporte e o seu processo de espetacularização.

Bourdieu (1983, p. 143-144) a respeito das transformações do esporte em espetáculo de massa, analisa sobre a ótica da oferta esportiva e da introjeção da lógica mercantil no campo esportivo, a partir da mercantilização das práticas e do consumo esportivo:

Assim, por maior que seja a importância que reveste a prática de esportes – em particular dos esportes coletivos como o futebol – para os adolescentes das classes populares e médias, não se pode ignorar que os esportes ditos populares, ciclismo, futebol, rugby, também e principalmente funcionam como espetáculos [...]: eles são “populares”, mas no sentido em que reveste esse adjetivo toda vez em que é aplicado a produtos materiais ou culturais da produção de massa, automóveis, moveis ou canções. Em suma, o esporte, que nasceu dos jogos realmente populares, isto é, produzido pelo povo, retorna ao povo, como a *folk music*, sob a forma de espetáculos produzidos para o povo. O esporte-espetáculo aparecia mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre os outros do *show business*, se o valor objetivamente reconhecido à prática de esportes (principalmente depois que as competições esportivas se tornaram uma das medidas da força relativas das nações, ou seja, uma disputa política) não contribuiu para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo passivo.

É bem verdade que alguns esportes se mostraram mais favoráveis à espetacularização, diante da existência prévia de jogos semelhantes à modalidade, assim como, a inserção do profissionalismo, diferenciando os atletas com os torcedores e, sobretudo, pelo consumo esportivo inserido na sociedade de massa que se observou a partir das transmissões proporcionadas pela mídia, a qual promoveu determinadas mudanças em algumas modalidades a fim de torná-las mais agradáveis ao público consumidor.

As transmissões televisivas na segunda metade do século XX foi um aspecto determinante para potencializar a configuração da sociedade de massa e conseqüentemente, para expandir esse consumo passivo referido por Bourdieu. A limitação do poder de difusão dos meios de comunicação na primeira metade do século XX restringiu os avanços na comercialização do esporte, mesmo em modalidades que já havia se convertido no profissionalismo.

E no entanto, por nossos padrões, os esportes de massa, embora globais, permaneceram extraordinariamente primitivos [até a década de quarenta]. Seus praticantes ainda não tinham sido absorvidos pela economia capitalista. As grandes estrelas ainda eram amadores, como no tênis (isto é, assimilados ao *status* burguês tradicional), ou profissionais que ganhavam um salário não muito superior ao de um operário industrial qualificado, como no futebol britânico. Ainda tinham de ser apreciados pessoalmente, pois mesmo o rádio só podia traduzir a visão real do jogo ou corrida nos crescentes decibéis da voz do locutor. A era da televisão e dos jogadores pagos ainda estava alguns anos à frente (HOBSBAMW, 1995, p. 197).

Com a expansão do público televisivo (comunicação de massa) e do crescente interesse de patrocinadores, já na década de 70, muitas modalidades esportivas tornaram-se bastante assediadas, esse aspecto incidiu na criação de departamentos especializados pelas equipes e influenciou as próprias federações ou ligas a adotarem planos plurianuais de marketing para valorizar o espetáculo e as condições de comercialização do seu produto. (PRONI, 1998b)

Proni (1998a) analisa a trajetória de organização esportiva no século XX desde a produção de espetáculos de maneira “artesanal” até a transição para a organização do esporte de forma empresarial, e aponta quatro fases para esse desenvolvimento.

No início do século XX as competições de algumas modalidades (turfe) começam a ser “vendidas” (o espetáculo assumiu um valor de troca e passou a ser consumido) e parte dos atletas foram se profissionalizando (recebiam ajudas de custo). Mas Proni (1998a, p. 88) expõe que “a simples existência de relações de assalariamento não denota uma atividade empresarial voltada para a concorrência no mercado e a acumulação”.

Após esse período inicial, na medida em que as modalidades se popularizavam, surgiram várias alterações nas regras visando aumentar a competitividade e atrair mais praticantes. As modalidades já neste momento conquistaram espaço na mídia escrita (revistas e jornais) e principalmente no rádio. Entretanto, não registraram significativas mudanças qualitativas na organização esportiva. Em muitos casos, o Estado contribuía na construção de estádios ou ginásios esportivos, além de subsidiar a atividade com isenções de impostos, viabilizando assim a existência ou o fortalecimento das ligas profissionais (PRONI, 1998a).

Em um terceiro período, pós-guerra (1948 – 1973), a inserção dos meios de comunicação, principalmente a televisão, influenciou na constituição de mercados de massa e ampliou as oportunidades de negócios. Porém, Proni (1998a, p. 89), explica sobre a organização esportiva nesse momento:

Mas isso não foi capaz de modificar imediatamente a estrutura organizacional de clubes e federações, nem sua relação com a mídia. A maioria dos esportes profissionais resistiam a implementar modificações visando se associar a televisão (e vice-versa). Assim, nesse período de “transição” - e de formação de um público ávido por espetáculos televisivos – o marketing esportivo apenas engatinhava e as modalidades mais populares ainda não constavam com ligas organizadas empresarialmente e contratos milionários com emissoras de TV e patrocinadores¹⁷.

Por fim, Proni (1998a, p. 89) aponta um último período, denominado de “era da globalização”, que as competições se convertem em “espetáculos altamente valorizados pela bilionária indústria do entretenimento”.

Da mesma forma como foi apresentado o exemplo do futebol para a discussão sobre o processo de profissionalização do esporte, nesse momento torna-se pertinente, para discutir sobre esse último período mencionado por Proni (1998a), utilizar o exemplo de organização esportiva da Liga Nacional de Basquetebol dos Estados Unidos da América do Norte, a NBA (National Basketball Association).

A partir do estabelecimento de contratos e licenciamentos com grandes empresas, se transformou em um dos maiores modelos de organização empresarial no esporte. Nas últimas décadas a NBA conquistou áreas e mercados consumidores além das fronteiras dos EUA, e atualmente estabelece séria concorrência com futebol, o esporte mais difundido no mundo em popularidade entre os fãs¹⁸.

Desde que assumiu o cargo de presidente da NBA, há pouco mais de uma década, David J. Stern transformou uma série de franquias em declínio em uma máquina de fazer dinheiro que “aquece os músculos” tanto dentro como fora da quadra. Nesse processo, a NBA tornou-se um exemplo para qualquer organização que está lutando para se destacar, e oferece lições sobre como estabelecer uma marca e ampliá-la em todas as direções, tanto as inovadoras como as óbvias. Em 1998, o faturamento da NBA com a venda de ingressos e direitos de transmissão de TV foi estimado em US\$ 2 bilhões, contra US\$ 1,2 bilhão um ano antes, em 1997. Isso representa mais de quatro vezes os US\$ 255 milhões arrecadados uma década antes. Mas isso é só o começo. Os grandes volumes de dinheiro vêm hoje de incontáveis contratos de licenciamentos e patrocínio com mais de 150 empresas, incluindo gigantes como Coca-Cola, Mc Donald's e Nike. Esses relacionamentos geraram mais de US\$ 3 bilhões em 1996, 30 vezes os US\$ 107 milhões de dez anos atrás (RIFKING, 1999, p. 102-103).

¹⁷ Essa periodização genérica não se aplica bem aos EUA, onde a aproximação entre TV e esporte foi mais precoce.

¹⁸ Informações sobre o modelo de administração esportiva da NBA podem ser encontradas na revista **Strategy & Business**, 13 mar. 1999.

A NBA impôs um rígido controle sobre a forma como seus licenciados apresentavam sua imagem e mensagem, além de proporcionar as mesmas garantias às 29 sub-marcas (franquias), por meio de uma administração centralizada e organizada. Também foi introduzido uma política salarial de participação nos lucros, que não enriqueciam somente os jogadores, mas também a administração (RIFKING, 1999).

Baseada em uma organização empresarial, associou sua marca a imagem de alguns atletas¹⁹, transformou o seu campeonato em um modelo que prima pelo cumprimento de horários, entretenimento dos torcedores e por uma atenção especial a imprensa, dessa forma, os contratos de televisão, os valores das bilheterias dos ginásios e as vendas de produtos ligados à marca da NBA se multiplicaram (PRONI, 1998b).

Esse período de globalização referenciado por Proni (1998a) pode ser observado em algumas estratégias da NBA de expandir sua marca em outros países como: a inclusão do *Dream Team* (seleção masculina de Basquetebol dos Estados Unidos da América do Norte) nos Jogos Olímpicos de 1992, a organização de torneio na Europa envolvendo as equipes campeãs de todos os continentes, inclusive a equipe campeã da NBA²⁰, realização de clínicas com atletas, técnicos e dirigentes da NBA em outros continentes (Américas, Europa, África e Ásia)²¹ e as transmissões dos jogos, principalmente dos *play-offs*, para inúmeros países do globo²². Observa-se também a entrada de vários jogadores²³ de outras nacionalidades nas equipes da NBA, e estes tem alavancado a indústria de entretenimento e o consumo de produtos dessa Liga em seus países de origem. Para expandir seus mercados e fortalecer sua marca, a NBA não se limitou às atividades esportivas, haja vista a criação da *NBA Entertainment*, inserindo-se no mercado cinematográfico

¹⁹ No final dos anos 70 iniciou a associação da marca NBA com os atletas Larry Bird e Magic Johnson que protagonizaram duelos e rivalidades dentro das quadras e conquistaram significativa parcela do público norte-americano e ampliou-se para o mundo esportivo na década de 80. Entretanto, o caso de maior sucesso de associação na NBA foi com o atleta Michael Jordan, que passou a simbolizar essa marca e assumiu status de herói na mídia, através das campanhas de marketing promovidas pela Nike (RIFKING, G., 1999, p. 109)

²⁰ Esse torneio é patrocinado pela rede Mc'Donalds que inclusive sede o nome a competição (Mc'Donalds Open).

²¹ A NBA possui um projeto denominado "Basketball Without Borders", que poderia ser traduzido para o português como "Basquetebol sem Fronteiras" que segundo o site oficial o objetivo é proporcionar amizade, boa vontade e educação para os jovens. Entretanto, percebe-se a busca por novos nichos e por mercados potencialmente ativos de consumidores de seus produtos. O site oficial da NBA é www.nba.com e inclusive, pode ser acessado em vários idiomas. Uma característica marcante da espetacularização do esporte é a acessibilidade dos produtos, no site oficial da NBA é possível realizar compra de ingressos, camisetas, bonés, jaquetas, adesivos, flâmulas e outros adereços das equipes. Também é possível encontrar estatísticas das equipes e de seus jogadores, entrevistas, programação do campeonato histórico das equipes e da própria Liga.

²² Em 1996 jogos dos *play-offs* foram transmitidos para 171 países. (PRONI, 1998b)

²³ Como exemplos podem ser citados os atletas brasileiros Leandro Barbosa, Nenê e Anderson Varejão que invariavelmente são noticiados na imprensa esportiva brasileira e dessa forma propagam a marca da NBA no Brasil.

e nas produções de vídeos, jogos, revistas, propagandas e publicidades, transformando seus atletas em verdadeiros “heróis”.

Como visto o esporte espetáculo desenvolveu-se em consonância com a configuração característica da sociedade contemporânea e, portanto, do esporte vinculado ao consumo de signos, propiciando um ambiente de grande potencial para o crescimento da indústria esportiva. Como exemplos, podem ser citados: as modalidades que se reestruturaram em função da comercialização dos direitos de transmissão de televisão e da busca por patrocínios, os grandes atletas que se transformaram em *mega-stars* e, são pagos para fazerem propagandas de empresas e produtos. Dessa forma, percebe-se que o esporte-espetáculo tornou-se um grande negócio e definitivamente inserido na economia capitalista.

O contexto de organização capitalista norte-americano influenciou as práticas esportivas no Brasil e essa contextualização histórica permitirá a compreensão desta trajetória ocorrida no basquetebol. No tópico seguinte será apresentado o modelo da lógica capitalista de Brohm que discutirá aspectos relacionados ao processo de mercantilização do esporte, buscando entender posteriormente, a partir desse referencial teórico, o cenário organizacional do basquetebol masculino brasileiro.

1.4 Pressupostos Teóricos sobre o Modelo de Jean-Marie Brohm

O sociólogo Jean-Marie Brohm publicou sua principal obra, *Sociologia Política do Esporte* em 1976, na época em que se instaurava uma crise de valores no esporte e debatiam-se questões como: a escravidão do atleta, busca da vitória a qualquer preço, utilização ideológica do esporte, prioridade para formação de campeões, comercialização predatória e a influência dos meios de comunicação e publicidade no cenário esportivo. Para o autor estes aspectos refletiam-se de duas maneiras, na adaptação do esporte moderno à organização capitalista industrial no contexto mundial e na utilização do esporte como aparelho ideológico do Estado.

Brohm (1976, p. 33) define sua obra como:

[...] um ensaio de sociologia geral do esporte, da instituição esportiva tomada tanto como um subsistema do sistema social global como por um sistema específico relativamente autônomo. Evidentemente tratamos de reagrupar em forma hierarquizada as categorias centrais do sistema esportivo, as quais permitem entender sua estrutura de funcionamento e o seu desenvolvimento histórico contraditório.

O modelo da lógica capitalista burguesa de Brohm contribui no entendimento da organização esportiva do basquetebol e na análise de sua trajetória, na medida em que estabelece uma discussão em torno de algumas questões que permeiam este debate. Evidentemente, por tratar-se de um trabalho complexo torna-se inviável para esse estudo a apresentação integral do mesmo. Porém serão abordados aspectos significativos, tendo em vista, a aproximação do tema aos objetivos propostos nesse estudo.

Primeiramente, será apresentada a fundamentação metodológica do seu modelo. Em seguida será discutido como o autor observa o funcionamento e a lógica do sistema esportivo, e por último às funções do esporte na sociedade urbano industrial. Em seu trabalho Brohm faz algumas críticas ao papel social do esporte de alto rendimento e tenta através deste modelo explicar a relação dialética entre o esporte e a sociedade, e desta forma, avançar em outras questões. Para este estudo, esses três tópicos abordados anteriormente podem auxiliar na reflexão a cerca da organização institucional do basquetebol masculino brasileiro.

Como forma metodológica Brohm busca fundamentação teórica em Marx, tratando o esporte como uma totalidade em suas relações, não obstante devido às dificuldades e complexidades do esporte o autor opta por constituir uma rede de conceitos a partir de diversos autores para organização deste trabalho como: Lévy-Strauss, Weber, Freud e Althusser.

Procurando estabelecer um paralelo entre a mercantilização do esporte e a lógica capitalista de organização social, Brohm define o sistema esportivo a partir do conceito de *processo de produção esportiva*, e aponta que este sistema é dependente do sistema econômico (sistema capitalista) e desta forma produz determinadas mercadorias como: campeões, espetáculos, recordes e competições. Por outro lado, o esporte também é visto como uma instituição social original, ou como o autor coloca a “instituição da competição física que reflete estritamente a concorrência econômica industrial” (BROHM, 1976, p. 14).

Brohm estabelece alguns conceitos sobre o advento do esporte moderno baseado na totalidade estruturada do sistema esportivo que se constitui progressivamente a partir de um sistema de dimensões mundiais. Este autor aponta algumas características relacionadas ao advento do esporte moderno que: nasce com a sociedade industrial e é inseparável de suas estruturas e funcionamento; evolui estruturando-se e organizando-se internamente de acordo com a evolução do capitalismo mundial; e assume forma e conteúdo que refletem essencialmente a ideologia burguesa (PRONI, 2002).

Em sua obra Brohm discute o advento do esporte moderno, relatando a origem do esporte moderno, seu desenvolvimento e as relações sócio-culturais estabelecidas com a burguesia, temas desenvolvidos nos tópicos anteriores. Entretanto, Brohm estabelece claramente uma *ruptura histórica* entre o esporte antigo e o esporte moderno devido à criação desta nova instituição (fundamentado na perseguição pelo recorde, crescente interesse pela velocidade e principalmente na obsessão pelo mensurável). Considera também a diferença radical entre as atividades físicas de todo tipo (lúdica) e o esporte propriamente dito (papel motor e dominante da alta competição).

Sobre o pioneirismo dos EUA e Inglaterra na organização das federações nacionais, como foi discutido no segundo tópico desse capítulo, Brohm esclarece que “a concordância da aparição das federações esportivas nacionais nos distintos países mostram claramente o caráter estrutural do fato esportivo, indissociavelmente ligado ao modo de produção capitalista e a sua eclosão expansionista-imperialista no princípio do século” (BROHM, 1976, p. 74).

Na medida em que o modo de produção se instala e se consolida definitivamente em outros países, ocorre simultaneamente a institucionalização do sistema esportivo através do intercâmbio de mercadorias, capital e do fluxo de trabalhadores, especialmente a partir do final do século XIX e início do século XX. Sendo assim, o esporte exige instituições “democráticas” (Inglaterra e EUA) e segundo o autor essa é a essência do esporte moderno, que encontra nessas sociedades a necessidade de cultivar um ideal humanitário e, ao mesmo tempo, manter suas estruturas de classes e seus mecanismos de dominação (BROHM, 1976, p. 80-81).

O desenvolvimento do esporte moderno de acordo com a análise histórica de Brohm ocorre a partir de quatro fatores responsáveis:

- Desenvolvimento do tempo livre e do ócio “que ocupa um lugar de destaque na civilização do lazer graças ao impetuoso desenvolvimento das forças produtivas” (BROHM, 1976, p. 76);
- Universalização dos intercâmbios mediante os transportes e os meios de comunicação de massa “o esporte se converte em uma mercadoria cultural por excelência no mercado de intercâmbio, graças a sua consciência cosmopolita” (BROHM, 1976, p. 77);
- Revolução técnico-científica “que se reflete na busca por eficiência corporal, na infra-estrutura organizativa e material, nos instrumentos de medição, nas técnicas de treinamento, nos aparatos de registros, nos novos materiais e equipamentos ultra modernos, no condicionamento dos terrenos e campos esportivos em geral, inclusive no surgimento de novas modalidades esportivas” (BROHM, 1976, p. 78);
- Revolução democrático-burguesa e o enfrentamento das nações “a dinâmica político-ideológica das nações em torno do sistema esportivo” (BROHM, 1976, p. 79).

Em relação ao funcionamento e estruturação do sistema esportivo Brohm baseado em Levy-Strauss aponta que em primeiro lugar essa “estrutura oferece um marcado caráter de sistema”, formado por níveis, elementos, instâncias, e uma modificação qualquer em um segmento causam modificações em todo o sistema. Em segundo lugar “as propriedades do sistema permitem prever como acionará o modelo em caso de modificação de um de seus elementos” (BROHM, 1976, p. 24).

Existe um princípio de equilíbrio e de transformação estrutural no sistema, e este forma o centro de gravidade do conjunto, sendo assim, ocorrendo mudanças no centro de gravidade, ocorre modificações no sistema. Transferindo esse entendimento para o sistema esportivo o autor explica que “no sistema esportivo, este centro de gravidade esta representado pelo princípio do

rendimento que governa todos de maneira imperiosa” (BROHM, 1976, p. 24) e as categorias esportivas se integram umas em outras e atuam umas sobre as outras. Desta forma, o princípio do rendimento é o princípio constitutivo e como o autor coloca “o motor do sistema esportivo” (BROHM, 1976, p. 25).

De acordo com Brohm (1976, p. 88) verifica-se no sistema, “uma homologia estrutural entre a rivalidade mercantil capitalista e a competição esportiva”, e da mesma forma, observa-se na universalização da *forma mercantil* e da *forma esportiva*. A respeito dessa equivalência estrutural Proni (2002, p. 43) explica que:

Da mesma forma que existe a racionalização na organização dos mercados (concorrência capitalista), há também regulamentação da competição esportiva. E como os princípios da sociedade capitalista mercantil determinam estruturalmente o esporte, as categorias socioeconômicas encontram correspondência nas categorias esportivas: a especialização é produto da divisão do trabalho (técnica do corpo); a busca do máximo rendimento torna o recorde similar a uma medida da capacidade produtiva almejada; o esporte é uma corrida contra o relógio (tempo capitalista); o espetáculo esportivo torna-se uma mercadoria; os esportistas perdem sua individualidade (despersonalização e massificação).

Brohm (1976, p. 127) coloca que “a organização esportiva democrática é de alguma maneira o modelo de miniatura da democracia burguesa formal”, e se organiza a partir do princípio do associativismo burguês e os fundamentos da democracia burguesa: “a igualdade formal dos sujeitos autônomos e a associação voluntária em uma célula da base representativa”.

A organização esportiva apoiada sobre uma ideologia igualitária, na verdade segundo Brohm (1976, p. 77), “é uma organização segregacionista, seletiva e elitista”. Há uma contradição entre a finalidade do sistema, que é a superação dos recordes, a formação de campeões (profissionalismo), e o seu modo de funcionamento, ou seja, preparação do indivíduo para o exercício de cidadania, “daqueles que amam o esporte e desejam praticá-lo livre e alegremente” (amadorismo).

A respeito da funcionalidade da instituição esportiva Brohm coloca que as funções do esporte de hoje (final do século XX) são múltiplas, contraditórias, complexas, evolutivas e diferentes das funções da época de seu nascimento. “O sistema esportivo constitui, em suma, uma totalidade articulada de instâncias dominantes” (BROHM, 1976, p. 88), que se estrutura conforme um esquema piramidal no qual há uma hierarquia de poder e uma determinada escala

de valores. Para estudá-las o autor faz uma divisão de acordo com as seguintes categorias sociais: econômica, sociopolíticas, psicológicas e mitológicas, e coloca que “no sistema esportivo, a dominação varia de acordo com seus diferentes ramos” (BROHM, 1976, p. 88).

Em sua obra o autor explora essas quatro instâncias, entretanto este estudo considera a instância econômica como principal categoria, pois exerce essa dominação no esporte profissional, e assim, permite aproximar a discussão de aspectos referentes à organização do basquetebol masculino brasileiro.

Como foi apresentado anteriormente, o esporte moderno surgiu a partir da revolução industrial e foi imediatamente cercado pelo mercantilismo, através das apostas e financiamentos por parte da nobreza, de acordo com Pociello. Para Brohm, a venda do espetáculo esportivo e as apostas precederam não só o começo do profissionalismo esportivo, mas também foram as primeiras formas de institucionalização da competição esportiva. Como em toda sociedade mercantil é inevitável que se produza à comercialização de todas as atividades, ou seja, a redução mercantil, a avaliação de todos os objetos e produção em função de seu valor mercantil. O esporte não foi diferente e inseriu-se progressivamente no sistema capitalista, a partir da revalorização do capital.

A circulação e a valorização das mercadorias, do dinheiro e do capital impregnam todos os âmbitos da sociedade atual. E penetram na totalidade do sistema esportivo, que se vê inserido progressivamente nas malhas do sistema capitalista, até o ponto de não ser mais que um simples anexo funcional do mesmo. Assim, o sistema esportivo se estruturam enquanto instituição integrada, obedece, por conseguinte, todas as leis socioeconômicas que regem o modo de produção capitalista, em especial a acumulação, a concentração e a circulação de capitais (BROHM, 1976, p. 153).

Outro ponto significativo que Brohm discute em sua obra é a relação entre a comercialização do espetáculo esportivo e o desenvolvimento da sociedade de massa. Essa temática já foi apresentada no tópico anterior, porém vale acrescentar a importância da inserção dos meios de comunicação na transformação do espetáculo esportivo. Sobre esse ponto Brohm (1976, p. 157) explica que “este fenômeno de massa, um dos mais notáveis de nossa sociedade, foi acentuado pela introdução dos grandes meios de comunicação, em especial a televisão, que transformou o espetáculo esportivo em um feito universal de escala planetária”.

A dimensão alcançada pelo esporte (popularização do espetáculo esportivo) atraiu o interesse dos organizadores das manifestações esportivas. “Estes organizadores compreenderam imediatamente que o esporte podia ser considerado como um negócio lucrativo de grande envergadura” (BROHM, 1976, p. 157). Dessa forma, estabeleceram-se as cotas de transmissões de imagens, os direitos de organização dos eventos, os patrocínios esportivos, entre outras, como formas de comercializar os espetáculos.

De acordo com a lógica capitalista apresentada por Brohm, percebe-se que o regime capitalista é baseado na lei da oferta e da demanda e, por conseguinte, regula a oferta dos espetáculos esportivos. Os clubes e as empresas esportivas tendem a obedecer cada vez mais à lei geral que governa o mercado capitalista (promoção de eventos por parte de técnicos da organização e a administração das empresas). “Os grandes clubes foram transformados progressivamente em empresas de direitos de publicidade que impulsionam a promoção do espetáculo esportivo e sua difusão nos meios de comunicação” (BROHM, 1976, p. 163).

A entidade esportiva é como uma entidade comercial que busca, sobretudo, a produtividade e o lucro, ou seja, o rendimento através da competitividade dos mercados. Brohm esclarece que a rentabilidade de uma empresa esportiva depende do seu funcionamento interno e aponta três fatores: a existência de um aparato material e técnico (capital fixo e constante), a aquisição de força de trabalho dos esportistas (capital humano) e a capacidade de gerar valores (produção de mercadorias a serem consumidas – detentores do capital e detentores do resultado).

Em suma, para Brohm a lógica do mercado esportivo segue o funcionamento dos outros mercados capitalistas. O autor faz uma analogia entre a organização do sistema esportivo e a lógica dos mercados, em que o esportista vende sua força de trabalho por uma renda (salário, prêmios, benefícios)²⁴, e os custos dessa relação de trocas são determinados pela “bolsa de valores esportivos”. A opinião de Brohm é que o esporte profissional tornou-se um cartel, um complexo monopolista integrado aos monopólios capitalistas (principalmente nos EUA). Constitui-se uma grande indústria capitalista do espetáculo esportivo de massa, devido ao caráter massivo do esporte que se converteu em pólo atrativo para a publicidade, e pela televisão que se

²⁴ Brohm faz uma comparação (analogia) entre os atletas profissionais (principalmente no futebol e no ciclismo) com as relações de trabalho e coloca que os contratos e as transferências nos clubes, da maneira como eram realizados, poderiam ser considerados uma forma de escravidão, pois o jogador ficava “preso” ao clube. Inclusive esses contratos não respeitavam a declaração universal dos direitos humanos, que garantiam a livre eleição de um emprego e condições de trabalho justas e favoráveis.

tornou responsável por ampliar o mercado esportivo em escala mundial. Dessa forma, o esporte foi integrado ao circuito de acumulação de capital.

Neste tópico foram abordados aspectos da obra de Jean-Marie Brohm que segundo Proni (2002, p. 57) tem como propósito “discutir a lógica de funcionamento do sistema esportivo, as funções que a instituição esportiva cumpre na reprodução da ordem social e política, assim como a reciprocidade entre a ideologia esportiva e os valores éticos e morais do capitalismo”.

O modelo de Brohm parece útil para entender a organização do basquetebol masculino no Brasil, pois estão presentes questões ligadas ao processo de mercantilização esportiva, a busca de recursos financeiros, à comercialização dos espetáculos, à maximização do rendimento, ou seja, as transformações ocorridas no esporte moderno.

O próximo capítulo apresentará aspecto histórico do basquetebol masculino brasileiro para que posteriormente seja feita uma análise desta trajetória institucional baseada no modelo de Brohm.

CAPÍTULO 2

ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DO BASQUETEBOL MASCULINO

2.1 Origem e Evolução do Basquetebol

O basquetebol foi inventado em 1891 pelo professor Dr. James Naismith, professor de Educação Física canadense naturalizado americano, na escola de trabalhadores cristãos (ACM), atual Springfield College, em Massachussets – Estados Unidos. Durante o inverno havia necessidade de alguma atividade física para ser praticada em recinto fechado e com luz artificial, uma vez que os rigores do inverno não permitiam a prática de atividades recreativas ao ar livre. O basquetebol foi instituído no período de inverno (no outono e na primavera os esportes preferidos eram respectivamente o futebol americano e o beisebol) e difundia-se rapidamente dado sua prática ser efetuada em ginásios cobertos e fechados (DAIUTO, 1991).

O basquetebol não foi uma prática que com o passar do tempo apresentou um processo de desportivização, como as manifestações ocorridas na Inglaterra. A modalidade foi inventada como um jogo portador de um conjunto de regras e características que o inseriu no universo dos esportes. Não evoluiu de nenhuma manifestação cultural do jogo, passatempo ou qualquer outra atividade esportiva. Nasceu a partir do interesse de uma classe social emergente em transformação, qual seja a burguesia, que através da prática esportiva manifestava o seu status social²⁵.

As autoridades americanas reconhecendo o valor social dessa nova modalidade recomendaram sua inclusão nos programas de Educação Física escolar logo nos primeiros anos de sua invenção. Daiuto (1991, p. 95) relata a incursão do basquetebol nos programas escolares e nas universidades americanas.

Nos Estados Unidos a prática do basquetebol passou a fazer parte dos programas regulares de Educação Física das escolas e universidades logo após a sua invenção. O Sr. C. O. Bemis introduziu a prática do basquetebol no Genove College – Beaver Falls em 1892; o Dr. Alexandre Howe, da ACM da 86th Street, introduziu-o em Manhattan e o próprio Dr. Naismith teria sido o introdutor do jogo na Universidade de Kansas. O Elmira College, de Nova Iorque, a Universidade de Stanford e a Yale University, também estiveram entre os primeiros estabelecimentos de ensino a incluir o basquetebol na programação das atividades físicas regulares de seus alunos.

²⁵ Wanderley Marchi Jr. em sua tese de doutorado intitulada, “Sacando” o Voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000), cujo objeto principal do estudo é o voleibol, aponta algumas semelhanças na origem e no desenvolvimento entre essa modalidade e o basquetebol. Entretanto, diferentemente desse presente estudo o autor opta por utilizar como referencial teórico os autores Pierre Bourdieu (análise sociológica dos campos) e em Norbert Elias (Teoria dos Jogos). Não obstante, esse trabalho de Marchi Jr. tornou-se modelo (referência) para a elaboração e desenvolvimento desse estudo com o basquetebol.

Retornando ao capítulo anterior, baseando-se em Hobsbawm, a prática do basquetebol preenchia os “requisitos” exigidos para a diferenciação e pertencimento da classe burguesa, pois seus praticantes demonstravam um estilo de vida diferenciado, uma cultura de classe média em ascensão com a prática de uma atividade ociosa, e, sobretudo pelo acesso a educação. Esse fato permitia uma maior coesão entre seus membros definindo a sua posição na sociedade, por outro lado, influenciou no surgimento de certas tensões sociais e no embate entre o amadorismo e o profissionalismo.

Período do Amadorismo

Augusto Shaw, um norte-americano nascido na cidade de Clayville, região de Nova York, completou seus estudos na Universidade de Yale, onde em 1892 tomou contato pela primeira vez com o basquetebol. Dois anos depois recebeu um convite para lecionar no tradicional Mackenzie College, em São Paulo. Na bagagem Shaw trouxe além dos livros, uma bola de basquetebol. Mas demorou algum tempo para que o esporte se concretizasse no Brasil. A nova modalidade foi apresentada e aprovada primeiramente pelas mulheres. Isso atrapalhou a difusão do basquetebol entre os rapazes, movido pelo forte machismo da época. Quebrada a resistência, ele conseguiu montar a primeira equipe do Mackenzie College ainda em 1896 (DAIUTO, 1991).

A aceitação do novo esporte veio através do professor Oscar Thompson na Escola Nacional de São Paulo e Henry J. Sims, então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM). “O Brasil foi o primeiro país da América do Sul e o quinto do mundo a conhecer o basquetebol” (DAIUTO, 1991, p. 151).

Daiuto (1991, p. 152) descreve sobre os primeiros jogos no Brasil e a sua incursão nos programas de Educação Física. “Pouco tempo depois o basquete passou a fazer parte dos programas de atividades físicas da Associação Cristã de Moços de São Paulo, sendo praticado pelos sócios após as aulas de ginástica”.

O basquetebol, apesar de chegar ao Brasil e ser inserido precocemente nos programas de Educação Física, foi divulgado para o país utilizando principalmente a via clubística (MARCHI JR, 2001). Em 1912, no Rio de Janeiro ocorreram os primeiros torneios e o América F. C. foi o primeiro clube carioca a adotar o basquetebol. Em 1915, a ACM realizou o primeiro torneio da América do Sul com a participação de seis equipes. O sucesso foi tão grande que a Liga

Metropolitana de Sports Athléticos resolveu adotar o basquetebol em 1916, e o primeiro campeonato oficial realizado pela Liga foi em 1919, com a vitória do Flamengo (DAIUTO, 1991).

Em São Paulo, o primeiro campeonato da categoria masculino adulto aconteceu em 1925, e era denominada de categoria principal, cujo campeão foi o Clube Espéria. Não obstante, esse campeonato era realizado somente entre os clubes da capital. Com a inclusão de equipes do Interior do Estado de São Paulo, em 1932 o campeonato, com uma abrangência maior, passou denominar-se de Estadual da Categoria Masculina Principal, cujo campeão foi o Palestra Itália e o vice-campeão o Clube Campineiro de Regatas e Natação. Entretanto, em 1940 o campeonato foi dividido em dois centros, Interior e Grande São Paulo (GSP), e dessa forma, os primeiros colocados participariam posteriormente do Campeonato Estadual. Nesse mesmo ano, no campeonato da GSP o Clube Espéria sagrou-se campeão. No campeonato masculino do Interior da Categoria Principal o campeão foi a equipe do Grêmio Varnhagem. No campeonato Estadual o Clube Espéria venceu o Grêmio Varnhagem e conquistou o título do Estado²⁶ (Anexos).

Em 1978 criou-se a Divisão Especial, que ocorre até o presente momento, e novamente o campeonato contou com todas as equipes do Estado disputando uma única competição. O objetivo dessa unificação era criar posteriormente outro campeonato, a Segunda Divisão, para aumentar o número de equipes participantes do torneio e melhorar o nível geral das equipes acirrando-se as disputas. Entretanto, o Campeonato Estadual da Segunda Divisão foi realizado somente entres os anos de 1984 a 1987 (Anexos).

Apesar da divulgação da modalidade nos Estados Unidos e no Brasil ocorrerem em instituições diferentes, à classe social que possuía acesso a modalidade e praticava o basquetebol era a mesma, a elite burguesa. No Brasil, pode-se incluir o basquetebol enquanto uma reprodução da manifestação do poder simbólico através da prática esportiva semelhante ao ocorrido nos Estados Unidos, haja vista a elite carioca do América, Flamengo e Clube Espéria que representava a mais pura manifestação seletiva social clubística, assumindo esse *status* social através da prática da modalidade.

²⁶ Elaborou-se um anexo a partir do “Relatório da Diretoria 2005” que constam o nome e o ano de todas as equipes campeãs e vice-campeãs dos torneios realizados pela Federação Paulista de Basquetebol (Campeonatos do Interior, da Grande São Paulo e dos Estaduais).

Pode-se constatar que a incursão do basquetebol no modelo brasileiro adveio dos clubes da alta sociedade brasileira, ou seja, da elite como: o América F.C., Clube de Regatas Flamengo, Fluminense F.C., Clube Internacional de Regatas, Clube Atlético Paulistano, Clube Espéria, entre outros. Sobre a instituição clubística e suas finalidades, Marchi Jr. (2001, p. 104) aponta que “possui em seu quadro de associados agentes dotados de determinado perfil social, composto e construído à base do respectivo capital social, econômico e cultural, capaz de enfatizar posições e distinções de classe”.

Desta forma, apenas a elite conseguia praticar a modalidade, e era imperativo para esta classe dominante manter o ideal amador de Pierre de Coubertin como forma de identificação da classe social. Segundo Hobsbawm (1988) os esportes neste momento rejeitaram obstinadamente o profissionalismo, esse contexto fez com que o basquetebol ficasse restrito somente a uma minúscula parcela da população brasileira.

Não obstante, na primeira metade do século XX, a divergência entre o ideal amador e as crescentes transformações na sociedade, a mercantilização da cultura baseada na produção do consumo de massa que ocorreu primeiramente nos EUA e se alastrou principalmente para o hemisfério ocidental, além do aumento da produtividade no trabalho, da elevação dos salários, e conseqüentemente de um padrão de qualidade de vida mais elevado (*Welfare State*) proporcionaram a uma parcela da população a iniciativa de adentrar neste mundo esportivo, que antes era exclusividade somente da mais alta classe social.

2.2 Trajetória Institucional do Basquetebol Masculino Brasileiro

A partir da introdução teórica do modelo de organização capitalista do esporte de Brohm, esse tópico buscará contextualizar o basquetebol masculino brasileiro, e refletir sobre a sistematização da modalidade no Brasil.

Para discutir a temática é preciso definir os conceitos de amadorismo e profissionalismo. Segundo o dicionário da língua portuguesa (FERREIRA, 2004, p. 112), amador é aquele “que se dedica à arte ou ofício por prazer, não por profissão”, e este ainda define amadorismo como “condição de amador, de não profissional”.

Estudos da FGV (KASZNAR, 1999) apontam que o esporte amador possui como característica maior o ato voluntário de exercitar uma atividade física repetidamente, da qual em tempo de lazer extrai-se a satisfação e o conforto da melhoria do bem-estar físico.

Profissional, segundo Ferreira (2004, p. 1644), é relativo à profissão compreendida como “atividade ou ocupação especializada, da qual se podem tirar os meios de subsistência”. Pode-se perceber a partir desta definição que a profissionalização esportiva está amplamente vinculada à entrada de recursos financeiros para a estruturação da modalidade. Segundo Brohm e a lógica capitalista-burguesa de organização do sistema esportivo no esporte profissional há a predominância na escala de valores e na hierarquia de poder da instância econômica.

Inicialmente as práticas esportivas no Brasil predominantemente não possuíam organização sistematizada, sendo vistas apenas como entretenimento para os associados do clube, qual sejam a elite clubística, cujas preocupações sócio-esportivas eram essencialmente amadoras (TREVISANI, 1997). Os atletas na década de 50 e 60 tinham receio de receber dinheiro (remuneração) para jogar basquetebol por seus clubes. O jogador Algodão que participou das olimpíadas de 48, 52, 56 e 60, e foi campeão mundial em 1959, comentava que nessa época, “ele tinha vergonha de ser chamado de mercenário” por receber ajuda de custo em troca da participação pela seleção brasileira e pelo Flamengo equipe a qual pertencia. (JAPIASSU, 1978, p. 25).

Período de Transição

Na década de 70 o esporte amador configurava-se como um projeto de trabalho sem seqüência, sem continuidade, e dificilmente os atletas de diferentes modalidades esportivas dedicavam-se diariamente aos exercícios e treinamentos, devido às preocupações com colégio, faculdade, emprego, ou ainda família. A improvisação, comum a todos os esportes amadores, contaminava os dirigentes amadores que não detinham recursos financeiros para elaborar um sistema esportivo organizado (NUZMAM, 1985).

Apesar disso a equipe da cidade de Franca em 1971 já era patrocinada por uma empresa do setor de calçados e que forneceu o seu nome a equipe: Emmanuel Franca Esporte Clube. Posteriormente em 1974, com a falência da Indústria de Calçados Emmanuel, outra indústria também do setor calçadista continuou a patrocinar a equipe que foi denominada de Esporte Clube Amazonas Franca (OLIVEIRA, 1995).

Esse contexto amador do basquetebol brasileiro trazia uma série de dificuldades para a grande maioria de participantes das equipes competitivas, que eram obrigados a exercerem outras atividades para obterem condições para seu sustento (TREVISANI, 1997). Dodi (Washington Joseph) ex-atleta da seleção brasileira abordava sobre as condições do basquetebol no Brasil e comparava com a organização do basquetebol na antiga União Soviética:

[...] saio de casa às sete horas da manhã, vou para a obra, trabalho por lá até pouco mais de meio-dia, volto para casa, almoço, saio para o escritório à tarde, fico por lá até à noite. Como é que posso manter um ritmo de treinamento ideal? Nesses países (antiga União Soviética), no entanto, o jogador só se dedica ao basquete. O governo lhe dá uma ajuda de custo suficiente para ele se manter, tem todas as facilidades para estudar, amparo para a família (O BASQUETE..., 1978, p. 40).

Para a discussão a respeito do financiamento e da sistematização do esporte no Brasil, serão apresentados alguns modelos de financiamento esportivo utilizado em outros países. Sobre a sistematização do esporte competitivo mundial e sua importância, Tubino (1997, p. 21) explica o surgimento das escolas esportivas:

A partir da utilização do esporte como mecanismo político, principalmente após a Segunda Guerra Mundial no início da “Guerra Fria”, o Estado se apropria do esporte em muitos países e neste momento surgem quatro escolas esportivas bem definidas: a escola saxônica, a escola socialista, a escola européia-ocidental e a escola asiática. A escola saxônica, também chamada de escola do liberalismo absoluto, tinha como base a Universidade. A escola socialista, também conhecida como escola do dirigismo absoluto, tinha no estado o organismo central de todas as ações. A escola européia-ocidental, um misto das duas primeiras, justamente pelas incoerências internas entre os países componentes, sempre apresentou resultados aquém de suas possibilidades. Finalmente, a escola asiática, precursora do paradigma do esporte como negócio, tinha na indústria a sua base principal, mas delimitava-se pelas práticas esportivas inseridas nas suas culturas, o que de alguma forma explica o pequeno número de modalidades vitoriosas nas disputas internacionais.

Baseado nos modelos de financiamento esportivo apresentado pode ser elaborado uma breve análise sobre o modelo de organização do esporte brasileiro. A escola socialista, em que o Estado controlava o esporte e os atletas eram funcionários públicos, militares ou universitários, seria difícil de ser instalada, dada à sistematização política capitalista do Brasil. A escola saxônica, mesmo proibindo a remuneração dos atletas amadores, fornecia moradia, alimentação, cuidados médicos e ainda a oportunidade de estudar de graça, também teria dificuldades devido às diferenças econômicas e sociais entre estes países, bem como a enorme disparidade organizacional entre as instituições de ensino, como as Universidades e Escolas que formam a base esportiva Anglo-Saxônica. A escola asiática, apesar de ter preconizado o esporte financiado por empresas e, conforme mencionado por Tubino (1997), ser precursora do esporte como negócio, limitava o seu sucesso apenas às práticas esportivas inseridas em sua própria cultura e com uma realidade de ação distante do projeto brasileiro.

Proni (2000) indica a influência do modelo europeu na organização esportiva brasileira. É possível identificar a proximidade do modelo brasileiro com a escola europeu-ocidental por vários motivos: característica clubística, pela participação do Estado, e mais recentemente, pela inserção de empresas privadas no esporte.

Havia um novo desafio para os dirigentes do basquetebol brasileiro: conseguir implantar um sistema de desenvolvimento do esporte que viabilizasse financeiramente a modalidade em um curto período frente à necessidade de manutenção de equipes esportivas representativas em condições de resultados nacionais e internacionais.

Em contradição, essas dificuldades de sistematização e organização do esporte competitivo resultavam na maior facilidade de manutenção das equipes de competição pelo clube, pois as exigências de recursos financeiros para a sua estruturação eram de pequena escala, se considerarmos os atuais valores difundidos nos meios de comunicação. Neste período já eram evidenciados exemplos de alguns jogadores²⁷ que obtinham recursos financeiros (salários, empregos, bolsas escolares, prêmios, entre outros) através do basquetebol, entretanto, a atitude

²⁷ Amaury Passos um dos melhores jogadores do Brasil de todos os tempos, que em 1957 saiu da equipe do Tiete para a equipe do Sírrio ganhou um fusquinha usado ano 1954. Posteriormente, no final da sua carreira, em 1969 quando se transferiu para o Corinthians recebeu de luvas, de acordo com o atleta, um valor que poderia comprar um carro novo e ainda pagar o aluguel de um apartamento de dois quartos (JAPIASSU, 1984, p. 25).

dos principais grupos não demonstrava esta mesma ação como uma prática regular na modalidade.

Brohm (1976) analisa o sistema esportivo como “processo de produção esportiva” que possui a necessidade de produzir certas mercadorias. Através desta relação, o clube esportivo se posicionaria como a empresa, ou como o autor qualifica a célula básica do tecido esportivo, que inserido no sistema capitalista com suas leis inerentes seria representado a partir da sua taxa de produtividade. No entanto, a célula básica no basquetebol brasileiro (clube), a partir dessa lógica mercantil, estabeleceu-se através de combinações, com disputas entre estruturas distintas. Clubes desempenhando sua posição enquanto instituição de fundamentação da modalidade²⁸, empresas intervindo diretamente nos clubes ou associações entre clubes e empresas²⁹, e ainda equipes representando órgãos públicos ou estabelecendo parcerias (prefeituras, clubes e empresas)³⁰. Assim com diferentes interesses desenvolvem-se a valorização econômica e as transformações na característica clubística do país.

As transformações ocorridas no esporte moderno devido, sobretudo, à valorização nas instâncias ideológica e econômica geraram demandas na organização do sistema esportivo e conseqüentemente, segundo Brohm (1976), na produção esportiva. Através desta constatação, percebe-se que a maximização do rendimento esportivo surge como principal fator para o desenvolvimento do esporte a partir da busca da racionalização do treinamento e, por conseguinte, da produção de mercadorias como: campeões, títulos, espetáculos, entre outros. Um exemplo pode ser observado no ano de 1976, nos Jogos Olímpicos de Montreal, em que padronizou-se para o número de 12 seleções participantes no evento. Houve assim, a necessidade de realização do primeiro torneio Pré-Olímpico para a classificação das equipes (PAIOLI, 1985), que proporcionou maiores dificuldades para a participação das seleções de basquetebol no

²⁸ Pode ser citado como exemplo o Círculo Militar de São Paulo que possui uma estrutura significativa para as categorias de base, entretanto não possui equipes na categoria principal. Da mesma maneira, existem outros exemplos de clubes com características semelhantes.

²⁹ O patrocínio dos clubes por empresas é maneira mais observada na modalidade como exemplos de equipes participantes do Campeonato Paulista de 2006 podem ser citados: Paulistano/Dix/Amico e Carina/Despachos/Flora/Guarujá.

³⁰ Apesar de ser uma prática cada vez menos freqüente, ainda existem poucas equipes do basquetebol masculino nos campeonatos oficiais, que se beneficiam de parcerias com prefeituras. Como exemplos de duas equipes que também participaram do Campeonato Paulista de 2006 podem ser citados a equipe da cidade de São Carlos que além do patrocínio de uma empresa privada, qual seja o colégio Objetivo, também conta com o apoio da Prefeitura Municipal da cidade. E a equipe da cidade de Araraquara que é financiada por uma empresa privada, a Lupo, além do auxílio por parte da prefeitura através de um fundo municipal de apoio ao esporte (Fundesport). Esses exemplos foram extraídos do site da Federação Paulista de Basquetebol: <<http://www.fpb.com.br>. Acesso em 20 mar. 2007.

torneio, e conseqüentemente, incentivando na busca da qualidade, organização e competitividade na modalidade nos países que almejavam participar desse evento.

No Brasil, com o intuito de acompanhar a tendência de elevação do nível do basquetebol mundial e, assim, de ampliar os horizontes profissionais da modalidade, os treinamentos começaram a serem realizados com maior freqüência, intensificando as exigências físicas, técnicas, táticas, entre outras³¹ dos atletas praticantes do basquetebol.

A configuração do esporte amador foi substituída pela maior sistematização, elevando-se a quantidade de pessoas ligadas ao basquetebol que passaram a ter reconhecimento, principalmente financeiro, permitindo-as dedicar-se mais a esta prática. A preparação aumentou as exigências de investimentos, ficando cada vez mais difícil para o clube - instituição responsável pela introdução e fomentação da modalidade no Brasil - sustentar as equipes competitivas nas várias categorias, tendo, portanto que recorrer à busca de recursos externos que financiassem as crescentes necessidades requeridas pelo esporte, estabelecendo-se novas formas de relações econômicas, dentre elas o patrocínio esportivo (BENELI, 2002).

Patrocínio é a provisão de recursos materiais humanos, financeiros e fiscais, realizada por uma organização pública ou privada de cunho comercial, institucional ou filantrópico, direta ou indiretamente para um evento ou atividade, em troca de associação direta ou indireta com o evento e/ou com a atividade (VERY, apud CONTURSI, 1996, p. 260).

A necessidade das equipes de contratarem profissionais capacitados como fisioterapeuta, preparador físico, técnico, assistentes e dirigentes elevaram a folha de pagamento do clube e este fato gerou maiores exigências de recursos financeiros para a manutenção desta nova estrutura que começava a organizar-se, resultando em modificações nas relações entre as equipes e seus colaboradores. Não obstante, é importante mencionar, que na década de 70 era proibida a participação de atletas profissionais no esporte olímpico. Esse fato gerava desconforto aos atletas e dificultava essa transformação no cenário brasileiro. Em 1912, o atleta norte-americano Jim Thorpe foi acusado de profissionalismo e perdeu as medalhas conquistadas na Olimpíada de Estocolmo. Em 1936, o Major Padilha recordista sul-americano dos 110, 200 e 400 metros

³¹ Evidentemente, o processo de profissionalização do esporte envolve outras esferas como a política, administrativa organizacional, econômica, não obstante, essas ações também evidenciaram tentativas pragmáticas de elevar o nível do basquetebol no Brasil.

(atletismo) foi impedido pela Federação Paulista de continuar sua carreira, por ser considerado profissional, pois o mesmo possuía uma loja de artigos esportivos que levava seu nome, Esportes Magalhães Padilha. Em 1978 os atletas Fernadão, Luís Edymard e Bebeto, jogavam em um liga pirata de voleibol nos Estados Unidos e dessa forma foram afastados da seleção devido a possibilidade de serem denunciados por profissionalismo (JAPIASSU, 1984, p. 23-26).

Em 1981, foi deliberado o fim da proibição de empresas patrocinarem clubes ou entidades esportivas e exibirem em seus uniformes, como forma de propaganda, as marcas de seus patrocinadores. Dessa maneira, ampliaram-se as Associações Desportivas Classistas, que garantiam os salários e a permanência dos atletas no país³², além, obviamente de possibilitar melhores estruturas e disponibilidade para o treinamento. Esse processo culminou com a participação dessas equipes em competições destinadas ao Esporte Comunitário (MARCHI JR., 2001). Em 1982 o presidente do COB (Comitê Olímpico Brasileiro) despachou uma Circular 331/82 para todos os presidentes de confederações.

(...) O Comitê Olímpico Brasileiro não tem como impedir a prática do profissionalismo no desporto amador, nem julga oportuno discutir sobre a conveniência do que se vem tornando uma constante em alguns desportos olímpicos no Brasil. Há, entretanto, leis a cumprir e que devem ser obedecidas (...) (JAPIASSU, 1984, p. 24-25).

A partir dessa circular do COB, percebe-se que era impossível impedir o avanço do profissionalismo, tanto que em 1983 o COI (Comitê Olímpico Internacional) permitiu o recebimento de benefícios por parte dos atletas desde que comunicassem o fato previamente as suas respectivas Federações. Sobre essa medida do COI, o presidente da Confederação Brasileira de Atletismo considerou um passo decisivo para o desenvolvimento do esporte amador. “Finalmente, permitem que se faça às claras o que já era feito por trás das cortinas³³” (JAPIASSU, 1984, p. 25). Vale ressaltar que a profissionalização ocorre a partir de mudanças nos

³² Reportagem da Revista Placar em 1985, sobre o vice-campeonato mundial conquistado pelo Monte Líbano na Espanha, mostrava que a maior motivação dos atletas da equipe brasileira como Marcel (que já havia jogado na Itália) e Israel era fazer um bom campeonato, pois os mesmos “sonhavam com uma temporada cheia de dólares” nos clubes europeus (MONTE..., 1985, p. 68)

³³ Essa fase a qual esse dirigente refere-se em que ocorriam pagamentos de salários ou ajudas de custo, entretanto de maneira obscura, devido aos fatores destacados anteriormente como o receio dos atletas de serem cunhados como mercenários, a proibição do profissionalismo e, conseqüentemente, a proibição da participação nos Jogos Olímpicos, entre outros, foi denominada de “amadorismo marrom”, anteriormente mencionada nesse estudo.

diversos “segmentos” de determinada modalidade. Entretanto, percebe-se que o discurso desses profissionais do esporte invariavelmente, coloca a profissionalização em estreita relação com o recebimento de salário ou “ajuda de custo”, ou seja, uma relação de troca entre a força de trabalho e o capital.

Nesse contexto, foram esboçados indícios de modernização e profissionalização do esporte amador, viabilizados na interface com a iniciativa privada. A revista *Veja* discutia o assunto no início dos anos 80 e mostrava que “as eventuais ajudas de custo fornecidas pelos clubes foram superadas e deram lugar aos salários advindos das empresas” (AMADORISMO..., 1983, p.52-53).

Importante destacar que se referir à profissionalização neste momento significava reportar a uma estrutura na qual atleta de basquetebol não era uma profissão regulamentada por lei. Os vínculos empregatícios eram estabelecidos a partir de contratos de prestação de serviços para autônomos ou acordos firmados de prefeituras, sob a legislação da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), ou ainda em sua maioria, através de acordos verbais. Com a entrada de empresas no financiamento das equipes, alguns clubes ainda mantinham seus atletas através de contratos como funcionários dentro das varias áreas da empresas e dessa forma, o patrocinador poderia conseguir o retorno financeiro através da propaganda e da publicidade gerada pelas equipes e pelos jogadores. Japiassu (1984, p.26) demonstrava exemplos de modalidades como o voleibol, o basquetebol e o futebol, que se utilizavam dessa estratégia para a manutenção dos atletas, além da veiculação da imagem dos mesmos como forma de exposição das empresas (marketing). “Até os grandes clubes se agitam pela possibilidade de faturar com os ‘amadores’, embora garantam que ainda estejam na fase do prejuízo”.

O sistema esportivo analisado como instância social e inserido no contexto capitalista funciona de acordo com as normas e as exigências do mercado ou da competição esportiva e se desenvolve a partir da necessidade de superar a concorrência ou uma equipe adversária, respeitando assim a lógica do sistema capitalista. Observa-se que esta necessidade gradual e crescente de recursos financeiros está na transformação ou potencialização da prática esportiva, como descreveu Molina Neto (1992, p. 358):

Inicialmente amadora e lúdica, ela [prática esportiva] se transforma em espetáculo de massa. Ação esta determinada pela lógica capitalista que transforma todas as manifestações tipicamente humanas em mercadorias e produtos de consumo. Assim, desde cedo, temos a profissionalização dos atletas e suas performances consideradas como objetos comercializáveis. Como é o caso do basquetebol profissional americano, onde Michael Jordan recebeu, para renovar seu contrato anual com a sua equipe, 5 milhões de dólares. A base de cálculo foi 2 mil dólares por cada um de seus 2580 pontos na temporada.

Essa conjuntura capitalista a qual Molina Neto (1992) se refere propiciou mudanças na organização e administração do basquetebol brasileiro. Os clubes precisavam de dinheiro para a contratação de atletas para a formação de equipes e os patrocinadores vislumbravam um foco de propaganda no esporte, à medida que o marketing esportivo evoluía.

Dessa forma, vê-se a necessidade do esporte se adaptar a essa nova situação, pois apesar do esporte depender das contribuições destas empresas como patrocinadoras à medida que caminhava para o profissionalismo, este também possuía grande importância para as empresas como meio de comunicação e propaganda.

Assim, o esporte passa a ser visto não mais como uma alternativa de lazer ou como um fenômeno social, mas como uma visão de mercado, considerando como um produto a ser vendido. Isso para atrair o interesse do público e de patrocinadores. Nesta época, o marketing esportivo que em alguns casos era praticado de forma bem simples, apenas através do comércio de espaços para a publicidade, cada vez mais vinha perdendo seu espaço para um planejamento rigoroso que se baseia nas técnicas de marketing tradicional, adaptando-se a realidade do esporte (TREVISANI, 1997, p. 18).

Percebe-se que diante do contexto capitalista na qual o país estava inserido, além das mudanças relativas à profissionalização, não havia condições para o clube conseguir sustentar essas modalidades competitivas sem ajuda de patrocinadores. Por um lado, havia a necessidade de capital nas equipes para a sua manutenção, por outro, as empresas vislumbravam um grande retorno através do marketing esportivo. Tubino (1988, p. 127) criticava a organização do esporte brasileiro no final dos anos 80 e mostrava:

O Esporte-performance não é assunto do Estado nem, tampouco, negócio privado. A intervenção do Estado, como poder regulamentador, é ineficiente, burocrática e paralisante. E como investidor, suas aplicações têm sido insuficientes e mal orientadas. Dessa forma, sem investir o suficiente, o Estado regulamenta o bastante para inibir a iniciativa privada. Como os clubes são, por definição estatutária e legal, entidades sem fins lucrativos, a organização, em bases capitalistas, do nosso esporte rendimento, padece de instituições privadas capacitadas. O resultado é este hibridismo asfíxiante em que se estíola o esporte nacional a provocar duas sortes de demandas contraditórias: de um lado, o apelo por mais recursos públicos para o esporte de competição; de outro, o pleito por menor interferência do Estado como poder regulamentador.

Mesmo com a liberação da divulgação dos patrocinadores nos uniformes das equipes em 1983, a efetiva entrada das empresas no esporte através do marketing esportivo aconteceu apenas no final da década de 80. Os problemas nas negociações entre os dirigentes amadores representantes do esporte e os dirigentes profissionais representantes das empresas dificultavam a busca de recursos financeiros para as modalidades (PRONI, 2000).

A equipe do Flamengo em 1988 conseguiu convencer seu patrocinador, o qual financiava o futebol, a investir no basquetebol. Dessa forma, a equipe contratou cinco jogadores que compunham a seleção brasileira. Esse fato já havia ocorrido em 1984, e a pesar da conquista do Campeonato Carioca, faltaram recursos financeiros para mantê-los. Para não repetir novamente o fato, o Flamengo conseguiu o apoio do departamento de marketing também para o basquetebol. “Assim, a diretoria vem negociando com a Rede Manchete a transmissão das partidas do Campeonato Carioca, revendo os preços de anúncios nas quadras dos ginásios, e quer garantir o apoio da Lubrax nas camisetas” (UM QUINTETO..., 1988, p. 37). Outra equipe que contava com patrocínio da iniciativa privada, e em 1988 estampava sua marca nas camisetas foi a equipe da Ravelli/Franca (OLIVEIRA, 2003).

Entretanto, os estudos da FGV (KASZNAR, 1999) indicavam a defasagem do modelo desportivo brasileiro e suas diferentes formas de organização e financiamento. De acordo com este estudo, enxergava-se, de forma limitada, o lado empresarial e de negócios, gerador de grandes vendas e bilheterias milionárias ou de ganhos em propaganda que o esporte poderia gerar, discutindo a sua importância para questões econômicas relevantes como o PIB e a geração de empregos. Em função destes fatos, o modelo brasileiro defasou-se. Arraijou-se num conceito talvez oportuno antes dos anos 70, mas que é equivocado para o competitivo momento atual.

Período do Profissionalismo

Em 1990 o basquetebol perdeu seu maior patrocinador, o Banco do Brasil³⁴ para o voleibol. Sendo assim, com o intuito de melhorar a estrutura e a visibilidade da modalidade³⁵, em 1990 criou-se a Liga Nacional de Basquetebol³⁶, aumentando a quantidade de equipes patrocinadas por empresas³⁷. Somente em dezembro 1991 a CBB conseguiu, através da intervenção direta do Governo Federal, assinar um contrato de U\$ 1,5 milhão com a Telebrás para patrocinar a modalidade no Brasil (BASQUETE,...., 1992).

Proni (1998a, p. 164) expõe sobre a entrada das empresas no esporte de rendimento:

Olhando pela ótica do esporte, essa sobreposição implicou, de um lado, privilegiar a satisfação do consumidor e, de outro, fomentar a iniciativa privada e diminuir o patrocínio público ao esporte-espetáculo. E isso contribuiu para que se começasse a atribuir ao marketing esportivo um papel dominante no esporte brasileiro.

Neste sentido, a modalidade se inseria no mercado como um produto e, quanto mais aproximava do profissionalismo, surgiam novas necessidades para o seu desenvolvimento. A principal necessidade era o financiamento dessa modalidade, ao mesmo tempo em que o esporte também se torna um instrumento mais poderoso de propaganda.

³⁴ Com o intuito de fazer com que a sua imagem e o seu público se tornassem mais jovem, o Banco do Brasil fez uma pesquisa para descobrir o que andava pela cabeça da juventude, quais as suas preferências em relação ao esporte, música, lazer e outras atividades. Foram entrevistados 458 jovens das classes A, B, C durante e depois do Rock in Rio, janeiro de 1991. O esporte ficou em primeiro lugar. E, entre os esportes, o vôlei era a modalidade mais assistida na televisão. Essa informação trouxe conseqüências. A primeira foi uma revisão na estratégia de marketing. Desde a Olimpíada de Seul, em 1988, o Banco patrocinava as seleções brasileiras de basquete. Mas esse esporte não era nem citado nas pesquisas. Era preciso então mudar de rumo. E assim foi feito. Em maio de 1991, o Banco do Brasil firmou com a Confederação Brasileira de Volleyball (CBV) o primeiro contrato para o patrocínio das seleções nacionais de vôlei, masculinas e femininas, em todas as categorias (SANTOS; CRETI, 1993, p. 3)

³⁵ A revista placar apresentava uma reportagem sobre a recuperação da modalidade. “O basquete masculino brasileiro entrou numa nova fase com o I Campeonato da Liga Nacional – nos moldes do vôlei, em que só os times grandes se enfrentam em jogos de ida e de volta (...)” (EM FRANCA..., 1990, p. 28).

³⁶ Antes da criação do Liga Nacional de Basquetebol havia um torneio entre as equipes do basquetebol brasileiro denominado de Taça Brasil, disputado entre 1965 a 1989, e que a Confederação Brasileira de Basquetebol considera como o campeonato nacional da modalidade.

³⁷ Podem ser citados exemplos de equipes do Estado de São Paulo que contavam com o patrocínio de empresas: Ravelli/Franca, Lwart-Lwarcel (Lençóis Paulista), Ripasa Monte Líbano e Santista Têxtil Sírio. Este primeiro campeonato contou com 12 equipes (5 de São Paulo, 3 de Minas Gerais, 2 do Rio de Janeiro, 1 do Rio Grande do Sul e 1 do Distrito Federal). Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/competicoes/cnbm1990/clubes.asp>> Acesso em: 20 mar. 2007.

Com base nas características da modalidade e em pesquisas publicitária, empresários atentos aos movimentos da publicidade e do mercado perceberam que o basquetebol assim como o voleibol e o futebol eram modalidades adequadas para a veiculação de anúncios e ofertas de produtos e marcas. Além disso, alguns dirigentes esportivos, embora timidamente, acenaram positivamente para a tendência, direcionando esforços na busca de recrutar empresas para patrocinar seus clubes, suas equipes e seus campeonatos (PINHEIRO, 1995).

Como exemplo dessa perspectiva, pode ser citado o caso do patrocínio da Caixa Econômica Federal (CEF) com a CBB. Ramos (1996) comenta sobre o sucesso do investimento da CEF na Liga Nacional ao citar as cifras do retorno publicitário:

[...] em 1994, nós investimos cerca de 2 milhões de reais nas seleções masculinas e femininas e associada a preparação dessas equipes e a participação em uma série de eventos, inclusive no Campeonato Mundial, cuja a seleção brasileira feminina conquistou um título inédito, que foi a conquista do Mundial. A Caixa investiu cerca de 2 milhões e obteve um retorno de 29, ou seja, 1450% de retorno (RAMOS, 1996, p. 138-139).

Para Ramos (1996), esse elevado retorno ocorreu devido ao estabelecimento de algumas ações, tais como: a impressão da marca CEF ao lado da inscrição “patrocinadora oficial do basquetebol brasileiro” em toda papelaria da CBB, o nome do patrocinador em premiações e eventos organizados pela confederação, posições nobres nas transmissões de TV, direito do uso de imagem dos atletas, ingressos, distribuições de camisetas e organização de torcida, além da utilização de som e recursos audiovisuais nos locais dos eventos. Além disso, as promoções Cesta Milionária e o Passaporte Mundial contribuíram enquanto ações de divulgação³⁸ (HIRATA; PILATTI, 2004).

Quanto às formas iniciais de intervenção das empresas no processo de profissionalização do esporte amador, particularmente da inserção nas equipes, Pinheiro (1995) destaca que existiram duas modalidades de atuação. Uma, em que a formação das equipes era fruto do apoio integral de determinada empresa, e outra, que apresentava apoio financeiro de determinada empresa a um determinado clube esportivo tradicional.

³⁸ Cesta Milionária era uma promoção da CEF, realizada nos intervalos das partidas através de sorteios do número do ingresso, e que consistia em dar prêmios a quem acertasse uma cesta a partir de um arremesso. Passaporte Mundial Caixa Econômica Federal foi uma promoção em que consistia na realização de um sorteio dos números dos ingressos nas partidas da seleção brasileira, e o sorteado acompanhava a equipe em alguma viagem pelo mundo.

Alguns exemplos de equipes do Estado de São Paulo do primeiro grupo citadas por Pinheiro (1995) são: Ravelli - Franca, Cesp/BlueLife - Rio Claro, Lwart-Lwuarcel Lençóis Pta., Ipê/Banespa de Jales, Papel Report – Mogi, Dharma Yara - Franca entre outros. O segundo grupo compostas das equipes da capital: Ripasa/Monte Líbano, Santista Têxtil Sírio, Clube Atlético Pirelli, Sport Clube Corinthians Pta., Esporte Clube Pinheiros, Sociedade Esportiva Palmeiras, Associação Brasileira Hebraica SP., entre outros.

Esse processo de patrocínio das empresas ao esporte, em um curto espaço de tempo, trouxe aos investidores um considerável retorno publicitário, com suas marcas sendo veiculadas fartamente nos jornais, revistas e televisão. Os atletas também se sentiram beneficiados com essa iniciativa, pois os treinamentos noturnos, após a jornada laborial diária, e a escassez ou obsolescência do material para a prática esportiva cederam espaço para a viabilização da nova estrutura esportiva. Nela estavam previstas as dedicações exclusivas ao treinamento, a remuneração compatível com a prestação desses serviços à empresa e, em determinados casos, assistência médica, odontológica e nutricional (FONSECA, 1984).

A partir destes pressupostos teóricos, percebe-se que ocorreram transformações na organização do esporte moderno, com o basquetebol também modificando suas estruturas com o intuito de acompanhar as novas necessidades impostas pelo sistema de produção capitalista. Analisando o cenário do basquetebol masculino brasileiro na década de 90, se por um lado estas transformações do esporte moderno proporcionaram o aumento das preocupações de inserção neste campo e elevou o grau de estruturação das equipes, por outro lado, esta entrada de recursos financeiros através do setor privado e, sobretudo, pela desqualificação dos agentes responsáveis pela modalidade, trouxe certas conseqüências como o afastamento de equipes do cenário nacional. Alguns clubes que possuíam preocupações apenas com os seus sócios optaram por abandonar esta estrutura, que gerava altos custos para disputa dos campeonatos e para manutenção das equipes, e se organizaram de forma diferente com ênfase no seu quadro de associados. (BENELI, 2002).

Este fato pode ser observado quando clubes de tradição no basquetebol masculino brasileiro como Sírio e Monte Líbano, deixaram de participar dos campeonatos na categoria principal. Essas duas equipes juntas somam 11 títulos nacionais e destacaram-se principalmente

na década de 80. Assim como essas existem outras equipes que pelos mesmos motivos também abandonaram essa estrutura do basquetebol nacional.

Como exemplo desse contexto pode ser citado a dependência criada entre o clube e patrocinador, e esse na maioria das vezes tinha interesse apenas no retorno que determinada equipe traria em curto prazo. A respeito deste assunto Trevisani (1997, p. 28) explica que:

Com essa necessidade crescente de investimento no esporte, chegou um momento em que o clube passou a se tornar dependente desses recursos externos, ou seja, sua ausência passou a impossibilitar os projetos com as equipes competitivas. Isso fez com que se estabelecessem relações cada vez mais ousadas na busca de investimento. Embora seja um consenso a entrada das empresas no esporte, dando condições de arcar com o crescente aumento dos custos de preparação das equipes de competição, existe a preocupação com o rumo que as relações de patrocínio estão tomando.

Este procedimento trouxe dificuldades para as equipes como a perda do vínculo com a torcida, com o clube e até mesmo com a cidade. O vínculo que se criava era com o patrocinador, ou seja, toda a responsabilidade com a equipe pertencia ao clube mais os créditos ficavam com o patrocinador por “batizar” a equipe. Todo o trabalho desenvolvido ao longo de anos para que se criasse uma tradição na modalidade, de repente era creditada a certa empresa que utilizava o esporte apenas como um meio de comunicação para a sua marca. Assim não eram raros empresas e patrocinadores, preocupados com seus interesses comerciais, deslocarem-se para outras praças, no caso, outras cidades (BENELI, 2002).

Quando Brohm discute a noção de produção esportiva, tendo o rendimento como motor do sistema esportivo determinante para influenciar na estrutura e no funcionamento, ele gera expectativas tanto na lógica econômica como no campo prático, isto é, o desempenho técnico e performático é essencial para o rendimento capitalista. Observando essas constantes mudanças de patrocinadores em relação às equipes e cidades nota-se que a ênfase é mais significativa na lógica capitalista, em detrimento do desempenho prático, que deveria ser uma parte decisiva para um retorno produtivo a longo prazo.

Quadro 1 - Equipes participantes do Campeonato Paulista de Basquetebol da Divisão Especial

1991	1996	1997	2001	2006
SABESP/FRANCA	FRANCA/COUGAR	FRANCA MARATHON/GALLUS	UNIMED/FRANCA	FRANCA MARINER/UNIMED
E.C.PINHEIROS	E.C.PINHEIROS ASIA MOTORS	BLUE LIFE/PINHEIROS	E.C.PINHEIROS	PINHEIROS/STO ANDRÉ
CESP/BLUE LIFE	MIRASSOL F.C.	E.C. SÃO BENTO	HEBRAICA/BLUE LIFE	HEBRAICA
REPORT SUZANO	PAPEL REPORT MOGI das CRUZES	REPORT/VALTRA MOGI das CRUZES	VALTRA/UMC/COMPAQ	CARINA DESPACHOS/ FLORA/GUARUJÁ
S.E.PALMEIRAS	S.E.PALMEIRAS	S.E.PALMEIRAS	S.E.PALMEIRAS	CONTI/A.M.E.A/ASSIS
C.A.PIRELLI	CORINTHIANS/AMWAY	S.C.CORINTHIANS PTA.	S.C.CORINTHIANS PTA.	UNIFEOB/SÃO JOÃO
CLUBES DAS BANDEIRAS	NOSSO CLUBE LIMEIRA	BAURU TILIBRA/COPIMAX	BAURU TILIBRA/COPIMAX	OBJETIVO P. M. SÃO CARLOS
MASTRA NOSSO CLUBE	DHARMA YARA FRANCA	POLTI/COC RIB. PRETO	COC/RIBEIRÃO PRETO	LIGA SOROCABANA
RIPASA MONTE LÍBANO	22 de AGOSTO	INTER WINNER	A.C.C.P/LEITOR CASABRANCA	WINNER/LIMEIRA
TELESP CLUBE	A.A.GUARU	SING/CARREFOUR/STO ANDRÉ	EXPRESSO GUARARÁ ST. ANDRÉ	PAULISTANO DIX AMICO
SANTISTA TÊXTIL SÍRIO		CLUBE DE CAMPO RIO CLARO	RIO PARDO/SADIA	BANDEIRANTES RIO CLARO
IPÊ/BANESPA de JALES		BANCO BANDEIRANTES	T.C. CONSTRUTORA FANDEP	SÃO JOSÉ BASKETBALL VINAC
		ASS. PERUÍBE BASKETBALL	SÃO CAETANO DO SUL	SÃO CAETANO E. C.
		TRIANON CLUBE DE JACAREÍ	UNIARA/FUNDESPT ARARAQUARA	FUNDESPT ARARAQUARA
			UNISANTA	

Fonte: Federação Paulista de Basketball, 1991 e 2006.

O quadro 1 demonstra a inconstância das equipes participantes do campeonato paulista de basquetebol durante quinze anos, nos anos de 1991 a 2006. Apenas as equipes da cidade de Franca e do E. C. Pinheiros participaram das cinco edições mostradas no quadro 1, entretanto, percebe-se que essas modificaram seu nome (patrocinador) em quase todas essas edições. Observa-se ainda que algumas equipes mudaram de sede como é o caso da equipe do Report/Suzano, que em 1996 mudou para a cidade de Mogi das Cruzes e 1997 mudou seu nome para Report/Valtra. O mesmo ocorre com a empresa Blue Life que patrocinava em 1991 a equipe de Rio Claro, em 1997 patrocinou a equipe do Pinheiros, e em 2001 mudou seu patrocínio para a equipe do Hebraica.

Retornando ao capítulo 1, Brohm (1976) em sua obra identifica uma “homologia estrutural” no sistema, que pode ser observado a partir da rivalidade na competição esportiva em busca de resultados para a obtenção da perenidade de recursos financeiros (patrocínio) para a manutenção das equipes, e por outro lado a rivalidade entre as empresas a partir da concorrência mercantil em busca da abertura de novos mercados e de publicidade em torno de seus produtos.

Ainda a partir do quadro 1 e das discussões anteriores, constata-se que a célula básica no basquetebol brasileiro está representada pelas combinações e disputas entre clubes e empresas, e conseqüentemente, pela necessidade da valorização econômica da modalidade e superação dos interesses comerciais, no âmbito das transformações geradas pelo esporte moderno. Nas últimas décadas percebem-se contradições entre os objetivos do clube, que passa principalmente por atender seus associados que pagam as taxas administrativas dessa instituição, e os objetivos das empresas, que invariavelmente está presente na busca de visibilidade e de mercados consumidores, visando aumentar os seus lucros, na medida em que a mesma injeta recursos financeiros para a criação ou manutenção das equipes.

Outros fatores que levaram ao fim equipes também podem ser indicados, como: as estratégias das empresas em assumirem patrocínios temporários, face às condições econômicas nacionais; a concorrência por melhores atletas, que elevou os salários; e também, a “atitude predatória” das empresas no estabelecimento de metas que, após serem atingidas, descartavam as possibilidades de renovação do patrocínio (MOLINA NETO, 1992). Pode ser incluído neste contexto o despreparo dos dirigentes na leitura do mercado esportivo, o fim da competitividade nas competições regionais, a impossibilidade de convivência entre os clubes tradicionais e as empresas e, indissociavelmente, a concentração dos principais jogadores em poucas equipes.

No final da década de 90 e início do século XXI, observava-se no basquetebol masculino brasileiro um cenário com indicadores preocupantes. A modalidade vinha apresentando inúmeros resultados internacionais insatisfatórios através da seleção masculina, tanto, nos Jogos Olímpicos como nos Campeonatos Mundiais.

Os gráficos 1 e 2 demonstram as colocações da seleção de basquetebol masculino brasileira nesses campeonatos internacionais, bem como a média histórica desses resultados. Spiegel (1976, p. 37) descreve sobre o procedimento estatístico dos gráficos e apresenta o conceito de média, que segundo o autor é um valor típico ou representativo de um conjunto de

dados. Como esses valores típicos tendem a se localizar em um ponto central, dentro de um conjunto de dados ordenados segundo suas grandezas, às médias também são denominadas medidas da tendência central. A média de resultados da seleção masculina de basquetebol nos Campeonatos Mundiais é o 6º lugar e nos Jogos Olímpicos é a 7ª colocação. Buscando analisar as três edições dos Jogos Olímpicos, em que o Brasil não se classificou (1976, 2000, 2004), para efeito de análise estatística, estabeleceu-se a 13ª colocação, que se posicionaria após a última colocação nos Jogos Olímpicos. Porém, esta análise ainda é otimista, pois supõe que o Brasil foi o melhor país entre os que não se classificaram.

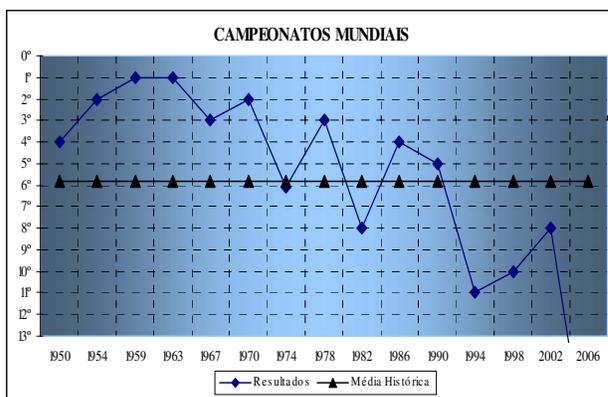


Gráfico 1 – Resultados nos Campeonatos Mundiais

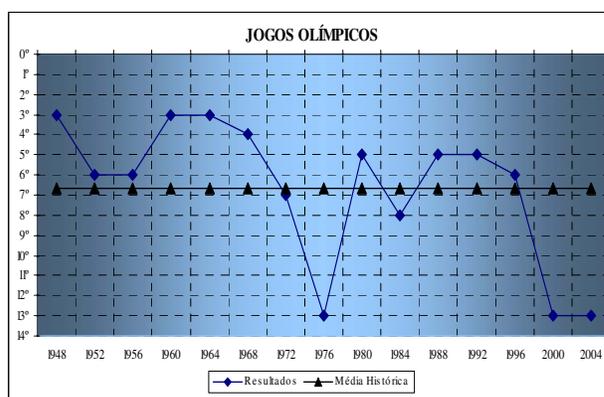


Gráfico 2 – Resultados nos Jogos Olímpicos

Através da análise dos gráficos 1 e 2 observa-se que a seleção de basquetebol masculino brasileiro obteve seus melhores resultados nas décadas de 50 e 60, conseguindo se manter entre as três melhores equipes nos mundiais de 1954 até 1970, além de conseguir três medalhas de bronze nas Olimpíadas (1948, 1960 e 1964) durante este mesmo período. Porém, a partir dos anos 70 houve uma queda nos resultados obtidos pela seleção nacional. Durante as décadas de 70 e 80, a equipe oscilou em posições intermediárias, apesar de ficar de fora das Olimpíadas de 1976. Na década de 90 os resultados caíram ainda mais, ficando inclusive fora das duas últimas edições dos Jogos Olímpicos (2000 e 2004), e conseguindo respectivamente nos últimos 4 Campeonatos Mundiais a 11ª, 10ª, 8ª, e em 2006 conquistou o pior resultado de sua história, 17ª colocação (BENELI, 2002).

Essa análise permite diagnosticar a trajetória de resultados da seleção masculina de basquetebol nos Jogos Olímpicos e nos Campeonatos Mundiais, entretanto, deve-se ressaltar que ocorreram mudanças nos critérios de classificação durante esse período, que dificultou a participação das seleções nesses torneios. Como exemplo citado anteriormente, em 1976 aconteceu o primeiro pré-olímpico, pois a quantidade de equipes participantes dos Jogos Olímpicos diminuiu para 12. Ocorreu também a independência de diversos países da Europa Oriental, e dessa forma, o surgimento de várias seleções com excelência na modalidade. Além disso, a mundialização e a internacionalização da NBA, atingindo novos países, desenvolveram e fortaleceram seus selecionados.

No cenário nacional, semelhante ao ocorrido em 1991, quando o basquetebol brasileiro perdia seu maior patrocinador, o Banco do Brasil, para o voleibol, em 2001, a CBB, perdeu a sua maior fonte de capital, que provinha da CEF (Caixa Econômica Federal) para o atletismo. “A opção pelo atletismo ocorreu devido a esse esporte ser mais popular que o basquete, ter mais relação com o público da Caixa (classes C e D), além de poder trazer mais resultados olímpicos e de cidadania, como tirar crianças das ruas, para o país” (CBB..., 2001). Essas dificuldades financeiras refletiram diretamente nos clubes³⁹, que sem contar com as transmissões dos jogos pela televisão aberta⁴⁰, encontravam enormes barreiras para angariar recursos financeiros para a manutenção de suas equipes. Uma das equipes mais tradicionais do basquetebol masculino paulista e brasileiro, a equipe da cidade de Franca, em 2001 perdeu seu patrocinador, o Marathon, do grupo Ambev, que de acordo com a empresa, redirecionou sua verba de marketing, para o futebol (MARATHON..., 2007).

³⁹ “Sem contar com TV aberta, os patrocinadores envolvidos com a modalidade só conseguem visibilidade nas transmissões da Sportv, que teve dois horários fixos nesta edição: sexta-feira, às 21h, e domingo, às 19h. A emissora, que trabalha por assinatura, ainda não passou partidas esporádicas em outros horários”. PAULISTAS exigem mudanças para o Nacional de basquete de 2002. Folha de São Paulo, 02 jun. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u19918.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2007.

⁴⁰ Durante o período de 1998 até o início de 2002, a TV aberta não transmitiu partidas dos campeonatos masculinos de basquetebol no Brasil. Reportagem da Folha de São Paulo mostrava que: “desde 1998, quando a Globo exibiu uma partida entre Polti-COC/Ribeirão Preto e Marathon/Franca, ainda na fase de classificação, o Nacional masculino não aparece na TV aberta”. NACIONAL dá início à despedida de Oscar. Folha de São Paulo, 26 jan. 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u33425.shtml>. Acesso em: 03 abr. 2007.

Em 2002, a CBB divulgou a assinatura de um contrato com a Rede de TV Bandeirantes, garantindo transmissão até a temporada de 2004. Estavam previstas as transmissões do Campeonato Nacional de Basquetebol, além dos jogos das seleções brasileiras, feminina e masculina. A emissora passaria as partidas aos domingos, às 12h (NACIONAL..., 2002).

Dessa forma, após dois anos sem patrocínio, em Agosto de 2003 foi celebrada uma parceria entre a CBB e a Eletrobrás, entretanto para patrocinar apenas a seleção feminina. Mesmo com a tentativa do Ministro do Esporte, Aguinaldo Queiroz, e do presidente da CBB, Gerasime Bosikis (Grego), de estender o patrocínio para o selecionado masculino, a Eletrobrás alegou que a seleção masculina não conseguiu nos últimos anos conquistas internacionais que pudessem aumentar a sua visibilidade⁴¹. Em entrevista⁴², Grego relata sua expectativa em relação a Liga Nacional de 2004:

Com certeza será uma competição equilibrada e ainda melhor que as anteriores. Teremos as 16 melhores equipes do país envolvendo 15 cidades de sete estados, e um representante do Distrito Federal, o Universo/DF, campeão da 7ª Supercopa Brasil. Na área de estatística teremos algumas novidades, que serão anunciadas na apresentação do Campeonato. Pelo nono ano consecutivo, o Sportv irá transmitir as principais partidas de cada rodada. Este ano teremos a volta da TV aberta, com jogos ao vivo todos os domingos, às 11 horas, na Rede TV. Com os canais aberto e fechado, o basquete se torna (depois do futebol) o esporte com o maior abrangência e visibilidade na televisão brasileira, garantindo um produto de retorno e investimento certos.

Um ponto importante da entrevista de Grego é quando o mesmo relata sobre a volta das transmissões da TV aberta. Por um lado, demonstra que a modalidade conseguiu espaço na mídia, em contrapartida, contribui na argumentação sobre a falta de visibilidade do basquetebol no final da década de 90 e início do século XXI e, conseqüentemente, na dificuldade de conseguir patrocínios. Grego ainda expõe que:

⁴¹ CONFEDERAÇÃO Brasileira de Basquete consegue patrocínio estatal. Folha de São Paulo, 10 ago. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u62219.shtml>. Acesso em: 2 abr. 2007.

⁴² Entrevista cedida por Gerasime Bosikis (Grego) no dia 31 dez. 2003 no site oficial da CBB. Disponível em: <http://www.cbb.com.br/entrevista/entrevista.asp?entrevista=119>. Acesso em 02 abr. 2007.

Fico feliz em estar à frente desse esporte, que tem mais de 70 anos de história repleta de conquistas olímpicas e mundiais. O basquete tem ídolos que jamais serão esquecidos, novas e promissoras gerações e ainda conta com a paixão do povo brasileiro. Com esse cenário, o nosso esporte se torna um negócio promissor. As empresas privadas e públicas vão encontrar em nossos eventos uma forma de unir a emoção que o basquete transmite à uma ampla exposição e fixação de suas marcas. Não deixem de conferir no nosso site o calendário, com a programação das seleções brasileiras e das competições nacionais e internacionais até 2012. Que o ano de 2004 seja de ouro para o basquete brasileiro.

Apesar de salientar sobre o potencial mercantil da modalidade e exaltar as qualidades e, sobretudo, das oportunidades de negócio que o basquetebol proporciona, somente em 2005 a equipe masculina recebeu também o apoio da Eletrobrás como patrocinadora oficial. Dessa forma a CBB recebeu 3 milhões de reais da Estatal para investir em cada equipe (feminina e masculina)⁴³. A partir desse contexto de insatisfação e disputas por parte das equipes⁴⁴, de ex-jogadores e dirigentes⁴⁵ que não concordavam com a organização administrativa da CBB criou-se em 2005 a um liga independente, denominada de Nossa Liga de Basquetebol (NLB), cuja missão:

(...) é ser o mais importante organizador e produtor de eventos de basquetebol até 2008, gerando oportunidades e produtos de grande valor agregado.

Com 30 clubes associados, que representam 29 cidades de 10 estados surge em 16 de março de 2005 a Nossa Liga de Basquetebol com o objetivo principal de profissionalizar o basquetebol brasileiro criando um formato de gestão modelo para o resgate e revitalização do esporte. Como liga independente a NLB prega a transparência e a gestão profissional em busca de uma nova perspectiva em prol do futuro do basquetebol brasileiro com mais competitividade, melhor organização e grandes resultados. Com proposta inovadora e ações de marketing de vanguarda, alinhadas com as mais importantes tendências mundiais, a NLB vai agregar mais resultado aos patrocinadores e trazer maior interesse ao público⁴⁶.

Para impedir o avanço da NLB a CBB, em 2005, ofereceu benefícios, vantagens e mais autonomia aos clubes para negociar praticamente todos os espaços para publicidade nos ginásios. No campeonato de 2004 os clubes tinham direito de comercializar apenas 3 placas no ginásio em lugares pré-determinados pela CBB. Em 2006, a confederação abriu a possibilidade para a

⁴³ CBB anuncia patrocínio para a seleção. Folha de São Paulo, 30 nov. 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3011200407.htm>. Acesso em 02 abr. 2007.

⁴⁴ Entre as equipes de São Paulo podem ser citadas as equipes: Uniara/ Lupo/Araraquara, Winner/Limeira, Liberty Seguros/Casa Branca, Unifeob/São João da Boa Vista, Clube Hebraica de S.P. e A.D.Guarujá. Disponível em: <http://www.nossaliga.com.br/temporada/default.asp?fase=1>. Acesso em 29 mar. 2007.

⁴⁵ Entre os dirigentes e organizadores podem ser citados o ex-atleta Oscar Shmidt (Presidente da Liga), o ex-técnico da seleção brasileira José Medalha (Diretor Executivo), ex-atleta da seleção feminina de basquetebol Hortência (Vice-presidente do departamento de marketing), entre outros.

⁴⁶ Essas informações sobre a missão e seus objetivos constam no site oficial da Nossa Liga de Basquetebol.

comercialização de 11 placas, no círculo central, nas quatro laterais da quadra, além do espaço da tabela (PARA..., 2005). Também foi criada uma comissão de clubes para administrar a Liga Nacional, que entre outras, possuía acesso aos contratos publicitários e de TV mantidos pela entidade (FILHO, 2005). Não obstante, com a criação da NLB ocorreram inúmeras divergências jurídicas com a Liga Nacional⁴⁷, além disso, a CBB impediu os atletas que atuavam na NLB de participarem da seleção nacional de basquetebol⁴⁸.

Mesmo com essas disputas externas, os campeonatos organizados pelas duas entidades prosseguiram no ano de 2006. Na NLB apesar da confusão no sistema de disputa, ocorreu um quadrangular final na cidade de Torres (1ª colocada na fase de classificação) em que a equipe da Winner/Limeira venceu a equipe da Uniara/Lupo/Araraquara e sagrou-se campeão do torneio⁴⁹.

Na Liga Nacional organizada pela CBB, em que havia inicialmente dois grupos, o capítulo 7 do artigo 39 referente ao sistema de disputa indicava que: “na fase de classificação as equipes serão divididas em 2 (dois) grupos e jogam todas contra todas, em rodízio duplo dentro de seu grupo, apurando-se as 8 (oito) equipes melhores classificadas em cada grupo para a fase seguinte⁵⁰”. Não obstante, com a entrada das equipes, que antes foram proibidas através de liminares de participarem do campeonato, foi inserido um novo grupo, onde foram incluídos esses clubes para a seqüência do torneio. Sobre a organização da Liga Nacional, no início dos *play-offs*, a Folha de São Paulo através de uma reportagem apresentava o fato:

Era para ser o início da fase mais empolgante do torneio, mas os jogos que abrem hoje os mata-matas do Nacional masculino vão incrementar mais a confusão que tomou conta do evento. Há de tudo na balbúrdia: equipes que venceram apenas um jogo e mesmo assim passaram de fase, times que foram expulsos do torneio por não disputarem partidas e até um grupo que ainda não completou a fase inicial (CONFUSÃO..., 2006).

⁴⁷ A CBB tentou impedir a participação das equipes que disputavam a NLB (Winner/Limeira, Ulbra/Torres, Uniara/Lupo/Araraquara, Telemar/Rio de Janeiro, Keltek/Basketball e Grajaú C. C. (NA JUSTIÇA..., 2005).

⁴⁸ Em Outubro de 2005 o presidente da CBB Gerasime Bozikis, o Grego, dissera que quem atuasse pela liga rival, que não foi reconhecida oficialmente, estaria fora da lista de convocados de Lula (técnico da seleção masculina) e Antônio Carlos Barbosa (técnico da seleção feminina). A Federação Internacional não permite, em suas competições, atletas que não disputem torneios oficiais, disse o presidente. Entretanto, posteriormente com a participação das equipes na Liga Nacional, através liminares na justiça, Grego, voltou atrás (GREGO..., 2006)

⁴⁹ Disponível em: <http://www.nossaliga.com.br/temporada/?fase=10>>. Acesso em 31 mar 2007.

⁵⁰ Essas informações relativas as competições da Liga Nacional foram extraídas do site oficial da CBB. Disponível em: <http://www.cbb.com.br/competicoes/cnbm2006/regulamento7.asp>. Acesso em: 30 mar. 2007.

Percebe-se que o campeonato nacional de 2006 foi “bombardeado” por disputas judiciais e a competição teve sua fórmula alterada após a entrada de seis clubes na fase de classificação do torneio. Para completar, após classificar a equipe para a final do campeonato, o COC/Ribeirão venceu equipe da cidade Franca no primeiro jogo da série final que seria de cinco jogos, porém, a equipe da cidade de Brasília alegou que fora prejudicado na fase semifinal, obteve liminar na Justiça e paralisou a decisão. Como os três clubes não conseguiram chegar a um acordo sobre como decidir o título, o Nacional acabou sem um campeão. Após o fato a equipe do COC/Ribeirão que fora pentacampeão paulista e que contava com o técnico, além de alguns atletas que compunham a seleção brasileira encerrou suas atividades com categoria adulta (APÓS..., 2006).

Nos últimos 10 anos, o Campeonato Nacional Masculino de Basquete sempre foi uma competição equilibradíssima. As equipes se reforçavam e cada vez ficava mais difícil eleger um grande favorito ao título. Uma prova disso é que nas últimas 10 edições, 7 times diferentes conquistaram o título. Disputar o Nacional era sinônimo de status. (...) Mas as trapalhadas e brigas jurídicas do último ano fizeram a competição perder o encanto. O antes badalado e almejado Nacional, agora é desprezado (SILVA, 2006).

Apesar de inúmeras reuniões e pedidos das equipes, os campeonatos da CBB e da NLB não se unificaram na temporada 2006/2007. Na Liga Nacional da CBB no ano de 2007 só se inscreveram três clubes paulistas⁵¹, sendo que ao Estado está reservado o direito de participar oito equipes (vagas) no torneio, já na NLB se inscreveram apenas 10 clubes de todo o Brasil, entretanto não houve a disputa do campeonato.

A partir da contextualização da trajetória institucional do basquetebol masculino brasileiro, através das suas etapas, nesse momento pode ser analisada a conjuntura da modalidade no país, buscando discutir sobre o seu atual estágio, bem como de possibilidades futuras.

⁵¹ “Com a mais baixa presença paulista da história, começa em 12 de novembro o Nacional masculino de basquete. O Estado que detém 11 dos 16 títulos (em 2006 não houve campeão) terá só três equipes. Na última edição, São Paulo teve dez agremiações. Anteriormente, a mais baixa representação havia sido cinco times, em 1990 e 91. Só Franca, Rio Claro e Paulistano participarão. A maioria priorizou o Estadual, disputado em datas coincidentes e com duas rodadas semanais. Também pesou na decisão de alguns times, como Limeira e Assis, não jogar o Nacional os altos custos da competição (a confederação não garantiu ajuda financeira aos clubes)”. MAIOR campeão, SP terá só 3 times no Nacional masculino. Folha d São Paulo, 18 out. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1810200615.htm>. Acesso em 30 mar. 2007.

As informações sobre a temporada de 2007 da NLB podem ser encontradas no site oficial: <http://www.nossaliga.com.br>.

O estudo sobre o fenômeno da mercantilização esportiva denominado, “Dimensões Econômicas do Esporte no Brasil”, elaborado por Di Giovanni, Gebara e Proni (1995) e financiada pelo Ministério da Educação e do Desporto, propunha a análise tipológica das modalidades no Brasil, através da avaliação do potencial mercantil, estabelecida a partir de três critérios: grau de profissionalização da modalidade, grau de exposição na mídia e grau de competitividade internacional.

Esses três critérios estabelecidos na análise do potencial mercantil permitem discutir e relacionar ao processo de espetacularização das modalidades. Sobre a profissionalização, que de acordo com os autores, remete a sistematização do treinamento, financiamento dos campeonatos e das equipes e a comercialização de seus principais eventos, e não somente ao pagamento de salários, percebe-se que a modalidade atualmente se transformou e se profissionalizou, entretanto, ainda permanecem características do esporte amador⁵².

Sobre as dificuldades de profissionalização do basquetebol brasileiro esses autores apontam que:

As dificuldades para fazer avançar o processo de profissionalização do basquete brasileiro tem origens políticas. Divergências entre a Confederação Brasileira e a Federação Paulista têm dificultado, recorrentemente, a organização de um calendário unificado, que é pré-condição para o lançamento de uma Liga Nacional e para a implantação de um projeto coordenado de *marketing*, seguindo o exemplo do vôlei, que englobe tanto as equipes patrocinadas como as seleções masculinas e femininas (DI GIOVANNI et al., p. 59, 1995)

Esses aspectos mencionados pelos autores podem ser constatados na contextualização do basquetebol masculino brasileiro elaborado anteriormente.

Sobre os resultados internacionais, aspecto significativo para a concretização da espetacularização do esporte, haja vista o voleibol brasileiro, não obstante, o basquetebol masculino brasileiro conquistou seu último título significativo, no Pan-americano de Indianápolis

⁵² Além das divergências administrativas e políticas da NLB e da CBB, que através de impasses judiciais, culminou com a paralisação da Liga Nacional na edição de 2006 na fase final, um exemplo pode ser observado na análise dos sites da FPB e da CBB. Em nenhum local desses sites existem produtos para a comercialização, como camisetas dos clubes, venda de ingressos, bonés, chaveiros, entre outros. E ainda, no site da CBB, local de apresentação da regulamentação sobre a publicidade em uniformes para competições internacionais oficiais, a camisa que aparece como exemplo ainda consta o patrocínio da Caixa Econômica Federal, que deixou de financiar a modalidade desde 2001. Disponível em: http://www.cbb.com.br/conheca_basquete/conheca_basquete_uniformes.asp. Acesso em: 03 abr. 2007.

em 1987, ou seja, há 20 anos atrás na geração de Oscar Schmidt e Marcel de Souza⁵³. Outro aspecto importante é a carência de ídolos na modalidade. Apesar do sucesso de alguns jogadores na NBA como Leandro Barbosa (Leandrinho), Nenê e Anderson Varejão, esses não conseguiram conquistar resultados internacionais expressivos com a seleção brasileira, e dessa forma, ainda não se firmaram como ídolos nacionais, influenciando na visibilidade da modalidade no país.

Sobre o grau de exposição na mídia, já no início dos anos 90 o basquetebol masculino perdeu o patrocínio do Banco do Brasil e, conseqüentemente espaço, principalmente na televisão, para modalidades mais organizadas. O basquetebol adquiriu visibilidade no início do século XXI com a volta das transmissões da TV aberta, entretanto, atualmente devido a dificuldades organizacionais e divergências administrativas e políticas na edição de 2006, não só repetiu-se o episódio das TVs abertas abandonarem as transmissões dos Campeonatos Estaduais e Nacionais, como também dificultou a negociação da permanência das TVs fechadas. Essa constatação pode ser percebida na matéria da Folha de São Paulo de 12 de Novembro de 2006:

O Nacional masculino de basquete começa neste domingo com dois jogos --Paulistano x Flamengo e Joinville x Minas--, mas sem TV, sem tabela e sem saber quantas equipes estarão na disputa. O torneio atual promete ser tão caótico quanto à última edição, na qual houve guerra de liminares que obrigou a confederação brasileira a alterar a fórmula. Não houve campeão. O início agora fez com que o torneio gerasse pouco interesse nos clubes de São Paulo, que ainda disputam o Estadual.

O problema é que o trio paulista pode ser reduzido a um time só. Na segunda-feira, Franca e Rio Claro irão confirmar se ficam. Ambos pedem para estrear no Nacional em dezembro --a tabela ainda não saiu só os dois jogos de amanhã. Na quarta, a CBB enviou aos clubes um rascunho. Houve várias críticas, e foi marcada para segunda-feira, um dia após o início do torneio, uma reunião para decidir a tabela (NACIONAL..., 2006).

Diante dessas confirmações percebe-se que o basquetebol está distante do processo de espetacularização do esporte. Existem diversas características que apontam essa tendência, e de certa maneira, foram timidamente apontadas anteriormente. Entretanto, não é objetivo desse trabalho, tampouco, desse tópico, julgar as atitudes das entidades responsáveis pela modalidade, nem identificar os motivos pelo qual o processo de espetacularização não se manifestou no basquetebol masculino brasileiro.

⁵³ Essas informações foram extraídas do site: <http://esportes.terra.com.br/panamericano2007/interna/0,,OI1475239-EI8332,00.html>. Acesso em 03 abr. 2007.

Buscou-se nesse capítulo apresentar dados históricos concretos, tentando caracterizar a trajetória institucional do basquetebol masculino no Brasil e refletir a partir do modelo da lógica mercantil de Brohm. A ampliação da discussão em torno do basquetebol masculino, em nível nacional, torna-se necessária para contextualizar o desenvolvimento da modalidade e identificar aspectos abrangentes sobre a realidade do basquetebol brasileiro.

CAPÍTULO 3

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DAS CATEGORIAS DE BASE DO BASQUETEBOL MASCULINO PAULISTA

Categorias de Base do Basquetebol no Estado de São Paulo

Neste capítulo será elaborada uma discussão a cerca das categorias de base do basquetebol masculino paulista, baseando-se no referencial teórico abordado até o momento e, sobretudo, através da pesquisa documental que foi realizada na sede da Federação Paulista de Basketball (FPB). Não obstante, conforme foi destacado na introdução desse estudo, Romanelli (1986, p. 16) apontava que a mera descrição dos fatos não tem sentido “se eles não receberem um esforço de compreensão que evidencie seus significados”. Diante disso, esses dados primários obtidos a partir de documentos serão organizados e, permitirão refletir sobre a organização esportiva, seu funcionamento e estruturação, proporcionando uma análise profunda em torno do tema.

Importante mencionar que na sede FPB há um Departamento de Registros que conta com uma “grande riqueza” de informações. A pesquisa possibilitou o acesso aos “Relatórios da Diretoria” entre os anos de 1988 a 2005 (anexo 1), porém além dessas informações, foram acrescentados alguns dados mais atuais de 2006 e 2007, extraídos do site oficial da FPB. Nesses documentos constam dados relativos aos campeonatos como: as equipes participantes, número de atletas inscritos, forma de disputa dos campeonatos, equipes campeãs nos torneios do Interior, da GSP, do Estadual, dentre outras. Entretanto, apesar da receptividade da FPB e do responsável pelo Departamento de Registros para a realização da coleta de dados da pesquisa documental, constata-se a ausência de aplicativos tecnológicos para o armazenamento dessas informações. Considerando que a evolução do esporte nas suas diversas possibilidades perpassa pela pesquisa científica, e que os avanços tecnológicos alcançaram estágios avançados na sociedade, há a necessidade da criação de um banco de dados contendo informações e registros para pesquisas e análises posteriores em busca do desenvolvimento do Basquetebol no Estado de São Paulo.

Serão apresentados alguns aspectos administrativos, bem como dados históricos referentes à organização dos campeonatos das categorias de base, para subsidiar a discussão sobre a apropriação das características da profissionalização nessas categorias. O quadro 2 demonstra o ano oficial de início dos campeonatos das diversas categorias no Interior, na GSP e também os Campeonatos Estaduais.

Quadro 2 - Início dos Campeonatos

	GSP	Interior	Estadual
Pré-mirim	1962 - 1992		
Pré-mini	1977	1998	1998
Mini	1969	1969	1969
Mirim	1959	1968	1965
Infantil	1940	1981	1981
Infanto-juvenil	1980	1960	1960
Cadete	1993	1993	1993
Juvenil	1939	1959	1960

Fonte: Federação Paulista de Basketball

Percebe-se que da mesma maneira como ocorreu na categoria adulta, demonstrada no capítulo 2, os campeonatos das categorias de base (com exceção da categoria Infanto-juvenil) foram disputados primeiramente na GSP, ou seja, a modalidade concentrou-se inicialmente nos clubes tradicionais de elite e após alguns anos deslocou-se também para o Interior. Esse fato evidencia a manifestação do poder simbólico, a partir da discussão sobre a origem e o desenvolvimento da modalidade (MARCHI JR., 2001), de jovens e adolescentes da elite através da prática esportiva nos clubes tradicionais da capital do Estado. Observa-se que já em 1939 e 1940 organizaram-se as categorias Juvenil e Infantil na GSP, e somente em 1959 iniciam-se os campeonatos no Interior. Vale lembrar que a categoria Pré-mirim foi disputada somente na GSP e extinta em 1992.

Em 1960, organizaram-se os primeiros Campeonatos Estaduais nas categorias Infanto-juvenil e Juvenil entre as melhores equipes do Campeonato do Interior e do Campeonato da GSP. Posteriormente, incluíram-se o Mirim, Mini, Infantil e na última década (90) as categorias: Cadete e Pré-mini.

O Campeonato Estadual passou por inúmeras modificações relativas ao número de equipes participantes ao longo dos anos. Primeiramente, apenas o campeão do Interior e o campeão da GSP participavam do campeonato Estadual, posteriormente, aumentou-se o número para oito equipes (quatro do Interior e quatro da GSP), depois diminuiu para 6 participantes (três do Interior e três da GSP) e em 1994 apenas 4 equipes (dois do Interior e dois da GSP) passaram a disputar o torneio.

Essa última modificação permanece atualmente, entretanto somente nas categorias Pré-mini, Mini, Mirim e Infantil, pois nas categorias posteriores, o campeonato Estadual foi unificado, ou seja, existe apenas um campeonato anual (abrangendo todo o Estado) incluindo as equipes do Interior e da GSP⁵⁴.

Dessa forma os campeonatos organizados pela FPB foram divididos em dois centros: a Grande São Paulo, incluindo a capital, a região do ABC e nos últimos anos a baixada Santista; e o Interior do Estado. De acordo com Diniz (2000, p. 26) “essa divisão foi alvo de várias críticas, por parte dos clubes do Interior, visto que seus gastos sempre foram maiores em relação às equipes da capital”. O autor complementa ainda que:

Os gastos com as taxas de filiação, mensalidades, inspeção de quadras, inscrição por equipes, confecção dos documentos de identificação, arbitragem, transporte e alimentação de todos os integrantes da equipe, aliada a alta competitividade existente nos campeonatos e algumas situações negativas advindas dessa forma de disputa, têm sido motivo de vários pedidos de afastamento dos clubes do Interior do Estado, em relação à FPB (DINIZ, 2000, p. 26).

O autor faz uma análise sobre a iniciação em basquetebol no Estado de São Paulo, envolvendo aspectos pedagógicos do processo e aponta algumas críticas advindas dos clubes do Interior que influenciaram inclusive no afastamento de suas equipes no campeonato das categorias de base da FPB. Essas vantagens proporcionadas às equipes da GSP relacionadas à organização do campeonato podem ser observadas a partir da tabela 1 que demonstra o número de títulos nos campeonatos Estaduais organizados pela FPB ao longo de sua trajetória.

⁵⁴ Essas informações foram extraídas a partir da pesquisa documental realizada na FPB, entretanto, dados relativos aos campeonatos Estaduais estão disponíveis em: http://www.fpb.com.br/_dynamics/federacao/administracao.asp. Acesso em 3 abr. 2007.

Tabela 1 – Número de Títulos nos Campeonatos Estaduais

<i>Categorias</i>	<i>Equipes do Interior</i>	<i>Equipes da Capital</i>
Pré-mini	2	6
Mini	9	28
Mirim	8	31
Infantil	7	18
Infanto-juvenil	11	35
Cadete	5	8
Juvenil	11	35
Total	53	161

Fonte: Federação Paulista de Basketball, 1960 a 2005.

Através da tabela 1 percebe-se a grande superioridade das equipes da capital nos Campeonatos Estaduais das categorias de base (número de títulos) em relação às equipes do Interior em todas as categorias. Na Grande São Paulo, principalmente nas categorias iniciais⁵⁵ (Pré-Mini⁵⁶, Mini, Mirim e Infantil) existe uma maior competitividade entre as equipes, com maior número de participantes e conseqüentemente, maior número de jogos, sobretudo, pela precoce organização dos torneios em relação ao Interior, além de uma melhor estrutura dos campeonatos das categorias de base pela FPB (sediada em São Paulo - capital), esses fatores apontados faz com que o nível do basquetebol praticado nesta região seja mais elevado.

Para comprovar essa argumentação foi elaborada a tabela 2 que indica a quantidade de equipes participantes nos campeonatos organizados pela FPB em um determinado período. Não foram incluídos nessa tabela os campeonatos Estaduais nas categorias iniciais, pois conforme foi explicado anteriormente, apenas algumas equipes (somente as melhores colocadas nos seus respectivos campeonatos) participavam dessa competição, ou seja, estas já estão contabilizadas nos campeonatos do Interior e da GSP. Por outro lado, acrescentou-se o campeonato Estadual nas categorias Infanto-juvenil, Cadete e Juvenil, devido à unificação do campeonato Estadual com a participação das equipes de todo o Estado.

⁵⁵ Sempre que essa expressão aparecer nesse estudo estará se referindo a essas quatro categorias do basquetebol.

⁵⁶ Inclui-se também a categoria pré-mini criada em 1998 que também foi organizada pelas ligas e associações regionais a partir de 1999.

Tabela 2 - Número de Equipes participantes nos Campeonatos organizados pela FPB

	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2006
PRÉ-MINI														
GSP	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15	20	17	17
Interior	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	35	37	29
MINI														
GSP	17	18	20	18	19	20	20	22	20	23	20	20	22	16
Interior	5	12	9	6	10	13	9	8	6	6	9	40	35	27
MIRIM														
GSP	17	16	15	18	18	18	23	21	23	22	21	22	20	18
Interior	8	20	9	14	10	10	15	13	7	6	8	46	47	35
INFANTIL														
GSP	13	14	14	14	20	19	19	21	20	22	20	21	22	16
Interior	9	12	13+LS	12	24	17	15	11	14	12	9	36	44	38
INFANTO														
GSP	14	15	16	14	13	16	16	16	16	17	19	18	18	-
Interior	20	16	24+LS	28	20	21	13	13	12	9	9	8	7	-
Estadual														20
CADETE														
GSP	-	-	-	-	-	10	13	13	13	14	12	16	-	-
Interior	-	-	-	-	-	9	15	10	9	10	7	5	-	-
Estadual													19	19
JUVENIL														
GSP	11	12	11	11	10	9	9	12	12	13	11	-	16	-
Interior	13	11	5+LS	15	8	5	10	11	12	11	7	-	7	-
Estadual												24	-	17

Fonte: Federação Paulista de Basketball, 1988 a 2000 e 2006.

LS = Liga Santista

É inegável a diferença quantitativa entre o número de equipes participantes dos torneios da FPB nos dois centros: GSP e Interior. A Grande São Paulo é uma região altamente populosa, e existem inúmeros clubes com grande quantidade de associados, alguns deles ligados ao futebol, como: Pinheiros, Espéria, Paulistano, Palmeiras, Corinthians, Hebraíca, São Paulo, entre outros, enquanto no Interior, torna-se difícil encontrar clubes com semelhante perfil e características.

Sobre o afastamento de algumas equipes dos campeonatos oficiais, devido aos motivos apontados anteriormente por Diniz (2000), através da tabela 2 percebe-se que na década de 90 (de 1994 até 1998) de fato o número de equipes nas categorias Mini, Mirim, Infantil e Infanto-juvenil e Cadete no Interior diminuíram significativamente.

No cenário nacional em 1993 foi criada a “Lei Zico” (Nº 8.672/93)⁵⁷ que dentre suas mudanças previstas, transformou as confederações desportivas em entidades federais de administração do desporto, como pessoa jurídica de direito privado, ou seja, autônoma em relação ao Estado e representadas pelo Conselho Superior de Desporto (CSD). Da mesma maneira essa liberdade e autonomia também foram concedidas aos clubes, livres para se filiarem às entidades de administração desportiva federal, estadual ou municipal. Aos clubes esportivos era permitido organizar competições e ligas regionais ou nacionais, sendo ainda concedido participar, facultativamente, dos campeonatos das entidades de administração a que estivessem filiados (LOUREIRO, 1998).

A partir desse contexto, consolidaram-se algumas iniciativas surgidas no início da década de 90 para a organização do basquetebol através do surgimento de ligas e associações regionais no Interior do Estado, independentes da FPB, proporcionando, de acordo com Diniz (2000, p. 27-28) algumas vantagens:

Aumento considerável de crianças jogando basquetebol no Interior; Trabalhos realizados em escolas e prefeituras que pouco tiveram acesso a FPB, devido aos custos e a necessidade de se ter representatividade na cidade, foram aceitas sem maiores problemas nas ligas; Com a regionalização, as distâncias entre as cidades diminuíram, proporcionando menos gastos com transporte e alimentação, dando possibilidade para que equipes participem de mais categorias; Gastos com filiação, taxas de mensalidades e arbitragens são menores, comparados com a FPB; As ligas atuam com uma abertura maior na questão de resolução de problemas pequenos, como mudança de data de jogos, atraso nos pagamentos, entre outros, facilitando a organização das entidades.

Diante disso, a partir de 1994 houve um deslocamento de algumas equipes do Interior, principalmente nas categorias iniciais, que antes disputavam os campeonatos organizados pela FPB, para adentrarem nos torneios organizados pelas ligas e associações Regionais. Esse fato explica a diminuição do número de equipes participantes no período mencionado anteriormente, observado na tabela 2. Primeiramente, as equipes menos favorecidas, ou seja, que não possuíam recursos compatíveis com a demanda exigida para a disputa dos torneios da FPB, migraram para as ligas e associações, como: escolas, prefeituras municipais, associações esportivas, associações de bairros, dentre outras. Posteriormente, com o sucesso dessas ligas e associações, devido aos fatores apontados anteriormente por Diniz (2000), equipes tradicionais com histórico de intensa

⁵⁷ BRASIL. Congresso Nacional. Lei Nº 8.672/93. Diário Oficial da União, Brasília, 6 jul. 1993.

participação em torneios da FPB também optaram por disputar os campeonatos das ligas e associações regionais.

Percebendo a diminuição do número de equipes nas categorias iniciais, em 1999 a FPB viu-se obrigada a estabelecer uma parceria com as ligas e associações regionais de basquetebol, que no início eram “chamadas” de organizações clandestinas de basquetebol (DINIZ, 2000). Assim, o campeonato do Interior foi dividido em regiões, organizado primeiramente pelas ligas, e em seguida, as equipes melhores classificadas continuariam na disputa do campeonato do Interior e sequencialmente no campeonato Estadual, esses dois últimos organizados pela FPB. A tabela 2 apresenta ainda o aumento significativo no número de equipes participantes entre os anos de 1998 e 1999 quando foram incluídas essas equipes das ligas e associações regionais de basquetebol nas categorias iniciais.

Nesse contexto, retomando as avaliações teóricas de Brohm (1976), que discute sobre a funcionalidade do esporte, observa-se nas proposições do autor a indicação que instituição esportiva se constitui através de uma totalidade articulada de instâncias dominantes e alcança o “modelo piramidal” a partir da “hierarquização” de poder em uma determinada escala de valores. Diante desse modelo, Brohm aponta que a instância dominante no esporte profissional é a econômica, e complementa ainda, que este se tornou um cartel, um complexo monopolista.

Brohm (1976, p.153) esclarece que o sistema esportivo se insere “progressivamente nas malhas do sistema capitalista”, até se tornar parte dele, obedecendo às leis socioeconômicas que regem esse modo de produção. Dessa forma, a partir da discussão sobre a organização das categorias de base do basquetebol paulista, percebe-se que houve um processo de “cooptação” das ligas e associações regionais por parte da FPB.

Estabelecendo uma analogia entre a organização dos sistemas esportivos e a lógica dos mercados a partir de Brohm (1976), a FPB se apresenta como um complexo monopolista, um cartel, reproduzido no sistema esportivo a partir da incorporação das ligas e associações na sua estrutura. Diante das características da profissionalização do esporte nas categorias de base, observa-se a transformação da organização dessas ligas e associações em um anexo funcional desse modo de produção. De um lado havia a necessidade estrutural por parte das ligas e associações regionais (visibilidade e credibilidade), por outro, a oportunidade de abertura de novos mercados por parte da FPB.

Steigerwald (2000, p. 18), árbitra internacional de basquetebol e atualmente responsável pelo departamento técnico da FPB, relata sobre a presença de características do esporte profissional nas categorias iniciais do basquetebol masculino no Estado de São Paulo.

Sempre ouço falarem que a arbitragem para os jogos das categorias de base deve ser educativa e formadora, mas como sê-lo se o espírito competitivo dominou completamente o participativo e formativo, o que transformou a imagem do arbitro em “mais um inimigo”? Se o interesse dos jovens atletas é vencer o jogo, vencer na carreira de atleta e, infelizmente e principalmente, desde a “escolinha” receber uma remuneração monetária que, na maioria das vezes, não serve apenas de incentivo ou auxílio aos mais carentes, mas de veiculo segregador, gerador de princípios puramente egoístas e egocêntricos, princípios onde o “eu vou vencer” é mais importante do que o “nós vamos vencer”, como nós árbitros poderemos ajudar a formar atletas e pessoas?

A cada dia que passa tenho a impressão que o esporte se tornou puramente um negócio, onde os atletas (ou serão os pais) estão preocupados com a bolsa de estudos que recebem, com a ajuda de custo, com o salário, remuneração ou o nome que quiserem dar.

No início do século XXI, nas categorias posteriores, Infanto-juvenil e Cadete, em que percebe-se também a diminuição do número de equipes participantes na metade da década de 90, além da categoria Juvenil, conforme foi apresentado anteriormente, estabeleceu-se um campeonato único, abrangendo as equipes de todo o Estado, semelhantemente ao ocorrido com a categoria principal em 1978. Na categoria Infanto-juvenil a unificação aconteceu em 2001, no Cadete em 2000 e no Juvenil em 1999.

As ligas e associações continuam organizando seus campeonatos incluindo essas categorias, Infanto, Juvenil, Sub-21 e Adulto, entretanto, esses torneios possuem abrangência regional e, portanto, são independentes da FPB. Atualmente existem 4 ligas ou associações no Interior de São Paulo: Associação Regional de Basketball (Iracemápolis), Liga Regional de Basketball de Ribeirão Preto, Liga de Basketball Riopretense, Liga Regional de Basquetebol Centro Oeste Paulista (Bauru)

Buscando compreender essa lógica organizacional, há a necessidade nesse momento, de estabelecer uma retrospectiva sobre alguns aspectos abordados nos capítulos anteriores. Conforme discutido no capítulo 1, o basquetebol brasileiro foi fundamentado e desenvolvido no clube, para um público determinado. Nessa perspectiva, os clubes da capital por possuírem determinado perfil social obtiveram significativo desenvolvimento, na medida em que detinham recursos (poder econômico e simbólico) para a prática do basquetebol, sendo assim, havia nessas

instituições uma estrutura e organização compatível com as suas necessidades. Da mesma maneira, conforme foi abordado no capítulo 2, até o “período de transição” (final da década de 80), as equipes da capital possuíam um nível mais elevado quando comparadas com as do Interior, e dessa forma conquistaram a maioria dos títulos Estaduais.

Recordando sobre as formas de intervenção e financiamento das equipes de basquetebol, em que Pinheiro (1995) destaca duas formas de ação: uma, em que a formação das equipes era fruto do apoio integral de determinada empresa, incluindo-se nesse grupo principalmente as equipes do Interior, e outra, que apresentava apoio financeiro da empresa a determinado clube esportivo tradicional, que já possuía uma estrutura própria para o desenvolvimento da modalidade, nesse grupo estão presentes as equipes da GSP.

Na década de 90, “período do profissionalismo”, com a entrada das empresas no financiamento das equipes na categoria Especial, principalmente do Interior, observa-se a partir desse contexto uma mudança estrutural na organização das equipes adultas, refletida através dos resultados nos Campeonatos Estaduais (Paulista). Percebe-se a partir desse momento (década de 90) a ampla supremacia no número de títulos das equipes da Interior em relação às equipes da capital na divisão Especial⁵⁸. O último título de uma equipe da capital na divisão Especial foi conquistado pelo Monte Líbano em 1986, ou seja, há 21 anos atrás (Anexos).

Essas mudanças também foram estabelecidas nas categorias de base do basquetebol masculino paulista. No período do profissionalismo, surgiram algumas conquistas das equipes do Interior, principalmente no Juvenil, Cadete e Infanto-juvenil, que no período de transição e principalmente no período do amadorismo eram dificilmente observadas. Como exemplos podem ser citados as equipes de Franca, Limeira, Bauru, Araraquara, entre outras (Anexos). Não obstante, na década 90 ainda havia a hegemonia dos clubes da capital nos campeonatos Estaduais das categorias de base.

No final da década de 90 e início do século XXI, essas modificações estruturais nas categorias de base tornam-se evidentes com a análise dos resultados dos campeonatos Estaduais nos últimos anos. Antes da unificação do torneio percebe-se a ampla supremacia das equipes da GSP, não obstante, após essa mudança as equipes do Interior obtiveram relevante sucesso. Nos

⁵⁸ As equipes do Interior conquistaram 21 títulos, enquanto as equipes da capital conquistaram apenas 7 campeonatos 1978 – 2005 (Anexo 1).

campeonatos de 1999 a 2006, observa-se que na categoria Juvenil, após a unificação as equipes do Interior conquistaram 6 títulos⁵⁹, enquanto as equipes da capital conquistaram apenas 2 em 2001 (anexos) e 2006⁶⁰. Os gráficos 3 e 4 a seguir ilustram esse contexto.

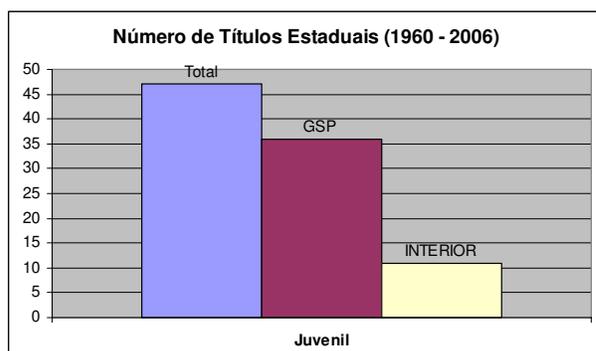


Gráfico 3 – Títulos Estaduais (1960 – 2006)

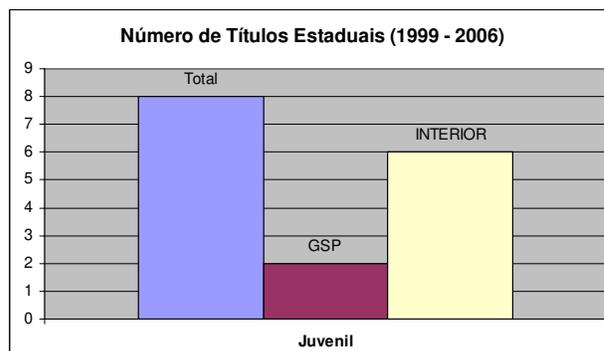


Gráfico 4 – Títulos Estaduais (1999 – 2006)

Para entender essa transformação foi elaborada a tabela 3 que compara o número de títulos nos campeonatos Estaduais das equipes do Interior e da GSP nas categorias Juvenil e Especial estabelecendo uma divisão em três períodos, buscando facilitar a compreensão do leitor sobre a apropriação das características do esporte profissional nas categorias de base e evidenciando essa tendência explicitada anteriormente.

Tabela 3 – Comparação do número de Títulos Estaduais (Categoria Juvenil e Especial)

<i>Período</i>	<i>1978/1987</i>		<i>1988/1997</i>		<i>1998/2006</i>	
	<i>GSP</i>	<i>Interior</i>	<i>GSP</i>	<i>Interior</i>	<i>GSP</i>	<i>Interior</i>
Especial	7	3	0	10	0	10
Juvenil	9	1	8	2	4	6
<i>Região</i>	<i>GSP</i>	<i>Interior</i>	<i>GSP</i>	<i>Interior</i>	<i>GSP</i>	<i>Interior</i>

Fonte: Federação Paulista de Basketball, 1978 a 2006.

⁵⁹ A equipe de Franca conquistou 1 em 1999, a de Ribeirão Preto mais 1 em 2000 e a equipe de Araraquara conquistou 4 em 2002, 2003, 2004 e 2005. Essas informações estão disponíveis no anexo 1.

⁶⁰ Em 2006 a equipe do Clube Paulistano foi campeã na categoria Juvenil, porém essa informação não consta no anexo 1, pois no momento da realização da pesquisa documental, teve-se o acesso apenas ao relatório de 2006, que aponta os resultados até o ano de 2005. Informações sobre o resultado do campeonato Juvenil de 2006 foram encontradas no site da FPB: <http://www.fpb.com.br>. Acesso em: 27 mai. 2007.

Analisando a tabela 3 percebe-se que na década de 80 havia uma hegemonia por parte das equipes da GSP, tanto na categoria Juvenil como na divisão Especial. Na década de 90, na divisão Especial, as equipes da GSP não conquistaram nenhum título, enquanto nas categorias de base, apesar de algumas conquistas das equipes do Interior, as equipes da GSP obtiveram a maioria dos títulos. Entretanto, quando se observa o último período percebe-se que da mesma maneira como ocorrido na divisão Especial, na categoria de base, as equipes do Interior passaram a conquistar a maioria dos títulos.

Pode-se inferir que as empresas financiadoras do basquetebol não investiam de forma significativa nas categorias de base da modalidade até a década de 90. Fato que é comprovado pela pouca quantidade de títulos Estaduais das equipes das categorias de base do Interior. As equipes da capital conseguiram a maioria dos títulos, devido⁶¹ à manutenção dessas equipes por grandes clubes da cidade de São Paulo, em que já existia uma estrutura e organização própria da instituição, e as empresas apenas auxiliavam no apoio aos clubes como Pinheiros, Espéria, Palmeiras, Corinthians. Esse fato não ocorre no Interior, pois as equipes são financiadas integralmente por empresas⁶² ou mais atualmente por universidades que fomentam toda a sua estrutura e organização, e sendo assim possuíam como principal objetivo, para não dizer o único, a categoria adulta.

Até a década de 90 a estrutura existente nessas instituições clubísticas da GSP ainda era superior aos pequenos investimentos estabelecidos pelas equipes do Interior. Entretanto, na divisão Especial esses clubes tradicionais da Capital, não conseguiram (ou não possuíam esse objetivo) manter grandes equipes e conquistar resultados nessa categoria, devido aos altos custos da modalidade e aos investimentos realizados pelas equipes do Interior.

Na medida em que a profissionalização do esporte inseriu-se na organização do basquetebol percebe-se que tanto, na categoria Especial quanto nas categorias de base (principalmente Juvenil, Cadete e Infanto-juvenil) houve um deslocamento dos resultados

⁶¹ Outros aspectos também influenciaram na hegemonia das equipes da capital nos campeonatos estaduais da base. Alguns foram mencionados anteriormente como: forma de disputa, diferença de gastos com taxas administrativas e manutenção das equipes, número de equipes participantes, entre outros.

⁶² Algumas equipes ainda possuem apoio de outras instituições, como as Prefeituras Municipais, entretanto, esse auxílio está relacionado ao transporte ou ajudas na composição da estrutura das equipes, e não na inserção de investimentos diretos (capital).

Estaduais para as equipes financiadas quase exclusivamente por empresas em detrimento dos clubes tradicionais.

Diante dessa perspectiva percebe-se que a contradição estabelecida por Brohm (1976) entre a finalidade do sistema e o seu modo de funcionamento pode ser transposta para a organização e estruturação do basquetebol masculino no Brasil, pois a modalidade tem sua origem e fundamentação nos clubes, não obstante, a profissionalização tem afastado essas instituições dos campeonatos oficiais. Esse fato desestimula os clubes, que invariavelmente formaram a base para selecionados estaduais e nacionais a prosseguir os trabalhos com as equipes de competições.

Observa-se essa tendência ao analisar o quadro 1, demonstrando que no campeonato paulista de 1991 havia 6 clubes da GSP e 6 equipes do Interior, já no campeonato paulista de 2006 disputaram o torneio 4 clubes da GSP e 10 equipes do Interior. Nas categorias de base esse fato também tem acontecido, sobretudo, nas categorias em que os torneios unificaram.

O quadro 3 a seguir demonstra todas as equipes participantes dessas duas categorias no campeonato Estadual de 2007.

Quadro 3 – Equipes participantes do Campeonato Estadual de 2007

CADETE	JUVENIL
A.B. A HEBRAICA DE SP	A.A. PRAIA GRANDE/LSB/UNICRED
AMERICANA BASKETBALL	DIADEMA / NIGHT & DAY
ASSOC. LIMEIRENSE	A.B. A HEBRAICA DE SP
BANDEIRANTES/RIO CLARO	ASSOC.JAUENSE A.B.
C.A. PAULISTANO	ATLETA CIDADAO/SÃO JOSE BASKETBALL
C.ESPERIA	C.A. PAULISTANO
E.C.PINHEIROS	CARINA DESPACHOS/FLORA/A.D.GUARUJA
ESPORTIVA/PRÓ CRIANÇA	CLUBE BASQUETE PENAPOLIS
FRANCA BASQUETEBOL	CONTIA.M.E.A./ASSIS
LIGA SOROCABANA DE BASQ.	E.C. BANESPA
OBJETIVO/P.M.SAO CARLOS	E.C.PINHEIROS
RECREATIVA / RIBEIRÃO	FRANCA BASQUETEBOL
S.E.PALMEIRAS	FUNDESPT / ARARAQUARA
SAO BERNARDO / ASSOCIACAO	RECREATIVA / RIBEIRÃO
SE RCG / GARÇA	S.E.PALMEIRAS
INTER/LICEU SAO PAULO	SAO CAETANO E.C.
AABI / PREF.MUN. CASA BRANCA	UNIFEOB/S.JOAO BASQUETEBOL
	WINNER / LIMEIRA
	XV / CLUBE DE CAMPO / SELAM

Fonte: Federação Paulista de Basketball, 2007.

No campeonato Estadual de 2007 da categoria Cadete participam 7 clubes da GSP (incluindo a equipe de São Bernardo que apesar de ser da GSP é uma equipe financiada no modelo das equipes do Interior) e 10 equipes do Interior. Na categoria Juvenil em 2007 disputam o campeonato 7 equipes da GSP (incluem-se nesse grupo as equipes de São Caetano e de Diadema que não são clubes tradicionais e da mesma forma possuem o financiamento nos moldes das equipes do Interior) e 12 equipes do Interior.

Para aumentar os incentivos e conseqüentemente, o número de equipes nessas categorias, a FPB exigiu em caráter obrigatório, que as equipes participantes da categoria especial, possuíssem também pelo menos uma equipe de base nas categorias Cadete e/ou Juvenil. A partir dessa exigência, as equipes aumentaram seus investimentos nessas categorias, buscando atletas que além de participar do campeonato relativo à sua categoria, também auxiliariam na formação da equipe adulta.

Essa medida potencializou a inserção de algumas características do profissionalismo como: o pagamento de salários, moradia, bolsas escolares, alimentação em troca da força de trabalho buscando-se o rendimento máximo desses atletas⁶³.

Retornando a discussão ao capítulo 1, a partir de Brohm (1976) que aponta a existência de um princípio de equilíbrio e de transformação estrutural no sistema que forma o centro de gravidade do conjunto, dessa forma, mudanças no centro de gravidade, afetam todo o sistema. Ou seja, “no sistema esportivo, este centro de gravidade esta representado pelo princípio do rendimento que governa todos de maneira imperiosa” (BROHM, 1976, p. 24) e as categorias esportivas se integram umas em outras e atuam umas sobre as outras. O princípio do rendimento é o princípio constitutivo e como o autor coloca “o motor do sistema esportivo” (BROHM, 1976, p. 25).

Considerando que a profissionalização não se define “apenas” pela natureza do vínculo do atleta com a prática, mas remete ao funcionamento de toda sua estrutura criada em torno da disputa da modalidade esportiva, ou seja, é uma análise mais ampla, percebe-se que nessas categorias (Infanto-juvenil, Cadete e Juvenil) estão presentes, de forma clara, características da

⁶³ A equipe do Uniara/Fundesport/Araraquara conquistou o campeonato estadual na categoria juvenil em 2005 (anexo 1). A equipe adulta que disputou a divisão especial nesse mesmo ano possuía a média de 19,4 anos de idade e era integrada por 7 atletas juvenis. Esses dados foram extraídos do “Relatório da Diretoria” de 2005 através da pesquisa documental. Entretanto, informações relativas às equipes participantes do campeonato paulista de 2005 da divisão especial estão disponíveis em: <http://www.fpb.com.br>. Acesso em: 13 abr. 2007.

profissionalização do esporte, de maneira semelhante à categoria adulta: na organização do calendário anual, na maneira como se estruturam as equipes em relação às condições de treinamento e preparação para as competições, e principalmente, na forma de financiamento das equipes, dos atletas e dos profissionais envolvidos com a modalidade.

Nas categorias iniciais, o campeonato ainda não unificou e a partir da parceria com as ligas e associações regionais (filiadas a FPB), conforme foi abordado anteriormente aumentou o número de equipes participantes dos torneios (diminuíram custos gerais - viagens, arbitragens e a estrutura como um todo). No primeiro momento, 1999 e 2000 algumas instituições como, prefeituras, escolas entre outras compuseram suas equipes e iniciaram sua participação nos campeonatos. A tabela 2 demonstra o aumento de equipes participantes nesses respectivos anos.

No início do século XXI, devido à discrepância estrutural entre as equipes, observou-se a extinção dessas entidades (prefeituras, escolas, entre outras) nos campeonatos oficiais, pois a organização que possuía um determinado objetivo, qual seja, proporcionar a entrada de um número maior de equipes, buscando alcançar outras instituições, inseriu-se nessa lógica capitalista, transformou-se e, dessa maneira inviabilizou a participação dessas entidades menos favorecidas, e/ou com objetivos diferentes.

Buscando atenuar essa diferença estrutural nas categorias iniciais entre os participantes e possibilitar com que equipes de nível técnico menor continuassem disputando o torneio, houve uma mudança no regulamento, incluindo uma divisão do mesmo em duas ou até três séries (ouro, prata, bronze). Primeiramente as equipes jogavam entre si em turno e retorno, posteriormente ocorria essa divisão a partir da classificação no campeonato ao final do segundo turno, e o início de um novo torneio, visando separar equipes de níveis semelhantes⁶⁴.

Esse fato proporcionou um equilíbrio maior às respectivas séries do campeonato, e motivou a participação de algumas entidades nos torneios, pois estas, mesmo não conseguindo alcançar as primeiras colocações, posteriormente, havia a possibilidade de continuidade, aumentando o número de jogos contra equipes de mesmo nível técnico, inclusive com premiações em todas as séries.

⁶⁴ As informações referentes às normas e regulamento dos campeonatos das categorias iniciais estão disponíveis em: http://www.fpb.com.br/_dynamics/campeonatos/normasregul.asp. Acesso em: 20 mai. 2007.

Entretanto, mesmo com essas modificações no regulamento dos campeonatos da FPB e das Ligas e Associações Regionais, observa-se uma diferença significativa, através da comparação na tabela 2, entre o número de equipes participantes nessas respectivas categorias no ano de 2000 e de 2006. Sobre essa temática Diniz (2000, p. 29) coloca que:

[...] as ligas, quando criadas tinham interesse de movimentar as suas respectivas regiões, trabalhando com as escolas, com clubes menos favorecidos economicamente e com as prefeituras. Ora, há alguns anos atrás, essas entidades eram maioria, mas, atualmente, os clubes que antigamente participavam da FPB, vencem a maioria dos campeonatos. Deste modo, a participação de um número maior de adolescentes, como também, de profissionais que trabalham com a iniciação em basquetebol, tende novamente a estagnar, deixando de haver uma democratização desta modalidade, a qual é imprescindível no momento atual, tanto para fins educacionais, quanto para a identificação de novos talentos para as categorias posteriores.

Esse princípio de rendimento apresentado por Brohm (1976) se torna evidente na estrutura e funcionamento da modalidade tanto nas categorias Infanto-juvenil, Cadete e Juvenil, quanto nas categorias iniciais, a partir da inserção nessa lógica capitalista e, conseqüentemente, na transformação de sua organização em um anexo funcional desse modo de produção. Em conseqüência, percebe-se a busca por resultados máximos nesse momento inicial, sem levar em consideração os diversos aspectos que permeiam os praticantes da modalidade, a necessidade de profissionais conquistarem resultados significativos para a manutenção de seus empregos, sem se preocupar com outras possibilidades que o esporte pode proporcionar, influenciando o afastamento de algumas instituições devido a elevada competitividade esportiva presente nesse cenário.

Neste capítulo buscou-se discutir sobre a apropriação de características do esporte profissional nas categorias de base do basquetebol masculino paulista. A pesquisa documental permitiu a obtenção de dados relevantes e a partir da organização dessas informações, possibilitou um debate consistente sobre o tema, que não se esgota, mas sim estimula a busca por compreender essas transformações estruturais e organizacionais no esporte brasileiro e abarcar novas possibilidades de estudos referentes a essa área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por elaborar esse estudo partiu de certos questionamentos sobre a organização do basquetebol masculino no Brasil, tendo como foco de atenção a estruturação das categorias de base no Estado de São Paulo. Não se trata de solucionar as inúmeras dificuldades presentes na modalidade, mas sim compreender o desenvolvimento institucional da modalidade. Buscou-se discutir as formas de estruturação e desenvolvimento das práticas esportivas na sociedade burguesa do século XIX, particularmente na Inglaterra e nos EUA, com o pressuposto teórico de que o esporte no Brasil e sua estruturação são possíveis de serem investigadas através dos estudos da sociologia política do esporte que aportam reflexões sobre as “raízes” do esporte moderno.

Considerando a literatura utilizada no presente estudo, evidenciaram-se no decorrer do século XX, progressivas mudanças estruturais através da mercantilização da cultura (principalmente com o advento da sociedade de massa e o desenvolvimento da sociedade do consumo), além de modificações na estrutura social e econômica, principalmente após a 2ª Guerra Mundial, com a inserção dos meios de comunicação (sobretudo a televisão), que transformaram o mundo esportivo em um campo de investimentos e de competição político-econômica.

As referências e apontamentos teóricos sobre a trajetória institucional do basquetebol masculino brasileiro, balizada pelo modelo da lógica mercantil capitalista (BROHM, 1976), ampliou o foco da pesquisa, permitiu alcançar um dos objetivos específicos do estudo. A apresentação sobre essa trajetória da modalidade possui importância significativa, pois demonstrou a forma como o basquetebol se organizou diante das profundas transformações ocorridas na sociedade, e acredita-se que outros estudos possam valer-se dessa abordagem contextual e progredir nessa área de conhecimento, relevante para interpretar a complexidade do esporte contemporâneo.

A análise da estrutura organizacional das categorias de base do basquetebol masculino Paulista permite discutir sobre a apropriação das características do esporte-profissional presente nesse cenário. Nota-se a presença de características do esporte-profissional nas categorias de base como o pagamento de salários, muitas vezes em forma de “ajuda de custo”, moradia (os atletas “saem” de casa precocemente), alimentação, bolsas de estudos, entre outros. Entretanto, além dessas características de conhecimento público, observa-se na estrutura e organização dos

campeonatos uma semelhança significativa, uma “reprodução” da organização da categoria principal, em que o processo de profissionalização já está inserido.

A discussão sobre a apropriação das características do esporte profissional nas categorias de base presente nesse estudo não é definitiva e torna-se necessário ampliar esse debate estabelecido a partir das diversas áreas do conhecimento (Pedagogia do Esporte, Treinamento Esportivo, Psicologia do Esporte, dentre alguns exemplos) e, com certeza existem divergências de pensamentos entre os agentes envolvidos: os responsáveis pela organização da modalidade, os profissionais que de alguma forma militam nessa área e, os acadêmicos que estudam, pesquisam e contribuem para o desenvolvimento da ciência do esporte e conseqüentemente do basquetebol, além dos pais, atletas, entre outros. Não obstante, a busca por compreender essa estrutura institucional do basquetebol, envolvendo as transformações ocorridas no esporte moderno, demonstra a importância do tema.

Portanto, considerando o perfil desse estudo e as informações aqui discutidas podem ser estabelecidos alguns apontamentos teóricos finais:

- ***Características do Esporte-profissional nas categorias de base do basquetebol masculino paulista*** - a respeito do processo de profissionalização do esporte no Brasil podem ser estabelecidas diversas críticas, entretanto, através desse estudo e dos indicadores da pesquisa, é possível afirmar a manifestação dessas características nas categorias de base do basquetebol masculino paulista. É imprescindível que os profissionais, colaboradores e entidades envolvidas com o esporte possuam o conhecimento sobre essa lógica estrutural e organizacional, observada a partir das transformações do esporte moderno, buscando estabelecer discussões e formas de intervenção para a evolução da modalidade, sobretudo, relacionada ao esporte de base, que evidência inúmeras possibilidades e responsabilidades.

-
- **Comparação de resultados esportivos nos Campeonatos Estaduais** - foram observadas características da profissionalização na estrutura das categorias de base a partir das análises efetuadas dos indicadores de campo referentes aos campeonatos Estaduais da categoria principal. Na medida em que as equipes profissionalizaram sua estrutura, principalmente relacionado ao aspecto econômico (BROHM, 1976), e essa profissionalização abarcou também as categorias de base, são evidenciados “deslocamentos de resultados” (Tabela 3). Com a inserção de recursos financeiros nas equipes do Interior, que possuíam seu financiamento através do patrocínio quase integral da iniciativa privada (PINHEIRO, 1995), essas passaram a conquistar número expressivo de títulos nos campeonatos Estaduais, influenciando assim, a dinâmica da estrutura institucional na gestão das equipes e da modalidade.
 - **Hibridismo na gestão esportiva e perda de identidade** – como foi apontada no decorrer desse estudo na gestão das equipes de basquetebol é realizada a partir de um hibridismo entre clubes, empresas, com auxílio de prefeituras, ONG's, demonstrado através da indefinição de responsabilidades, e dessa maneira, não se observa a “perenização dos projetos”, ocasionando por parte dos clubes e equipes da modalidade a dependência do interesse de agentes privados para o financiamento da modalidade e de ações predatórias de investidores. Constata-se, sobretudo nas últimas décadas, a dificuldade de adaptação dos clubes tradicionais ao sistema esportivo a partir da lógica mercantil vigente e das inúmeras mudanças na estrutura administrativa do esporte. Observam-se também inúmeros deslocamentos de equipes tradicionais do Interior e a dificuldade do fortalecimento de escolas recentemente organizadas, com projetos provisórios, não permitindo assim, a criação de uma identidade, de uma raiz (tradição) da modalidade com a cidade, com o clube e com os cidadãos apreciadores da modalidade. Esse fato influencia na prática esportiva (popularização) do basquetebol nas categorias de base e também na carência de formação de equipes em regiões importantes do Estado de SP, demonstrando um desrespeito ao regionalismo e a cultura esportiva tradicional.

- ***Declínio de participação de instituições*** - baseado na discussão em torno das características do esporte-profissional inserido nas categorias de base, duas considerações relevantes sobre a participação das instituições devem ser mencionadas. Por um lado, os clubes tradicionais necessitam adaptar-se a essa lógica mercantil, ou então, a tendência é que esses, em curto e médio prazo, desapareçam dos campeonatos Estaduais, como se observa a cada edição (Tabela 2). O aumento das exigências e de recursos financeiros para a manutenção dessa estrutura pode ser considerado um dos fatores para a extinção de equipes tradicionais do basquetebol masculino brasileiro, tais como os clubes, Sítio, Monte Líbano, Corinthians, dentre outros. Atualmente, nota-se também a saída desses clubes tradicionais nas categorias de base. Tomando-se como exemplos as categorias juvenil e cadete, evidencia-se a diminuição do número de clubes tradicionais em relação às equipes do Interior participantes dos campeonatos Estaduais no ano de 2007 (Quadro 3). Há uma diferenciação na atualidade entre os objetivos da instituição clubística, que originou, fundamentou e desenvolveu o basquetebol masculino no Brasil, qual seja atender o quadro de associados, e a profissionalização do esporte, que atinge a estrutura organizacional das categorias de base. Essa contradição de objetivos - hipoteticamente - desestimula essas instituições a prosseguir os trabalhos com as equipes de competições. Por outro lado, existe também a necessidade de incentivos fiscais e de recursos financeiros perenes, direcionamento de verbas de forma adequada por parte do Estado (Governo Federal, Estadual e Prefeituras Municipais) às equipes esportivas em busca de organizar e investir no esporte de base (pois o sistema escolar é inexistente quando relacionado a essa temática) tendo em vista, o aumento da responsabilidade desses agentes institucionais e as inúmeras contribuições e possibilidades obtidas através do esporte.
- ***Resultados Internacionais e a estrutura interna*** - Foram destacados nesse estudo os resultados internacionais da seleção masculina de basquetebol nos Campeonatos Mundiais e nos Jogos Olímpicos e observa-se que a seleção masculina de basquetebol, nas últimas décadas não vem obtendo bons resultados nesses torneios. Não obstante, a seleção masculina na categoria juvenil conquistou a 4ª colocação no último Campeonato Mundial realizado na Sérvia em julho de 2007. Os resultados internacionais é um dos aspectos

inseridos na análise sobre a espetacularização do esporte (DI GIOVANNI et all, 1995), e sem dúvida influencia na formatação das diferentes manifestações em torno da evolução e até da sobrevivência de certas modalidades. Entretanto, a análise “pura” desses dados sem a interconexão com os aspectos que norteiam a modalidade pode não se configurar em indicadores que permitam a construção de uma relação direta com a estrutura e organização esportiva interna (nacional) da modalidade. Dessa forma, para contextualizar a organização do basquetebol masculino brasileiro estabeleceu-se uma discussão sobre o seu desenvolvimento e suas dificuldades, e os resultados internacionais, apenas confirmaram essa tendência evidenciada através do debate.

- ***Integração das entidades e planejamento integrado*** - A modalidade necessita modificar sua estrutura administrativa e organizacional, tendo vista, as transformações do esporte moderno apresentadas nesse estudo. Todavia, para conseguir contemplar essas mudanças, em busca da espetacularização e da valorização da modalidade, é imprescindível a unificação e o entendimento das entidades responsáveis pela organização do basquetebol brasileiro, através do estabelecimento de metas, do planejamento integrado e do profissionalismo na estrutura dirigente.
- ***Possibilidades de atuação e abertura de campos profissionais*** – A confederação necessita estreitar seus vínculos com a Federação, que por sua vez, precisa atrelar seus projetos as Associações e Ligas Regionais e continuar organizando os campeonatos ligados a essa instituição. Entretanto, há necessidade de aumentar o acesso dos praticantes através da organização de campeonatos paralelos ou festivais pedagógicos inserindo outras instituições que não possuem a estrutura necessária para a disputa de torneios com essas características do esporte-profissional, como prefeituras, associações de bairros, escolas, entre outros. Outra esfera de atuação das Ligas e Associações Regionais em busca do desenvolvimento da modalidade são as faculdades e universidades que se constituem uma excelente forma de criação de novos mercados profissionais, do aumento da participação de praticantes da modalidade, e principalmente, da aproximação entre o esporte e o conhecimento científico.

- ***Formação permanente de profissionais do esporte e o papel das categorias de base*** – torna-se necessário para o desenvolvimento do basquetebol nas categorias de base a formação permanente ou continuada através da capacitação teórico/prática de profissionais para atuar nesse cenário específico, como técnicos, dirigentes, administradores do esporte que compreendam essa lógica e reflitam sobre essas questões, e as entidades responsáveis pela modalidade promovam debates, clínicas, congressos, cursos de reciclagem em busca de melhorias para a modalidade. Em diversos casos observam-se atletas da categoria principal ou ex-atletas, assumindo essas categorias de base sem uma formação correspondente que contemple as reais necessidades envolvidas no campo esportivo. Dessa forma, evidenciam-se equívocos por parte desses profissionais a partir da reprodução, nas categorias iniciais, do treinamento esportivo aplicado a atletas adultos, pois esses possuem apenas o referencial empírico. Por outro lado, evidenciam-se profissionais formados nos cursos de Educação Física com enormes dificuldades para se inserir no campo esportivo, pois não possuem as experiências advindas desse meio, ou mesmo os conhecimentos sobre a ciência do treinamento esportivo e as especificidades da modalidade. Portanto, há a necessidade da integração e aproximação entre o empirismo e o conhecimento científico em busca de diminuir ou preencher essa lacuna existente no campo profissional do basquetebol masculino brasileiro em todas as categorias.

As discussões não podem ser puramente empíricas e a pesquisa científica necessita estar presente de forma sistematizada em busca de ampliar e aprofundar os conhecimentos relativos à área da ciência do esporte e dos conteúdos específicos das modalidades, sobretudo nas categorias de base, pois possuem importância significativa para a descoberta de talentos. Entretanto, essa não se configura como única possibilidade desses praticantes no esporte de base, que dentre outros objetivos possui compromissos afetivos, sociais, cognitivos, motores e de formação geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, M. A. F. P.; ROSA, M. V. F. P. C. **Apontamentos de metodologia para a ciência e técnicas de redação científica**. 2 ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Ed., 2001.

AMADORISMO em três versões. **Veja**, São Paulo, p.52-54, 30 mar. 1983.

APÓS bagunça no Nacional, Ribeirão Preto fecha time. **Folha de São Paulo**, 01 jun. 2006. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0107200659.htm>. Acesso em: 30 mar. 2007.

BASQUETE, um retrato da realidade. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 11 ago. 1992.

BENELI, L. M. **Organização do Basquetebol Masculino Brasileiro**: Reflexões sobre a trajetória institucional da modalidade a partir dos anos 70. Campinas, 2002, 81f. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei N° 8.672/93**. Diário Oficial da União, Brasília, 6 jul. 1993.

BROHM, J. M. **Sociologia Política del Deporte**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Economica, 1976.

CBB anuncia patrocínio para a seleção. **Folha de São Paulo**, 30 nov. 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3011200407.htm>. Acesso em 02 abr, 2007.

CBB perde patrocínio da Caixa Econômica Federal para o atletismo. **Folha de São Paulo**, 25 abr. 2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u17806.shtml> Acesso em: 10 jan. 2007.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodología Científica**. 5ª ed. Sao Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Basquete consegue patrocínio estatal. **Folha de São Paulo**, 10 ago. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u62219.shtml>. Acesso em: 2 abr. 2007.

CONFUSÃO marca Nacional de basquete na abertura dos playoffs. **Folha de São Paulo**, 20 abr. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u100509.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2007.

CONTURSI, E. B. **Marketing Esportivo**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

COURTINE, J. J. Os stakhanovistas do narcisismo. In: SANT'ANNA, D. (org.) **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DAIUTO, M. **Basquetebol: origem e evolução**. São Paulo: Iglu, 1991.

DI GIOVANNI, G., GEBARA, A., PRONI, M. W. **Dimensões Econômicas do Esporte no Brasil**. Pesquisa financiada pelo Ministério da Educação e do Desporto. Campinas, 1995. Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Economia.

DINIZ, A. **O Basquetebol Paulista: análise crítico-pedagógica sobre sua iniciação**. Campinas, 2000, 153f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

EM FRANCA recuperação. In: **Placar**, p. 28, 20 abr. 1990.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Posigraf, 2004.

FONSECA, D. Uma nova força nas quadras. In: **Placar**, Rio de Janeiro, p.56-58, 28 set. 1984.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GREGO volta atrás e diz que aceitará atletas da Nossa Liga na seleção. **Folha de São Paulo** 30 jan. 2006. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u97926.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2007.

HIRATA, E. ;PILATTI, L. A. Análise do potencial mercantil do basquete brasileiro. **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Revista Digital, Buenos Aires, año 10, nº79, dez. 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd79/basquete.htm>. Acesso em: 02 abr. 2007.

HOBBSAWM, E. J. **A Era do Capital 1848 -1875**. 3ª ed. Trad. Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz a Terra, 1982.

_____. **A Era dos Impérios 1875-1914**. 3ª ed. Trad. Sieni M. Campos e Yolanda S. de Toledo. Rio de Janeiro: Paz a Terra, 1988.

_____. **A Era dos Extremos**, o breve século XX: 1914 – 1991. 2 ed. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, E. & RANGER, T. (orgs) **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JAPIASSU, M. Chega de amadorismo. In: **Placar**, p. 23-26, 08 jun. 1984.

KASZNAR, I. K. **O Esporte como Indústria: Solução para Criação de Riqueza e Emprego**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

LAKATOS, E. M. **Sociologia Geral**. 4ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1982.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LEVER, J. **A Loucura do Futebol**. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LOUREIRO, K. C. **As perspectivas do marketing esportivo dentro do plano geral de marketing a partir de alguns “case”**. Campinas, 1998, 163f. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas.

MAIOR campeão, SP terá só 3 times no Nacional masculino. **Folha de São Paulo**, 18 out. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1810200615.htm>. Acesso em 30 mar. 2007

MARATHON rompe patrocínio com o banquete de Franca. **Folha de São Paulo**, 27 jun. 2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u21133.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2007.

MARCHI JR., W. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000)**. Campinas, 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

- MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**. Edição compacta - 3 ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MOLINA NETO, Vicente. Marketing Esportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Maringá, n.3, maio 1992.
- MONTE Líbano, a zebra vice-campeã. In: **Placar**, Rio de Janeiro, p. 68, 05 jul. 1985.
- MORIN, E. **Cultura de Massas no século XX**: o espírito do tempo. 8 ed. Trad. Maura R. Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- NA JUSTIÇA, CBB tira clubes da liga do Nacional de Basquete. **Folha de São Paulo**, 22 dez. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u96699.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2007
- NACIONAL dá início à despedida de Oscar. **Folha de São Paulo**, 26 jan. 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u33425.shtml>. Acesso em: 03 abr. 2007.
- NACIONAL masculino de basquete dá partida sem TV e tabela. **Folha de São Paulo**, 12 nov. 2006. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u109754.shtml>>. Acesso em: 03 abr. 2007.
- NUZMAN, C. A. Carlos Nuzman, o pai da matéria. **Saque**, São Paulo, n. 1, 1985.
- NUZMAN, Carlos Arthur. O marketing esportivo e a aliança com a televisão. **Vôlei Técnico**, Rio de Janeiro, CBV, ano 2, n. 6, 1995.
- O BASQUETE sem apoio. **Placar**, Rio de Janeiro, p. 40, 10 mar. 1978.
- OLIVEIRA, J. B. Futebol e basquete, dividindo opiniões. **Revista Atual**, Franca-SP, n.4, nov. 2003.
- PAIOLI, C. C. **Brasil Olímpico**. Imprensa Oficial do Estado S. A. IMESP, São Paulo, 1985.
- PARA impedir avanço da liga rival, CBB oferece vantagens a clubes. **Folha de São Paulo**, 02 jun. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u96335.shtml>>. Acesso em: 31 mar. 2007.
- PAULISTAS exigem mudanças para o Nacional de basquete de 2002. **Folha de São Paulo**, 02 jun. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u19918.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2007.

PILATTI, L. A. A interpretação do esporte na obra de Eric Hobsbawm: um olhar sobre a sociedade burguesa. In: **Conexões: educação, esporte e lazer**. Campinas, v. I, n. 2, p. 7-24, jun. 1999.

PINHEIRO, A. B. L. F. **O marketing no voleibol brasileiro no período de 1980 a 1994**. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Escola de Educação Física e Desporto.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, 1998a. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

_____. **Marketing e Organização Esportiva**: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. In: **Conexões: educação, esporte e lazer**. Campinas, v. I, n. 1, p. 74-84, jul./dez. 1998b.

_____. **A metamorfose do futebol**. Campinas, SP: UNICAMP.IE, 2000.

_____. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (orgs). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: autores Associados, 2002.

RAMOS, P. C. R. Case: apoio da CEF ao esporte. **Anais do Seminário INDESP de marketing esportivo**. Ouro Preto, p. 132-147, 1995.

RIFKING, G. A melhor jogada da NBA. **Strategy & Business/Booz-Allen**. HSM Management, 13 mar. 1999

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil 1930/1973**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

ROSEGUINI, G. De volta ao berço, COI quer Olimpíada 100% profissional. **Folha de São Paulo**, 10 mar 2003. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u19918.shtml>. Acesso em: 30 mar. 2007.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SILVA, L. Perdeu o encanto. **Ponto de Vista**, 11 dez. 2006. Disponível em: http://www.databasket.com.br/ler_materia.asp?codigo_materia=8973>. Acesso em 30 mar. 2007.

-
- SIMPSON, V.; JENNINGS, A. **Os Senhores dos Anéis: poder, dinheiro, e drogas nas Olimpíadas Modernas**. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Best Seller, 1992
- SOUZA, A. M. **Esporte Espetáculo: a mercadorização do movimento corporal**. Florianópolis, 1991. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- SPIEGEL, M. R. **Estatística**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1976
- STEIGERWALD, T. L. Pais: amigos ou vilões? **Revista do Basquete**, São Paulo, ano 9, n. 75, p. 18, 2000.
- STONE, G. P. Relaciones semánticas del deporte em la sociedad de massa (a través del ejemplo del deporte americano). In: LUSCHEN , G. & WEIS, K. (org.) **Sociologia del Deporte**. Valladolid: Miñón, 1979.
- VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- TREVISANI, G. T. **Basquetebol x Patrocinador: discutindo uma relação**. Campinas, 1997, 65f. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- TUBINO, M. J. G. In: **Esporte & Jornalismo**. São Paulo, SP: CEPEUSP, 1997.
- _____. **Repensando o Esporte Brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1988.
- UM QUINTETO para ser campeão do mundo. **Placar**, Rio de Janeiro, p. 37, 02 set. 1988.
- VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- VIDAL, Ary. **Basquetebol para vencedores**. Porto Alegre: Rigel, 1991.
- WRIGHT MILLS, C. **A Nova Classe Média**. 3. ed. Trad. Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ANEXOS

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

RETROSPECTIVA DOS CAMPEONATOS OFICIAIS

CATEGORIAS MASCULINAS DA GRANDE SÃO PAULO

- PRÉ-MINI

I	1977	Clube Santo Américo	Club Atlético Paulistano
II	1978	Clube Santo Américo	Continental Parque Clube
III	1979	Clube Espéria	Sociedade Esportiva Palmeiras
IV	1980	Clube Espéria	Esporte Clube Sírio
V	1981	Esporte Clube Pinheiros	Esporte Clube Sírio
VI	1982	Esporte Clube Pinheiros	Esporte Clube Sírio
VII	1983	Sport Club Corinthians Pta.	Continental Parque Clube
VIII	1984	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube São Bernardo
IX	1998	Clube Espéria	Volkswagen Clube
X	1999	Clube Atlético Ypiranga	Clube Espéria
XI	2000	Clube Atlético Ypiranga	Esporte Clube Sírio
XII	2001	Esporte Clube Sírio	Clube Atlético Monte Libano
XIII	2002	Clube Regatas Saldanha Gama	Colégio São Marcos
XIV	2003	Inter / Liceu São Paulo / Semes	Circulo Militar de São Paulo
XV	2004	Circulo Militar de São Paulo	Clube Espéria
XVI	2005	Inter / Liceu São Paulo	Circulo Militar de São Paulo

- PRÉ-MIRIM

I	1962	Esporte Clube Pinheiros	Sport Club Corinthians Pta.
II	1963	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
III	1964	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
IV	1965	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
V	1966	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Pinheiros
VI	1967	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Pinheiros
VII	1968	Esporte Clube Pinheiros	Clube Atlético Juventus
VIII	1969	Club Atlético Paulistano	Clube Espéria
IX	1970	Continental Parque Clube	Sociedade Esportiva Palmeiras
X	1979	Clube de Regatas Tietê	Club Atlético Paulistano
XI	1980	Clube Santo Américo	Continental Parque Clube
XII	1981	Sociedade Esportiva Palmeiras	Continental Parque Clube
XIII	1982	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
XIV	1983	Clube Campineiro de Regatas Natação	Esporte Clube Pinheiros
XV	1984	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
XVI	1985	Não Realizado	
XVII	1986	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sírio
XVIII	1987	São Paulo Futebol Clube	Continental Parque Clube
XIX	1988	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
XX	1989	Continental Parque Clube	-----//-----
XXI	1990	Clube Espéria	Sport Club Corinthians Pta.
XXII	1991	Clube Espéria	Esporte Clube Santo André
XXIII	1992	C.A. Paulistano / Encol	Esporte Clube Sírio

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

- MINI

I	1969	Assoc. Bras. "A Hebraica" de S.P.	Esporte Clube Pinheiros
II	1970	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
III	1971	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
IV	1972	Clube Espéria	Sport Club Corinthians Pta.
V	1973	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
VI	1974	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Atletico Juventus
VII	1975	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
VIII	1976	Clube Atletico Juventus	Clube Espéria
IX	1977	Continental Parque Clube	Sociedade Esportiva Palmeiras
X	1978	Clube Santo Américo	Club Atlético Paulistano
XI	1979	Clube Atletico Monte Libano	Clube Santo Américo
XII	1980	Continental Parque Clube	Clube Espéria
XIII	1981	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
XIV	1982	Esporte Clube Pinheiros	Esporte Clube Sírio
XV	1983	Esporte Clube Sírio	Sport Club Corinthians Pta.
XVI	1984	Clube Espéria	Continental Parque Clube
XVII	1985	Continental Parque Clube	Sport Club Corinthians Pta.
XVIII	1986	Continental Parque Clube	São Paulo Futebol Clube
XIX	1987	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
XX	1988	Esporte Clube Sírio	São Paulo Futebol Clube
XXI	1989	Clube Espéria	Continental Parque Clube
XXII	1990	Esporte Clube Santo André	Sport Club Corinthians Pta.
XXIII	1991	Santista Textil Sírio	C.A. Paulistano / Encol
XXIV	1992	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XXV	1993	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Santo André
XXVI	1994	Círculo Militar São Paulo	Clube Espéria
XXVII	1995	Esporte Clube Sírio	Clube Internacional de Regatas
XXVIII	1996	Esporte Clube Sírio	Clube Atlético Monte Libano
XXIX	1997	Clube Espéria	C.R. Tietê / Byte On
XXX	1998	Volkswagen Clube	Coop / Cooperhodia C.Bochofilo
XXXI	1999	Clube Espéria	Volkswagen Clube
XXXII	2000	Volkswagen Clube	Clube Espéria
XXXIII	2001	Club Atlético Paulistano	Clube Atlético Ypiranga
XXXIV	2002	Clube Atlético Monte Libano	Esporte Clube Pinheiros
XXXV	2003	Clube Espéria	Clube Regatas Saldanha da Gama
XXXVI	2004	Inter / Liceu São Paulo / SEMES	Círculo Militar de São Paulo
XXXVII	2005	Inter / Liceu São Paulo	Esporte Clube Pinheiros

- MIRIM

I	1959	Clube Atletico Ypiranga	Assoc. Atlético São Paulo
II	1960	Assoc. Atlético São Paulo	Clube Atletico Ypiranga
III	1961	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
IV	1962	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
V	1963	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
VI	1964	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
VII	1965	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
VIII	1966	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
IX	1967	Esporte Clube Sírio	Esporte Clube Pinheiros
X	1968	Esporte Clube Pinheiros	Sport Club Corinthians Pta.
XI	1969	Esporte Clube Pinheiros	Clube Atletico Juventus

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

XII	1970	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Pinheiros
XIII	1971	São Paulo Futebol Clube	Assoc. Bras."A Hebraica" S.P.
XIV	1972	Clube Espéria	Sociedade Esportiva Palmeiras
XV	1973	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
XVI	1974	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XVII	1975	Assoc. Bras."A Hebraica" de S.P.	Clube Atletico Juventus
XVIII	1976	Clube Atletico Juventus	Clube Atletico Pirelli
XIX	1977	Clube Atletico Juventus	Sociedade Esportiva Palmeiras
XX	1978	Club Atlético Paulistano	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXI	1979	Sociedade Esportiva Palmeiras	Continental Parque Clube
XXII	1980	Clube de Regatas Tietê	Club Atlético Paulistano
XXIII	1981	Clube Santo Américo	Continental Parque Clube
XXIV	1982	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube de Regatas Tietê
XXV	1983	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Pinheiros
XXVI	1984	Clube de Regatas Tietê	Esporte Clube Pinheiros
XXVII	1985	Clube Espéria	Esporte Clube São Bernardo
XXVIII	1986	Clube Espéria	Esporte Clube São Bernardo
XXIX	1987	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sirio
XXX	1988	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Atletico Pirelli
XXXI	1989	Sociedade Esportiva Palmeiras	São Paulo Futebol Clube
XXXII	1990	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sirio
XXXIII	1991	Clube Espéria	Santista Textil Sirio
XXXIV	1992	Palmeiras / Parmalat	Esporte Clube Pinheiros
XXXV	1993	C.A. Paulistano / Encol	São Paulo Futebol Clube
XXXVI	1994	Sport Club Corinthians Pta.	E.C. Pinheiros / Asia Motors
XXXVII	1995	C.R.Tietê / Bingo Grand Lapa	Esporte Clube Sirio
XXXVIII	1996	Clube Internacional de Regatas	Esporte Clube Sirio
XXXIX	1997	C.R. Tietê / Byte On	Clube Atlético Monte Libano
XL	1998	Esporte Clube Pinheiros	Coop / Cooperhodia C.Bochofilo
XLI	1999	Volkswagen Clube	Coop / C.Bochófilo Santo André
XLII	2000	Clube Atlético Monte Libano	Assoc. Educacional São Marcos
XLIII	2001	Volkswagen Clube	Esporte Clube Pinheiros
XLIV	2002	Clube Atlético Ypiranga	Esporte Clube Pinheiros
XLV	2003	Esporte Clube Pinheiros	Circulo Militar de São Paulo
XLVI	2004	Clube Espéria	Sport Club Corinthians Pta.
XLVII	2005	Circulo Militar de São Paulo	Club Atlético Paulistano

- INFANTIL

I	1940	Clube de Regatas Tietê	Liceu Acad.São Paulo
II	1941	Liceu Acad.São Paulo	Esporte Clube Pinheiros
III	1942	Liceu Acad.São Paulo	Clube de Regatas Tietê
IV	1943	Liceu Acad.São Paulo	Clube de Regatas Tietê
V	1944	Colégio Bandeirantes	Liceu Acad.São Paulo
VI	1945	Não realizado	
VII	1946	Tênis Clube Paulista	Clube de Regatas Tietê
VIII	1947	Tênis Clube Paulista	Clube Atletico Juventus
IX	1948	Tênis Clube Paulista	Clube Espéria
X	1949	Tênis Clube Paulista	Clube Espéria
XI	1950	Clube Espéria	Tênis Clube Paulista
XII	1951	Tênis Clube Paulista	Esporte Clube Pinheiros
XIII	1952	Esporte Clube Pinheiros	Tênis Clube Paulista
XIV	1953	Tênis Clube Paulista	Esporte Clube Pinheiros
XV	1954	Tênis Clube Paulista	Assoc. Atlético São Paulo
XVI	1955	Centro Esportivo da Penha	Tênis Clube Paulista

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

XVII	1956	Sociedade Esportiva Palmeiras	Tênis Clube Paulista
XVIII	1957	Clube de Regatas Tietê	Clube Espéria
XIX	1958	Clube Atlético Monte Libano	Clube Espéria
XX	1959	Sport Club Corinthians Pta.	Centro Esportivo da Penha
XXI	1960	Clube Espéria	Centro Esportivo da Penha
XXII	1961	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
XXIII	1962	Sociedade Esportiva Palmeiras	Assoc. Atlética São Paulo
XXIV	1963	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
XXV	1964	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Pinheiros
XXVI	1965	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXVII	1966	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Sírio
XXVIII	1967	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
XXIX	1968	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
XXX	1969	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXI	1970	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XXXII	1971	Clube Atletico Juventus	Clube Espéria
XXXIII	1972	Sociedade Esportiva Palmeiras	São Paulo Futebol Clube
XXXIV	1973	São Paulo Futebol Clube	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXV	1974	Sociedade Esportiva Palmeiras	Assoc. Bras. "A Hebraica" S.P.
XXXVI	1975	Assoc. Bras. "A Hebraica" de S.P.	Esporte Clube Pinheiros
XXXVII	1976	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
XXXVIII	1977	Clube Atletico Juventus	Continental Parque Clube
XXXIX	1978	Assoc.Desp.Class. Pirelli	Clube Atletico Juventus
XL	1979	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube São Bernardo
XLI	1980	Sociedade Esportiva Palmeiras	Club Atlético Paulistano
XLII	1981	Continental Parque Clube	São Paulo Futebol Clube
XLIII	1982	Continental Parque Clube	Clube Espéria
XLIV	1983	Clube de Regatas Tietê	Sociedade Esportiva Palmeiras
XLV	1984	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
XLVI	1985	Esporte Clube Sírio	Sport Club Corinthians Pta.
XLVII	1986	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Pinheiros
XLVIII	1987	Esporte Clube Sírio	Sport Club Corinthians Pta.
XLIX	1988	Assoc. Atlética São Paulo	Sport Club Corinthians Pta.
L	1989	Clube Atletico Pirelli	Esporte Clube Pinheiros
LI	1990	Sport Club Corinthians Pta.	Continental Parque Clube
LII	1991	Continental Parque Clube	Santista Textil Sírio
LIII	1992	Clube Espéria	Esporte Clube Pinheiros
LIV	1993	Clube Espéria	Palmeiras / Parmalat
LV	1994	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Círculo Militar de São Paulo
LVI	1995	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Esporte Clube Sírio
LVII	1996	Clube de Regatas Tietê	E.C. Pinheiros / Asia Motors
LVIII	1997	Círculo Militar de São Paulo	Blue Life / Pinheiros
LIX	1998	Esporte Clube Sírio	Clube de Regatas Tietê
LX	1999	Esporte Clube Pinheiros	Continental Parque Clube
LXI	2000	Volkswagen Clube	Esporte Clube Pinheiros
LXII	2001	Apaba / Corinthians	Clube Atlético Monte Libano
LXIII	2002	Esporte Clube Pinheiros	Clube Espéria
LXIV	2003	Esporte Clube Pinheiros	Clube Atlético Ypiranga
LXV	2004	Esporte Clube Pinheiros	Círculo Militar de São Paulo
LXVI	2005	Círculo Militar de São Paulo	Esporte Clube Pinheiros

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

- INFANTO-JUVENIL

I	1980	Continental Parque Clube	Sociedade Esportiva Palmeiras
II	1981	C.A.Paulistano "A"	Continental Parque Clube
III	1982	Continental P.C. "A"	Sociedade Esportiva Palmeiras
IV	1983	Assoc.Desp.Class.Pirelli	Esporte Clube Sírio
V	1984	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sírio
VI	1985	Sociedade Esportiva Palmeiras	Continental Parque Clube
VII	1986	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube São Bernardo
VIII	1987	Sport Club Corinthians Pta.	Continental Parque Clube
IX	1988	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sírio
X	1989	Esporte Clube Sírio	Clube Atlético Monte Libano
XI	1990	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
XII	1991	Clube Atletico Pirelli	Sport Club Corinthians Pta.
XIII	1992	Continental Parque Clube	Assoc. Atlético Guarú
XIV	1993	Esporte Clube Pinheiros	Palmeiras / Parmalat
XV	1994	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Palmeiras / Parmalat
XVI	1995	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Círculo Militar São Paulo
XVII	1996	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Clube Atlético Monte Libano
XVIII	1997	Clube de Regatas Tietê	E.C. Banespa / São Sabas
XIX	1998	Círculo Militar São Paulo	Esporte Clube Pinheiros
XX	1999	Assoc. Bras. "A Hebraica" S.Paulo	Paulistano / Daelim Motorcycle
XXI	2000	Continental Parque Clube	Clube Atlético Monte Libano

- CADETE

I	1993	Continental Parque Clube	Clube Espéria
II	1994	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Alpargatas Santista Sírio
III	1995	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Clube Espéria
IV	1996	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Continental Parque Clube
V	1997	Blue Life / Pinheiros	Clube Atlético Ypiranga
VI	1998	Assoc. Bras. "A Hebraica" S.Paulo	Paulistano / Daelim Motorcycle
VII	1999	Clube Atlético Monte Libano	Assoc. Bras. "A Hebraica" S.Paulo

- JUVENIL

I	1939	Clube Espéria	Assoc.Portuguesa Desportos
II	1940	Clube Espéria	-----//-----
III	1941	Clube de Regatas Tietê	Assoc. Atlético São Paulo
IV	1942	Clube de Regatas Tietê	Assoc. Atlético São Paulo
V	1943	Esporte Clube Pinheiros	Liceu Acad. São Paulo
VI	1944	Esporte Clube Pinheiros	Clube Espéria
VII	1945	Não Realizado	
VIII	1946	Tênis Clube Paulista	Esporte Clube Pinheiros
IX	1947	Tênis Clube Paulista	Clube Espéria
X	1948	Tênis Clube Paulista	Assoc. Atlético São Paulo
XI	1949	Clube Espéria	Clube de Regatas Tietê
XII	1950	Tênis Clube Paulista	Clube de Regatas Tietê
XIII	1951	Centro Esportivo da Penha	Tênis Clube Paulista
XIV	1952	Clube Espéria	Tênis Clube Paulista
XV	1953	Tênis Clube Paulista	Clube Espéria

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

XXVI	1954	Clube de Regatas Tietê	Liceu Acad. São Paulo
XXVII	1955	Assoc. Atlético São Paulo	Tênis Clube Paulista
XXVIII	1956	Assoc. Atlético São Paulo	Tênis Clube Paulista
XIX	1957	Tênis Clube Paulista	Sociedade Esportiva Palmeiras
XX	1958	Clube de Regatas Tietê	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXI	1959	Clube Espéria	Clube de Regatas Tietê
XXII	1960	Esporte Clube Sírio	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXIII	1961	Clube Espéria	Centro Esportivo da Penha
XXIV	1962	Clube Espéria	Clube Atlético Ypiranga
XXV	1963	Clube Espéria	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXVI	1964	Club Atlético Paulistano	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXVII	1965	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXVIII	1966	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
XXIX	1967	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
XXX	1968	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XXXI	1969	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XXXII	1970	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXIII	1971	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXIV	1972	Clube Atlético Juventus	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXV	1973	Sociedade Esportiva Palmeiras	São Paulo Futebol Clube
XXXVI	1974	Sport Club Corinthians Pta.	Assoc. Bras."A Hebraica" S.P.
XXXVII	1975	Sociedade Esportiva Palmeiras	Assoc. Bras."A Hebraica" S.P.
XXXVIII	1976	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Atlético Juventus
XXXIX	1977	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Pinheiros
XL	1978	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
XL I	1979	Assoc.Desp.Class. Pirelli	Sociedade Esportiva Palmeiras
XLII	1980	Clube Atlético Monte Libano	Sociedade Esportiva Palmeiras
XLIII	1981	Esporte Clube Sírio	Continental Parque Clube
XLIV	1982	Esporte Clube Sírio	Clube Atlético Monte Libano
XLV	1983	Esporte Clube Sírio	Sociedade Esportiva Palmeiras
XLVI	1984	Clube Atlético Monte Libano	Continental Parque Clube
XLVII	1985	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sírio
XLVIII	1986	Sport Club Corinthians Pta.	Continental Parque Clube
XLIX	1987	Sport Club Corinthians Pta.	Continental Parque Clube
L	1988	Esporte Clube Sírio	Clube Atlético Monte Libano
LI	1989	Clube Atlético Monte Libano	Clube Atlético Pirelli
LII	1990	Continental Parque Clube	Clube Atlético Monte Libano
LIII	1991	Santista Textil Sírio	Continental Parque Clube
LIV	1992	Esporte Clube Sírio	Assoc. Atlético Guarú
LV	1993	Continental Parque Clube	Assoc. Atlético Guarú
LVI	1994	Sport Club Corinthians Pta.	Continental Parque Clube
LVII	1995	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sírio
LVIII	1996	São Caetano Esporte Clube	E.C. Pinheiros / Asia Motors
LIX	1997	Blue Life / Pinheiros	Sociedade Esportiva Palmeiras
LX	1998	Esporte Clube Pinheiros	Continental Parque Clube
LXI	2000	Assoc. Bras."A Hebraica" S.P.	Clube Atlético Monte Libano

- PRIMEIRA DIVISÃO

I	1978	C.R.E.Tamoyo	Club Atlético Paulistano
II	1979	Continental Parque Clube	Club Atlético Paulistano
III	1980	Associação Atlético Guarú	Assoc.Desp.Class. Pirelli

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

- PRINCIPAL

I	1925	Clube Espéria	-----//-----
II	1926	Clube Espéria	-----//-----
III	1927	Clube Espéria	Sociedade Esportiva Palmeiras
IV	1928	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
V	1929	Sociedade Esportiva Palmeiras	Assoc. Atlético São Paulo
VI	1930	Assoc. Atlético São Paulo	Clube de Regatas Tietê
VII	1931	Sociedade Esportiva Palmeiras	Assoc. Atlético São Paulo
VIII	1932	Sociedade Esportiva Palmeiras	Assoc. Atlético São Paulo
IX	1933	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
X	1934	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
XI	1935	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
XII	1936	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XIII	1937	Clube Espéria	Sociedade Esportiva Palmeiras
XIV	1938	Clube Espéria	Sociedade Esportiva Palmeiras
XV	1939	Clube Espéria	Sociedade Esportiva Palmeiras
XVI	1940	Clube Espéria	Sociedade Esportiva Palmeiras
XVII	1941	Clube Espéria	São Paulo Railway
XVIII	1942	Clube Espéria	Club Atlético Paulistano
XIX	1943	São Paulo Futebol Clube	Sport Club Corinthians Pta.
XX	1944	Club Atlético Paulistano	Sport Club Corinthians Pta.
XXI	1945	Clube Espéria	Sport Club Corinthians Pta.
XXII	1946	Clube Espéria	Sport Club Corinthians Pta.
XXIII	1947	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XXIV	1948	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XXV	1949	Clube Espéria	Sport Club Corinthians Pta.
XXVI	1950	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XXVII	1951	Sport Club Corinthians Pta.	Club Atlético Paulistano
XXVIII	1952	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Pinheiros
XXIX	1953	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Pinheiros
XXX	1954	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Pinheiros
XXXI	1955	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XXXII	1956	Sport Club Corinthians Pta.	Clube de Regatas Tietê
XXXIII	1957	Clube Espéria	Sport Club Corinthians Pta.
XXXIV	1958	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Sírio
XXXV	1959	Esporte Clube Sírio	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXVI	1960	Esporte Clube Sírio	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXVII	1961	Esporte Clube Sírio	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXVIII	1962	Esporte Clube Sírio	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXIX	1963	Esporte Clube Sírio	Sport Club Corinthians Pta.
XL	1964	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
XLI	1965	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
XLII	1966	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
XLIII	1967	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
XLIV	1968	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
XLV	1969	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
XLVI	1970	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
XLVII	1971	Esporte Clube Sírio	Sport Club Corinthians Pta.
XLVIII	1972	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Sírio
XLIX	1973	Esporte Clube Sírio	Sociedade Esportiva Palmeiras
L	1974	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Sírio
LI	1975	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Sírio
LII	1976	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Sírio
LIII	1977	Esporte Clube Sírio	Sociedade Esportiva Palmeiras

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

CATEGORIAS MASCULINAS DO INTERIOR

- PRÉ-MINI

I	1998	Rio Pardo Futebol Clube/ESCESP	Assoc. Casabranquense C.P.
II	1999	Marathon / Franca B.C.	Nosso Clube
III	2000	Aspa / Marathon	CFB / Silicon / Franca
IV	2001	A.C.C.P.E. / Leitor / Casa Branca	Aspa / Franca
V	2002	Clínica Francana Basketball	Rio Claro
VI	2003	Aspa / CTBC – Franca	Clínica Francana Basketball
VII	2004	Aspa / CTBC – Franca	Luso / Tiliform / Bauru
VIII	2005	Aspa / CTBC – Franca	Associação Esportiva Mocoquense

- MINI

I	1969	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Araçatuba Clube
II	1970	Assoc.Luso Brasileira Bauru	São Carlos Clube
III	1971	Assoc.Luso Brasileira Bauru	G.G.Rioclarensense
IV	1972	Clube Campineiro Reg.Nat.	Assoc.Luso Brasileira Bauru
V	1973	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Campineiro Reg.Nat.
VI	1974	Clube Campineiro Reg.Nat.	Assoc.Luso Brasileira Bauru
VII	1975	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Campineiro Reg.Nat.
VIII	1976	Clube Campo de Piracicaba	Clube Campineiro Reg.Nat.
IX	1977	Clube Campineiro Reg.Nat.	S.R.E.de Ribeirão Preto
X	1978	Clube Campo de Piracicaba	Clube Campineiro Reg.Nat.
XI	1979	Clube Campineiro Reg.Nat.	Assoc.Luso Brasileira Bauru
XII	1980	Clube Campineiro Reg.Nat.	Assoc.Luso Brasileira Bauru
XIII	1981	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Trianon Clube
XIV	1982	Clube Campineiro Reg.Nat.	Clube Campo de Piracicaba
XV	1983	Clube Campo de Piracicaba	-----//-----
XV	1983	Clube Campineiro Reg.Nat.	-----//-----
XVI	1984	Clube Campineiro Reg.Nat.	Assoc.Luso Brasileira Bauru
XVII	1985	Clube Campineiro Reg.Nat.	Clube Fonte São Paulo
XVIII	1986	Não Realizado	
XIX	1987	Clube Campineiro Reg.Nat.	Clube Atlético Sorocabano
XX	1988	Clube Internacional Regatas	Clube Campineiro Reg.Nat.
XXI	1989	Clube Internacional Regatas	Esporte Clube Beira Mar
XXII	1990	Clube Internacional Regatas	América Futebol Clube
XXIII	1991	Clube Internacional Regatas	C.C.R.Cristovão Colombo
XXIV	1992	C.C.R.Cristovão Colombo	C.R. Saldanha da Gama
XXV	1993	C.C.R.Cristovão Colombo	G.C.E. Sesi Araraquara
XXVI	1994	Clube Internacional Regatas	Jundiaí Clube / Esportiva
XXVII	1995	Jundiaí Clube / Esportiva	Clube Campineiro Reg.Nat.
XXVIII	1996	C.C.R.Cristovão Colombo	Assoc. Luso Bras. Bauru
XXIX	1997	Clube Campineiro Reg.Nat.	Clube de Campo de Piracicaba
XXX	1998	Clube de Campo de Piracicaba	Marília Basquetebol Clube
XXXI	1999	Sorocaba / Objetivo	Marathon / Franca B.C.
XXXII	2000	Aspa / Marathon	Nosso Clube
XXXIII	2001	C.C.R. Cristovão Colombo	CFB / Silicon / Franca
XXXIV	2002	Aspa / CTBC – Franca	ACCPE / Casa Branca
XXXV	2003	Aspa / CTBC – Franca	Sociedade Esportiva Jundiaense
XXXVI	2004	Aspa / CTBC – Franca	Esportiva Jundiaense
XXXVII	2005	Aspa / CTBC – Franca	Associação Luso Brasileira de Bauru

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

- MIRIM

I	1968	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Tênis Clube São José
II	1969	Assoc.Luso Brasileira Bauru	São Carlos Clube
III	1970	Clube Campineiro Reg.Nat.	Assoc.Luso Brasileira Bauru
IV	1971	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Campineiro Reg.Nat.
V	1972	Sociedade Hípica Campinas	G.G.Rioclarense
VI	1973	G.G. Rioclarense	Sociedade Hípica Campinas
VII	1974	Dracena Tênis Clube	Tênis Clube São José
VIII	1975	Sociedade Hípica Campinas	Assoc.Luso Brasileira Bauru
IX	1976	Tênis Clube São José	Assoc.Luso Brasileira Bauru
X	1977	Tênis Clube São José	Clube Campo de Piracicaba
XI	1978	Clube Campo de Piracicaba	Tênis Clube São José
XII	1979	S.R.E. de Ribeirão Preto	Clube Campo de Piracicaba
XIII	1980	Tênis Clube São José	Clube Campo de Piracicaba
XIV	1981	Clube Campineiro Reg.Nat.	Assoc.Luso Brasileira Bauru
XV	1982	C.R.Saldanha da Gama	Tênis Clube São José
XVI	1983	Trianon Clube e Tênis Clube Campinas	
XVII	1984	Clube Campineiro Reg.Nat.	Clube Campo de Piracicaba
XVIII	1985	Tênis Clube São José	Assoc.Luso Brasileira Bauru
XIX	1986	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Tênis Clube São José
XX	1987	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Campineiro Reg.Nat.
XXI	1988	Trianon Clube	Assoc.Atlética Ituana
XXII	1989	Clube Campineiro Reg.Nat.	Trianon Clube
XXIII	1990	Clube Internacional Regatas	C.R.Saldanha da Gama
XXIV	1991	Assoc. Casabranquense C.P.	Clube Internacional Regatas
XXV	1992	Sociedade Hípica de Campinas	Trianon Clube
XXVI	1993	S.R.E. de Ribeirão Preto	Assoc. Casabranquense C.P.
XXVII	1994	Cesp / Rio Claro	Clube 22 de Agosto
XXVIII	1995	Nosso Clube de Limeira	Tênis Clube de Campinas
XXIX	1996	C.C.R.Cristovão Colombo	Clube Campineiro Reg. Nat.
XXX	1997	Luso / Tilibra	C.C.R.Cristovão Colombo
XXXI	1998	Clube Campineiro Reg. Nat.	Tilibra / Copimax / Bauru
XXXII	1999	Clube de Campo de Piracicaba	Basquete Clube de Marília
XXXIII	2000	C.C.R.Cristovão Colombo	Nosso Clube
XXXIV	2001	Nosso Clube	CFB / Silicon / Franca
XXXV	2002	C.C.R. Cristovão Colombo	Aspa / CTBC – Franca
XXXVI	2003	Aspa / CTBC – Franca	Nosso Clube
XXXVII	2004	Rio Claro / SEME	Nosso Clube
XXXVIII	2005	Associação Esportiva Jundaiense	Aspa / CTBC - Franca

- INFANTIL

I	1981	Clube Campineiro Reg.Nat.	Tênis Clube São José
II	1982	Assoc.Atlética Francana	Clube Campineiro Reg.Nat.
III	1983	Assoc.Atlética Francana	Tênis Clube São José
IV	1984	Assoc.Francana Basquetebol	Trianon Clube
V	1985	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Araraquarense
VI	1986	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Assoc.Francana Basquetebol
VII	1987	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Assoc.Francana Basquetebol
VIII	1988	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Círculo Militar Campinas
IX	1989	Ravelli-Franca de Basquetebol	Círculo Militar Campinas
X	1990	Clube Campineiro Reg.Nat.	C.R.Saldanha da Gama
XI	1991	Assoc. Casabranquense C.P.	C.R. Saldanha da Gama

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

XII	1992	Clube Internacional Regatas	All Star Sabesp Franca
XIII	1993	Sociedade Hípica Campinas	Blube Life / Cesp
XIV	1994	S.R.E. Ribeirão Preto	Assoc. Casabranquense C.P.
XV	1995	C. 22 de Agosto / J.C. Amaral	Assoc. Prudentina E.A.
XVI	1996	C.C.R. Cristovão Colombo	Nosso Clube de Limeira
XVII	1997	C.C.R. Cristovão Colombo	Clinica Francana Basketball
XVIII	1998	C.C.R. Cristovão Colombo	Tilibra / Copimax / Bauru
XIX	1999	Cultura / Campinas	S.R.E. Ribeirão Preto
XX	2000	Objetivo / Sorocaba	Clube de Campo de Piracicaba
XXI	2001	Objetivo / Sorocaba	Nosso Clube
XXII	2002	Nosso Clube	COC / Ribeirão
XXIII	2003	Aspa / CTBC – Franca	Objetivo / Sorocaba
XXIV	2004	ACCPE / Casa Branca	Aspa / CTBC – Franca
XXV	2005	Aspa / CTBC – Franca	Nosso Clube

- INFANTO-JUVENIL

I	1960	Clube Atlético de Lins	S.D.R. Nosso Clube
II	1961	Birigui P. Clube	São Paulo Futebol Clube
III	1962	São Carlos Clube	S.R.E. de Ribeirão Preto
IV	1963	Clube Atlético Santista	C.C.E. de São Carlos
V	1964	Tênis Clube São José	C.I.R. Guaratingueta
VI	1965	Tênis Clube Campinas	Santos Futebol Clube
VII	1966	Clube dos Bagres	Assoc. Luso Brasileira Bauru
VIII	1967	Clube Atlético Ourinhos	Assoc. Luso Brasileira Bauru
IX	1968	Clube Penapolense	Rio Preto Automóvel Clube
X	1969	Assoc. Luso Brasileira Bauru	Tênis Clube São José
XI	1970	Tênis Clube São José	Assoc. Luso Brasileira Bauru
XII	1971	São Carlos Clube	Clube Campineiro Reg. Nat.
XIII	1972	Jundiaí Clube	Clube Campineiro Reg. Nat.
XIV	1973	Assoc. Luso Brasileira Bauru	Jundiaí Clube
XV	1974	Assoc. Luso Brasileira Bauru	Sociedade Hípica Campinas
XVI	1975	G.G. Rioclarense	Sociedade Hípica Campinas
XVII	1976	Tênis Clube Campinas	Andradina Tênis Clube
XVIII	1977	Tênis Clube Campinas	Assoc. Esp. Jundiaense
XIX	1978	Assoc. Luso Brasileira Bauru	Assoc. Esp. Jundiaense
XX	1979	Clube Campo de Piracicaba	C.R. Saldanha da Gama
XXI	1980	Assoc. Atlético Francana	Assoc. Luso Brasileira Bauru
XXII	1981	Clube Campineiro Reg. Nat.	Assoc. Mathilde Zacharias
XXIII	1982	Clube Campineiro Reg. Nat.	Assoc. Mathilde Zacharias
XXIV	1983	Assoc. Atlético Francana	Assoc. Luso Brasileira Bauru
XXV	1984	Assoc. Francana Basquetebol	Tênis Clube Campinas
XXVI	1985	Assoc. Francana Basquetebol	Trianon Clube
XXVII	1986	Sociedade Esportiva Sanjoanense	Clube Atlético Mineral
XXVIII	1987	Clube Atlético Mineral	Clube Internacional Regatas
XXIX	1988	Ravelli-Franca Basketball	Dracena Cestobol Clube
XXX	1989	Ravelli-Franca Basketball	Trianon Clube
XXXI	1990	Assoc. Casabranquense de C.P.	Clube Campo Rio Claro
XXXII	1991	Sabesp Franca	Trianon Clube
XXXIII	1992	Clube do Ipê Soler	Blue Life Rio Claro
XXXIV	1993	Blue Life / Cesp	All Star Sabesp Franca
XXXV	1994	Dharma Yara Franca	América Futebol Clube
XXXVI	1995	Polti Vaporetto / Blue Life	Dharma Yara Franca
XXXVII	1996	Clube 22 de Agosto	Dharma Yara Franca
XXXVIII	1997	Nosso Clube	Marathon Gallus

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

XXXIX	1998	Assoc. Esportiva Jundiaense	C.C.R. Cristovão Colombo
XL	1999	C.C.R. Cristovão Colombo	Ass. Casabranquense C.P.
XLI	2000	C.S.Cultura Artística Campinas	C.C.R. Cristovão Colombo
- CADETE			
I	1993	Sociedade Hípica Campinas	Blue Life / Cesp
II	1994	Cesp / Rio Claro	Clube Araraquense
III	1995	América Futebol Clube	Tênis Clube de Campinas
IV	1996	Assoc. Esp.Cult. Cidade Rio Preto	Soc. Esp. Recreat. Ribeirão Preto
V	1997	Nosso Clube	Assoc. Esp.Cult. Cidade Rio Preto
VI	1998	Nosso Clube	Assoc. Esp.Cult. Cidade Rio Preto
VII	1999	Nosso Clube	C.C.R. Cristovão Colombo
- JUVENIL			
I	1959	Liga Santista Basketball	Esporte Clube XV de Novembro
II	1960	Esporte Clube XV de Novembro	Liga Santista Basketball
III	1961	Esporte Clube XV de Novembro	São Carlos Clube
IV	1962	Tênis Clube Campinas	Birigui Parque Clube
V	1963	Esporte Clube Noroeste	Assoc.Esportiva Paulista
VI	1964	Clube Atletico Santista	Tênis Clube São José
VII	1965	Tupan Clube Mirassol	Esporte Clube Noroeste
VIII	1966	Rio Preto Automóvel Clube	Esporte Clube XV de Novembro
IX	1967	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Santos Futebol Clube
X	1968	Assoc.Prudentina E.A.	Assoc.Luso Brasileira Bauru
XI	1969	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Penapolense
XII	1970	Clube Penapolense	Tênis Clube Campinas
XIII	1971	Jundiaí Clube	Assoc.Luso Brasileira Bauru
XIV	1972	Jundiaí Clube	Assoc.Luso Brasileira Bauru
XV	1973	Jundiaí Clube	Assoc.Luso Brasileira Bauru
XVI	1974	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Jundiaí Clube
XVII	1975	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Jundiaí Clube
XVIII	1976	Tênis Clube Campinas	C.R.Saldanha da Gama
XIX	1977	Assoc.Esp. Jundiaense	G.G. Rioclarense
XX	1978	Tênis Clube Campinas	Tênis Clube São José
XXI	1989	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Assoc.Esp.Jundiaense
XXII	1980	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Assoc.Desp.Unimep
XXIII	1981	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Internacional Regatas
XXIV	1982	Assoc.Desp.Unimep	Tênis Clube São José
XXV	1983	Clube Campineiro Reg.Nat.	Assoc.Mathilde Zacharias
XXVI	1984	Assoc.Desp.Class. Arberisa	Assoc.Francana Basquetebol
XXVII	1985	Assoc.Desp.Class. Minercal	Assoc.Francana Basquetebol
XXVIII	1986	Clube dos Bancarios Marília	Assoc.Mathilde Zacharias
XXIX	1987	Esporte Clube de Araçatuba	Tênis Clube Campinas
XXX	1988	Clube Internacional Regatas	Assoc.Casabranquense C.P.
XXXI	1989	Ravelli-Franca Basketball	Clube Internacional Regatas
XXXII	1990	Ravelli-Franca Basketball	Araçatuba Clube
XXXIII	1991	Araçatuba Clube	Sabesp Franca
XXXIV	1992	All Star Sabesp Franca	Araçatuba Clube
XXXV	1993	Sociedade Hípica Campinas	All Star Sabesp Franca
XXXVI	1994	Sabesp Franca Basquetebol	Clube Atletico Campestre Assis
XXXVII	1995	Polti Vaporetto / Blue Life	Assoc.Luso Brasileira Bauru

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

XXXVIII	1996	Dharma Yara Franca	Nosso Clube
XXXIX	1997	Nosso Clube	Marathon Gallus
XL	1998	Marathon / Franca B.C.	Assoc. Esp.Cult. Cidade Rio Preto
XLI	2000	Marathon / Franca B.C.	Nosso Clube

- PRIMEIRA DIVISÃO

I	1978	Esporte Clube XV de Novembro	Clube dos Bancarios Marília
II	1979	Clube Campineiro Reg.Nat.	Estoril Tênis Clube
III	1980	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Arberisa

- PRINCIPAL

I	1940	Grêmio Varnhagem	Liga Campineira
II	1941	-----//-----	-----//-----
III	1942	-----//-----	-----//-----
IV	1943	Taubate Country Club	S.D.R.Nosso Clube
V	1944	S.D.R.Nosso Clube	Taubate Country Club
VI	1945	Clube Regatas Vasco Gama	-----//-----
VII	1946	-----//-----	-----//-----
VIII	1947	Esporte Clube Sorocabano	Esporte Clube Mogiano
IX	1948	G.E.Guaratingueta	Esporte Clube Sorocabano
X	1949	Clube Campineiro Reg.Nat.	S.R.E.de Ribeirão Preto
XI	1950	Esporte Clube Sorocabano	Clube Atlético Ateneu Paulista
XII	1951	Assoc.Atlética Ponte Preta	-----//-----
XIII	1952	Tênis Clube São José	São Carlos Clube
XIV	1953	-----//-----	-----//-----
XV	1954	São Carlos Clube	Liga Araraquarense
XVI	1955	Esporte Clube XV de Novembro	São Carlos Clube
XVII	1956	São Carlos Clube	Tênis Clube São José
XVIII	1957	Esporte Clube XV de Novembro	Tênis Clube São José
XIX	1958	Esporte Clube XV de Novembro	São Carlos Clube
XX	1959	Esporte Clube XV de Novembro	São Carlos Clube
XXI	1960	Esporte Clube XV de Novembro	Tênis Clube São José
XXII	1961	-----//-----	-----//-----
XXIII	1962	Clube dos Bagres	Tênis Clube São José
XIV	1963	Clube dos Bagres	Esporte Clube XV de Novembro
XXV	1964	Clube dos Bagres	Esporte Clube XV de Novembro
XXVI	1965	Clube dos Bagres	Esporte Clube XV de Novembro
XXVII	1966	Clube dos Bagres	Esporte Clube XV de Novembro
XXVIII	1967	Clube dos Bagres	São Cactano Esporte Clube
XXIX	1968	Clube dos Bagres	Tênis Clube São José
XXX	1969	Tênis Clube São José	Clube dos Bagres
XXXI	1970	Tênis Clube Campinas	Tênis Clube São José
XXXII	1971	Clube dos Bagres	Tênis Clube Campinas
XXXIII	1972	Emmanuel de Franca	Trianon Clube
XXXIV	1973	Trianon Clube	Emmanuel Franca E.C.
XXXV	1974	Esporte Clube XV de Novembro	Emmanuel Franca E.C.
XXXVI	1975	Esporte Clube Amazonas	Tênis Clube Campinas
XXXVII	1976	Esporte Clube Amazonas	Tênis Clube Campinas
XXXVIII	1977	Assoc.Atlética Francana	Tênis Clube Campinas

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

CAMPEONATOS MASCULINOS ESTADUAIS

- PRÉ-MINI

I	1998	Volkswagen Clube	Rio Pardo Futebol Clube / ESCESP
II	1999	Nosso Clube	Clube Espéria
III	2000	Clube Atlético Ypiranga	CFB / Silicon / Franca
IV	2001	Aspa / Franca	A.C.C.P.E. / Leitor / Casa Branca
V	2002	Clube Regatas Saldanha Gama	Clínica Francana Basketball
VI	2003	Inter / Liceu São Paulo / Semes	Circulo Militar de São Paulo
VII	2004	Circulo Militar de São Paulo	Aspa / CTBC - Franca
VIII	2005	Aspa / CTBC - Franca	Inter / Liceu São Paulo

- MINI

I	1969	São Paulo Futebol Clube	Sport Club Corinthians Pta.
II	1970	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Espéria
III	1971	Clube Espéria	Assoc.Luso Brasileira Bauru
IV	1972	Clube Espéria	Esporte Clube Pinheiros
V	1973	Clube Espéria	Clube Atletico Juventus
VI	1974	Clube Atlético Pirelli	Clube Campineiro Reg.Nat.
VII	1975	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Espéria
VIII	1976	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Atletico Juventus
IX	1977	Continental Parque Clube	S.R.E. Ribeirão Preto
X	1978	Club Athlético Paulistano	São Paulo Futebol Clube
XI	1979	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Campineiro Reg.Nat.
XII	1980	Continental Parque Clube	Clube Espéria
XIII	1981	Esporte Clube Pinheiros	Clube Espéria
XIV	1982	Esporte Clube Sirio	Esporte Clube São Bernardo
XV	1983	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Pinheiros
XVI	1984	Esporte Clube São Bernardo	Continental Parque Clube
XVII	1985	Sport Club Corinthians Pta.	Continental Parque Clube
XVIII	1986	Continental Parque Clube	São Paulo Futebol Clube
XIX	1987	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
XX	1988	Esporte Clube Sirio	Continental Parque Clube
XXI	1989	Clube Espéria	Continental Parque Clube
XXII	1990	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Espéria
XXIII	1991	Santista Textil Sirio	São Paulo Futebol Clube
XXIV	1992	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Santo André
XXV	1993	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Santo André
XXVI	1994	Clube Internacional Regatas	Circulo Militar São Paulo
XXVII	1995	Esporte Clube Sirio	Clube Internacional Regatas
XXVIII	1996	C.C.R.Cristovão Colombo	Esporte Clube Sirio
XXIX	1997	Clube Campineiro Reg.Nat.	Clube Espéria
XXX	1998	Coop / Cooperhodia C.Bochofilo	Clube de Campo de Piracicaba
XXXI	1999	Clube Espéria	Sorocaba / Objetivo
XXXII	2000	Clube Espéria	Volkswagen Clube
XXXIII	2001	C.C.R. Cristovão Colombo	Clube Atlético Ypiranga
XXXIV	2002	Aspa / CTBC Franca	Clube Atlético Monte Libano
XXXV	2003	Clube Regatas Saldanha da Gama	Clube Espéria
XXXVI	2004	Inter / Liceu São Paulo / SEMES	Circulo Militar de São Paulo
XXXVII	2005	Aspa / CTBC - Franca	Esporte Clube Pinheiros

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

- MIRIM

I	1965	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sirio
II	1968	Sport Club Corinthians Pta.	São Paulo Futebol Clube
III	1969	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Sport Club Corinthians Pta.
IV	1970	São Carlos Clube	Sport Club Corinthians Pta.
V	1971	Sport Club Corinthians Pta.	São Carlos Clube
VI	1972	Clube Espéria	São Paulo Futebol Clube
VII	1973	G.G. Rioclarense	Sociedade Hípica Campinas
VIII	1974	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Pinheiros
IX	1975	Clube Atlético Juventus	Assoc. Bras."A Hebraica" S.P.
X	1976	Clube Atlético Pirelli	Clube Atlético Juventus
XI	1977	Clube Campo de Piracicaba	Tênis Clube São José
XII	1978	Clube Espéria	Clube Campo de Piracicaba
XIII	1979	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Campo de Piracicaba
XIV	1980	Clube de Regatas Tietê	Continental Parque Clube
XV	1981	Clube Santo Américo	Continental Parque Clube
XVI	1982	Clube de Regatas Tietê	Esporte Clube Sirio
XVII	1983	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Atlético Monte Libano
XVIII	1984	Clube de Regatas Tietê	Clube Campineiro Reg.Nat.
XIX	1985	Clube Espéria	Esporte Clube São Bernardo
XX	1986	Clube Espéria	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXI	1987	Esporte Clube Sirio	Sport Club Corinthians Pta.
XXII	1988	São Paulo Futebol Clube	Clube Atlético Pirelli
XXIII	1989	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Campineiro Reg.Nat.
XXIV	1990	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sirio
XXV	1991	Clube Espéria	Esporte Clube Pinheiros
XXVI	1992	Clube Espéria	Esporte Clube Pinheiros
XXVII	1993	Assoc. Casabranquense C.P.	C.A. Paulistano/Encol
XXVIII	1994	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Sport Club Corinthians Pta.
XXIX	1995	C.R.Tietê / B. Grand Lapa	Tênis Clube de Campinas
XXX	1996	Clube Internacional de Regatas	Esporte Clube Sirio
XXXI	1997	Clube Atlético Monte Libano	C.R. Tietê / Byte On
XXXII	1998	Esporte Clube Pinheiros	Clube Campineiro Reg.Nat.
XXXIII	1999	Clube de Campo de Piracicaba	Volkswagen Clube
XXXIV	2000	Nosso Clube	Clube Atlético Monte Libano
XXXV	2001	Volkswagen Clube	Nosso Clube
XXXVI	2002	Clube Atlético Ypiranga	C.C.R. Cristovão Colombo
XXXVII	2003	Esporte Clube Pinheiros	Circulo Militar de São Paulo
XXXVIII	2004	Clube Espéria	Sport Club Corinthians Pta.
XXXIX	2005	Circulo Militar de São Paulo	Club Atlético Paulistano

- INFANTIL

I	1981	Continental Parque Clube	Tênis Clube São José
II	1982	Continental Parque Clube	Clube Espéria
III	1983	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube de Regatas Tietê
IV	1984	Assoc.Francana de Basquetebol	Clube Espéria
V	1985	Esporte Clube São Bernardo	Esporte Clube Sirio
VI	1986	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sirio
VII	1987	Esporte Clube Sirio	Sport Club Corinthians Pta.
VIII	1988	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sirio
IX	1989	Esporte Clube Pinheiros	Esporte Clube Sirio
X	1990	Sociedade Esportiva Palmeiras	Continental Parque Clube

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

XI	1991	Continental Parque Clube	Santista Textil Sírio
XII	1992	Esporte Clube Sírio	Clube Espéria
XIII	1993	Clube Espéria	Blue Life / Cesp
XIV	1994	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Círculo Militar São Paulo
XV	1995	E.C. Pinheiros / Asia Motors	C. 22 de Agosto / J.C. Amaral
XVI	1996	C.C.R.Cristovão Colombo	Clube de Regatas Tietê
XVII	1997	Blue Life / Pinheiros	Círculo Militar São Paulo
XVIII	1998	C.C.R.Cristovão Colombo	Tilibra / Copimax / Bauru
XIX	1999	S.R.E. Ribeirão Preto	Esporte Clube Pinheiros
XX	2000	Volkswagen Clube	Objetivo / Sorocaba
XXI	2001	Objetivo / Sorocaba	Clube Atlético Monte Libano
XXII	2002	Esporte Clube Pinheiros	Nosso Clube
XXIII	2003	Aspa / CTBC – Franca	Esporte Clube Pinheiros
XXIV	2004	Esporte Clube Pinheiros	Círculo Militar São Paulo
XXV	2005	Nosso Clube	Círculo Militar de São Paulo

- INFANTO-JUVENIL

I	1960	Clube Espéria	Sport Club Corinthians Pta.
II	1961	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
III	1962	Sociedade Esportiva Palmeiras	São Carlos Clube
IV	1963	Sociedade Esportiva Palmeiras	Club Atlético Paulistano
V	1964	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
VI	1965	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Corinthians Pta.
VII	1966	Esporte Clube Sírio	Sport Club Corinthians Pta.
VIII	1967	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Ourinhense
IX	1968	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
X	1969	Sociedade Esportiva Palmeiras	Jundiaí Clube
XI	1970	Clube Atlético Juventus	Sociedade Esportiva Palmeiras
XII	1971	Clube Espéria	São Carlos Clube
XIII	1972	Jundiaí Clube	São Paulo Futebol Clube
XIV	1973	São Paulo Futebol Clube	Assoc.Luso Brasileira Bauru
XV	1974	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sociedade Hípica Campinas
XVI	1975	Assoc. Bras."A Hebraica" de S.P.	Clube Atlético Pirelli
XVII	1976	Clube Atlético Juventus	Sport Club Corinthians Pta.
XVIII	1977	Clube Atlético Juventus	Tênis Clube Campinas
XIX	1978	Assoc.Luso Brasileira Bauru	Clube Atlético Juventus
XX	1979	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Espéria
XXI	1980	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Campineiro Reg.Nat.
XXII	1981	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sírio
XXIII	1982	Continental Parque Clube	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXIV	1983	Assoc.Atlética Francana	Club Atlético Paulistano
XXV	1984	Assoc.Francana Basquetebol	Continental Parque Clube
XXVI	1985	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Sírio
XXVII	1986	Continental Parque Clube	Sport Club Corinthians Pta.
XXVIII	1987	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube São Bernardo
XXIX	1988	Esporte Clube Sírio	Sport Club Corinthians Pta.
XXX	1989	Ravelli-Franca Basketball	Continental Parque Clube
XXXI	1990	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Atlético Monte Libano
XXXII	1991	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Atlético Pirelli
XXXIII	1992	Continental Parque Clube	Assoc. Atlética Guarú
XXXIV	1993	Blue Life / Cesp	Palmeiras / Parmalat
XXXV	1994	E.C. Pinheiros / Asia Motors	América Futebol Clube
XXXVI	1995	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Círculo Militar São Paulo
XXXVII	1996	Clube 22 de Agosto	F.C. Pinheiros / Asia Motors

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

XXXVIII	1997	Nosso Clube	Clube de Regatas Tietê
XXXIX	1998	Circulo Militar São Paulo	Esporte Clube Pinheiros
XL	1999	Assoc. Casabranquense C.P.	Assoc. Bras. "A Hebraica" S.Paulo
XL I	2000	Clube Atlético Monte Libano	Continental Parque Clube
XLII	2001	Assoc. Bras. "A Hebraica" S.Paulo	Esporte Clube Pinheiros
XLIII	2002	Apaba / Corinthians	Objetivo / Sorocaba
XLIV	2003	Esporte Clube Pinheiros	Associação Limeirense Basquetebol
XLV	2004	Franca Basquetebol	RCG / CSA / Garça
XLVI	2005	Coc / Ribeirão	Esporte Clube Pinheiros

- CADETE

I	1993	Continental Parque Clube	Clube Espéria
II	1994	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Cesp / Rio Claro
III	1995	Clube Espéria	América Futebol Clube
IV	1996	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Continental Parque Clube
V	1997	Assoc. Esp. Cult. Cidade Rio Preto	Blue Life / Pinheiros
VI	1998	Nosso Clube	Assoc. Bras. "A Hebraica" S.P.
VII	1999	Clube Atlético Monte Libano	Nosso Clube
VIII	2000	A.C.C.P.E. / AGF	Apaba / Bochofilo
IX	2001	Assoc. Bras. "A Hebraica" S.P.	Sport Club Corinthians Pta.
X	2002	Assoc. Bras. "A Hebraica" S.P.	Cultura / Objetivo
XI	2003	Esporte Clube Pinheiros	Clube Atlético Ypiranga
XII	2004	COC / Ribeirão	Paulistano / Dix Amico
XIII	2005	Franca Basquetebol Clube	SE RCG / Garça

- JUVENIL

I	1960	Esporte Clube Sirio	Esporte Clube XV de Novembro
II	1961	Clube Espéria	Esporte Clube Pinheiros
III	1962	Clube Atlético Ypiranga	Clube Espéria
IV	1963	Esporte Clube Noroeste	Clube Espéria
V	1964	Sociedade Esportiva Palmeiras	Club Atlético Paulistano
VI	1965	Sociedade Esportiva Palmeiras	Tênis Clube São José
VII	1966	Sport Club Corinthians Pta.	Assoc. Luso Brasileira Bauru
VIII	1967	Sport Club Corinthians Pta.	Assoc. Luso Brasileira Bauru
IX	1968	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
X	1969	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Penapolense
XI	1970	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Penapolense
XII	1971	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Atlético Juventus
XIII	1972	Clube Atlético Juventus	Jundiaí Clube
XIV	1973	Jundiaí Clube	São Paulo Futebol Clube
XV	1974	Sociedade Esportiva Palmeiras	Assoc. Bras. "A Hebraica" S.P.
XVI	1975	Jundiaí Clube	Esporte Clube Sirio
XVII	1976	Esporte Clube Sirio	Clube Atlético Pirelli
XVIII	1977	Sociedade Esportiva Palmeiras	Assoc. Esp. Jundiaense
XIX	1978	Sociedade Esportiva Palmeiras	Tênis Clube São José
XX	1979	Sociedade Esportiva Palmeiras	Tênis Clube São José
XXI	1980	C.R. Saldanha da Gama	Tênis Clube Campinas
XXII	1981	Esporte Clube Sirio	Assoc. Desp. Unimep
XXIII	1982	Esporte Clube Sirio	Continental Parque Clube
XXIV	1983	Sociedade Esportiva Palmeiras	Continental Parque Clube
XXV	1984	Esporte Clube Sirio	Continental Parque Clube

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

XXVI	1985	Esporte Clube Sírio	Continental Parque Clube
XXVII	1986	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
XXVIII	1987	Sport Club Corinthians Pta.	Continental Parque Clube
XXIX	1988	Clube Atlético Monte Libano	Sport Club Corinthians Pta.
XXX	1989	Continental Parque Clube	Clube Atletico Pirelli
XXXI	1990	Esporte Clube Sírio	Continental Parque Clube
XXXII	1991	Santista Textil Sírio	Continental Parque Clube
XXXIII	1992	All Star Sabesp Franca	Esporte Clube Sírio
XXXIV	1993	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sírio
XXXV	1994	Continental Parque Clube	Sport Club Corinthians Pta.
XXXVI	1995	Continental Parque Clube	Esporte Clube Sírio
XXXVII	1996	São Caetano Esporte Clube	Nosso Clube de Limeira
XXXVIII	1997	Blue Life / Pinheiros	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXIX	1998	Esporte Clube Pinheiros	Continental Parque Clube
XL	1999	COC / Ribeirão	Esporte Clube Pinheiros
XLI	2000	Marathon / Franca B.C.	Assoc.Bras. "A Hebraica" S.P.
XLII	2001	Esporte Clube Pinheiros	Assoc.Bras. "A Hebraica" S.P.
XLIII	2002	Uniara Fundesport	Franca Basquetebol Clube
XLIV	2003	Uniara / Araraquara	Assoc.Bras. "A Hebraica" S.P.
XLV	2004	Uniara / Araraquara	Esporte Clube Pinheiros
XLVI	2005	Uniara / Araraquara	Coc / Ribeirão

- SEGUNDA DIVISÃO

I	1984	Assoc.Desp.Class.Sifco	Clube Recreativo de Assis
II	1985	C.S.E.C.de Lençóis Pta.	Clube Araraquarense
III	1986	Clube dos Bancários Marília	Assoc.Desp.Rabechi
IV	1987	Esporte Clube Cubatão	Clube Atlético Taboão Serra

- PRIMEIRA DIVISÃO

IV	1981	Clube Campo Rio Claro	Esporte Clube Pinheiros
V	1982	Sport Club Corinthians Pta.	Estoril Tênis Clube
VI	1983	Assoc.Desp.Class.Pirelli e Floresta Atlético Clube	S.D.R.Nosso Clube
VII	1984	Assoc.Desp.Class. Minercal	S.D.R.Nosso Clube
VIII	1985	Assoc. Bras."A Hebraica" de S.P.	Trianon Clube
IX	1986	Tênis Clube São José	Clube Internacional Reg.
X	1987	Esporte Clube XV de Novembro	São Carlos Clube
XI	1988	S.R.E.Ribeirão Preto	Suzano Futebol Clube
XII	1989	São Paulo Futebol Clube	Objetivo Araçatuba Clube
XIII	1990	Grêmio Esportivo Ncobor	Palmeiras Futebol Clube
XIV	1991	Assoc. Prudentina Esp.Atl.	Assoc.Desp.Class.Policia Civil
XVI	1992	Clube Náutico de Itanhaem	

- PRINCIPAL

I	1932	Palestra Itália	Clube Campineiro Reg.Nat.
II	1933	Palestra Itália	Clube Campineiro Reg.Nat.
III	1934	Palestra Itália	Clube Campineiro Reg.Nat.
IV	1935	Sport Club Corinthians Pta.	Assoc.Esp. Jundiaense
V	1936	Clube Espéria	Assoc.Esp. Jundiaense

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

VI	1937	Clube Espéria	Assoc.Sorocabano Basketball
VII	1938	Clube Espéria	Grêmio Varnhagem
VIII	1939	Sport Club Corinthians Pta.	São Carlos Clube
IX	1940	Clube Espéria	Grêmio Varnhagem
X	1947	Sport Club Corinthians Pta.	Grêmio Esportivo Guaratingueta
XI	1951	Sport Club Corinthians Pta.	Assoc.Atlética Ponte Preta
XII	1952	Sport Club Corinthians Pta.	Tênis Clube São José
XIII	1954	Sport Club Corinthians Pta.	São Carlos Clube
XIV	1955	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube XV de Novembro
XV	1957	Esporte Clube XV de Novembro	Clube Espéria
XVI	1958	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube XV de Novembro
XVII	1959	Esporte Clube Sirio	Esporte Clube XV de Novembro
XVIII	1960	Esporte Clube XV de Novembro	Sociedade Esportiva Palmeiras
XIX	1961	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Sirio
XX	1962	Esporte Clube Sirio	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXI	1963	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Sirio
XXII	1964	Sport Club Corinthians Pta.	Clube dos Bagres
XXIII	1965	Sport Club Corinthians Pta.	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXIV	1966	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube XV de Novembro
XXV	1967	Esporte Clube Sirio	Sport Club Corinthians Pta.
XXVI	1968	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sirio
XXVII	1969	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sirio
XXVIII	1970	Esporte Clube Sirio	Clube dos Bagres
XXIX	1971	Esporte Clube Sirio	Emmanuel Franca E.C.
XXX	1972	Sociedade Esportiva Palmeiras	Trianon Clube
XXXI	1973	Emmanuel de Franca E.C.	Trianon Clube
XXXII	1974	Sociedade Esportiva Palmeiras	Esporte Clube Amazonas
XXXIII	1975	Esporte Clube Amazonas	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXIV	1976	Esporte Clube Amazonas	Sociedade Esportiva Palmeiras
XXXV	1977	Assoc.Atlética Francana	Esporte Clube Sirio

- DIVISÃO ESPECIAL SÉRIE A2

I	1991	Transurc Tenis Campinas	Dharma Yara Franca
II	1992	Associação Atlética Guarú	Assoc. Prudentina E.A.
III	1993	Unimed ABC Santo André	L.A.A. Univ. Mackenzie
IV	1994	Clube 22 de Agosto	Náutico / T. Eucatex
V	1995	Mirassol Futebol Clube	L.A.A. Univ. Mackenzie
VI	1996	Assoc. Luso Bras. de Bauru	Trianon Clube de Jacarei
VII	1997	Assoc.Bras. "A Hebraica" S.P.	São Caetano Esporte Clube
VIII	1998	A.C.C.P.E. / AGF	Uniará / Fundesport
IX	2000	Rio Pardo / Irga	-----//-----
X	2001	Winner / Limeira	Hípica / Anglo / Atria
XI	2002	A.M.E.A. / Assis	S.E.R. / Jau
XII	2003	Databasket / São Bernardo	XV / Unimep / Selam
XIII	2004	Americana Basketball	Objetivo / São Carlos
XIV	2005	Tênis Clube São José / Vinac / Fadenp	Regatas / Campinas

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

- DIVISÃO ESPECIAL

I	1978	Esporte Clube Sírio	Assoc. Atlético Francana
II	1979	Esporte Clube Sírio	Assoc. Atlético Francana
III	1980	Tênis Clube São José	Assoc. Atlético Francana
IV	1981	Tênis Clube São José	Clube Atlético Monte Libano
V	1982	Clube Atlético Monte Libano	Sport Club Corinthians Pta.
VI	1983	Sport Club Corinthians Pta.	Esporte Clube Sírio
VII	1984	Clube Atlético Monte Libano	Sport Club Corinthians Pta.
VIII	1985	Sport Club Corinthians Pta.	Clube Atlético Monte Libano
IX	1986	Clube Atlético Monte Libano	Esporte Clube Sírio
X	1987	Clube Campo Rio Claro	Clube Atlético Monte Libano
XI	1988	Ravelli-Franca Basketball	Esporte Clube Sírio
XII	1989	Lwart-Lwarcel Lençóis Pta.	Clube Atlético Pirelli
XIII	1990	Ravelli-Franca Basketball	Cesp Rio Claro
XIV	1991	Cesp / Blue Life	Sabesp Franca
XV	1992	All Star Sabesp Franca	Ipê / Banepa
XVI	1993	Blue Life Rio Claro	Satierf Franca
XVII	1994	Cesp Rio Claro	N.C.N.B. Nosso Clube
XVIII	1995	Polti Vaporetto / Blue Life	Associação Atlético Guarú
XIX	1996	Report / Eroles / Mogi das Cruzes	Franca Cougar
XX	1997	Marathon Gallus	Polti / COC / Ribeirão Preto
XXI	1998	Mackenzie/Microcamp/Barueri	Valtra Tratores / C.C.M.C.
XXII	1999	Luso / Tilibra / Copimax	Marathon / Franca B.C.
XXIII	2000	Marathon / Franca B.C.	Tilibra / Copimax / Bauru
XXIV	2001	COC / Ribeirão	Uniara Fundesport
XXV	2002	COC / Ribeirão	Uniara Fundesport
XXVI	2003	COC / Ribeirão	Corinthians / Mogi
XXVII	2004	COC / Ribeirão	Winner / Limeira
XXVIII	2005	COC / Ribeirão	Paulistano / Dix Amico

- TORNEIO INÍCIO DA DIVISÃO ESPECIAL

I	1986	Nosso Clube Clube	Campo Rio Claro
II	1987	Assoc. Francana Basquetebol	Sport Club Corinthians Pta.
III	1988	Ravelli-Franca Basketball	Esporte Clube Sírio
IV	1989	Lwart-Lwarcel L.Pta.	Clube Atlético Monte Libano
V	1990	Clube Atlético Pirelli	Perdigão Soler
VI	1991	Cesp / Blue Life	Sociedade Esportiva Palmeiras
VII	1992	Esporte Clube Sírio	Mastra Nosso Clube Limeira
VIII	2001	COC / Ribeirão	Uniara Fundesport
IX	2003	Uniara / Araraquara	Paulistano / UniFMU
X	2004	Uniara / Araraquara	Conti / A.M.E.A. / Assis
XI	2005	Franca Basquetebol Clube	Uniara / Araraquara

CAMPEONATO ESTADUAL SUB 22

I	1993	Continental Parque Clube	N.C.N.B. Nosso Clube
II	1994	E.C. Pinheiros / Asia Motors	Sport Club Corinthians Pta.
III	1995	Continental / Alphaville	Franca Basquetebol Clube

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL

TORNEIO INTERNACIONAL CIDADE DE SÃO PAULO

I	1996	Brasil	Argentina
II	1997	Brasil	Argentina
III	1998	Portugal	Brasil

TORNEIO "NOVO MILÊNIO"

I	2001	Esporte Clube Pinheiros	Sociedade Esportiva Palmeiras
II	2002	Rio Pardo / Irga	Winner / Limeira
III	2003	Assoc.Bras. "A Hebraica" S.Paulo	São Caetano Esporte Clube
IV	2004	Conti / A.M.E.A. / Assis	Winner / Limeira
V	2005	Conti / A.M.E.A. / Assis	Plasutil / Sukest / Bauru